

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
EDUCAÇÃO, GÉNERO, CORPO E VIOLÊNCIA

# **“Com quantas calorias se faz uma revolução?”: Problematizando práticas e narrativas gordofóbicas presentes na cultura ocidental no século XXI**

Tabatha Mourão Araújo de Bulhões

**M**

2022





**Mestrado em Ciências da Educação**  
Educação, Género, Corpo e Violência

**“Com quantas calorias se faz uma revolução?”: Problematizando práticas e narrativas gordofóbicas presentes na cultura ocidental no século XXI**

Autora: Tabatha Mourão Araújo de Bulhões

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadoras: Professora Doutora Anabela Amaral e Professora Doutora Maria José Magalhães

## RESUMO

A questão central desta investigação é compreender como se deu a dinâmica do processo de formação da lógica da gordofobia no Ocidente, procurando demonstrar práticas e discursos, que corroboram na manutenção do imaginário gordofóbico contemporâneo, em especial, sobre os corpos gordos femininos. Do mesmo modo, buscamos reconhecer como essa ideia se dissemina nos espaços institucionais e de que forma pode ser problematizada na área da Educação. Essa pesquisa foi situada em uma metodologia qualitativa, adotando como procedimentos de recolha da informação, a revisão de literatura, materiais iconográficos e a técnica dos Grupos de Discussão Focalizada. De acordo com os resultados analisados, pudemos verificar que diferentes formas de violência, produzidas por práticas e narrativas gordofóbicas, impactam a nível emocional e psicológico, as pessoas consideradas gordas e obesas, revelando-nos que a gordofobia não se apresenta apenas em uma dimensão estética. Também foi possível identificar que ambientes educacionais, formais ou não-formais, podem ser percebidos como lugares propícios para a manutenção desse imaginário. Dessa forma, entendemos que a educação midiática, pode vir a ser um importante caminho para problematizações, reflexões e atuações, políticas, sociais e culturais, com o propósito de ressignificar aspectos promovidos pela gordofobia.

**Palavras-chave:** gordofobia; corpo; gênero; educação midiática; estudos culturais.

## RESUMEN

La pregunta central de esta investigación es comprender cómo se dio la dinámica del proceso de formación de la lógica de la gordofobia en Occidente, tratando de evidenciar prácticas y discursos que corroboren el mantenimiento del imaginario gordofóbico contemporáneo, especialmente sobre los cuerpos gordos femeninos. Asimismo, buscamos reconocer cómo se difunde esta idea en los espacios institucionales y cómo se puede problematizar en el área de Educación. Esta investigación se basó en una metodología cualitativa, adoptando como procedimientos de recolección de información, la revisión bibliográfica, materiales iconográficos y la técnica de Grupos de Discusión. De acuerdo con los resultados analizados, pudimos verificar que diferentes formas de violencia, producidas por prácticas y narrativas gordofóbicas, tienen un impacto emocional y psicológico en las personas consideradas gordas y obesas, revelando que la gordofobia no se presenta solo en una dimensión estética. También fue posible identificar que ambientes educativos, formales o no formales, pueden ser percibidos como lugares propicios para el mantenimiento de este imaginario. De esta forma, entendemos que la educación en medios puede convertirse en un importante camino de problematización, reflexión y acción, política, social y cultural, con el propósito de resignificar aspectos promovidos por la gordofobia.

**Palabras clave:** gordofobia; cuerpo; género; educación en medios; estudios culturales.

## **ABSTRACT**

The central question of this investigation is to understand how the dynamics of the process of formation of the logic of fatphobia took place in the West, trying to demonstrate practices and discourses that corroborate the maintenance of the contemporary fatphobic imaginary, especially about the fat female bodies. Likewise, we seek to recognize how this idea is disseminated in institutional spaces and how it can be problematized in the area of Education. This research was based on a qualitative methodology, adopting as procedures for collecting information, the literature review, iconographic materials and the Focus Group technique. According to the analyzed results, we were able to verify that different forms of violence, produced by fatphobic practices and narratives, have an emotional and psychological impact on people considered fat and obese, revealing that fatphobia is not presented only in an aesthetic dimension. It was also possible to identify which educational environments, formal or non-formal, can be perceived as favorable places for the maintenance of this imaginary. In this way, we understand that media education can become an important path for problematization, reflections and actions, political, social and cultural, with the purpose of re-signifying aspects promoted by fatphobia.

**Keywords:** fatphobia; body; gender; media education; cultural studies.

## RESUMÉ

La question centrale de cette enquête est de comprendre comment la dynamique du processus de formation de la logique de la grossophobie s'est déroulée en Occident, en essayant de démontrer des pratiques et des discours qui corroborent le maintien de l'imaginaire fatphobe contemporain, en particulier sur les corps féminins gras. De même, nous cherchons à reconnaître comment cette idée est diffusée dans les espaces institutionnels et comment elle peut être problématisée dans le domaine de l'éducation. Cette recherche était basée sur une méthodologie qualitative, adoptant comme procédures de collecte d'informations, la revue de la littérature, les matériaux iconographiques et la technique du groupe de discussion focalisé. Selon les résultats analysés, nous avons pu vérifier que différentes formes de violence, produites par des pratiques et des récits fatphobes, ont un impact émotionnel et psychologique sur les personnes considérées comme grosses et obèses, révélant que la grossophobie n'est pas présentée uniquement dans une dimension esthétique. Il a également été possible d'identifier quels environnements éducatifs, formels ou non formels, peuvent être perçus comme des lieux propices au maintien de cet imaginaire. De cette manière, nous comprenons que l'éducation aux médias peut devenir une voie importante de problématisation, de réflexions et d'actions, politiques, sociales et culturelles, dans le but de re-signifier les aspects promus par la grossophobie.

**Mots-clés:** grossophobie; corps; genre; éducation aux médias; études culturelles.

*À minha querida avó Tereza, que no conforto de seus braços macios, demonstrou-me ser possível amar a minha forma voluptuosa de ser.*

*Ao meu gatinho Bacco, que estará, eternamente, ronronando em meu coração.*

*A todas e todos vocês, que vivenciaram/vivenciam o peso do silêncio. Sintam-se abraçadas/os e saibam que não estão sós... Viva a (re)existência gorda!*

Sou gorda.

Gorda enquanto como,

Gorda enquanto deito,

Gorda enquanto ando, enquanto beijo,

Gorda enquanto sinto, inspiro e almejo,

Gorda, robusta, goxtoza, carnuda e macia.

Sou a própria carne daquelas e daqueles que um dia tentaram me fazer não-ser.

Componho a minha forma, da mesma forma que a vida cultiva as suas nuances.

Entrelaço as minhas curvas, ao mesmo passo em que integro esse texto.

Sou,

Gorda. (Tabatha Mourão, 2022)



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, que me apoiou em cada segundo deste percurso, desde a nossa mudança para Portugal, até o processo da escrita desta dissertação. Obrigada por ser a melhor referência de mulher que eu poderia desejar ter! Se não fosse por todos os seus esforços, dedicação e amor, eu não teria conseguido chegar onde estou. Te amo!

Agradeço ao meu pai, que da sua maneira, fez-se presente nesse processo, transmitindo-me amor e carinho. Tenho muito orgulho em herdar as raízes populares da cultura caçara, no meu corpo e na minha história. Tarituba, não é um somente um lugar, é também a minha identidade.

Agradeço aos meus irmãos, Tiago e Luiza, que sempre estão e continuarão estando comigo no meu coração.

Agradeço às minhas orientadoras, Anabela Amaral e Maria José Magalhães, pela generosa disponibilidade em me orientar, pela confiança no projeto de pesquisa, pela escuta e por compartilhar seus conhecimentos. Sou muito grata pela força e pelo incentivo que me deram ao longo da pesquisa, em especial, nesse momento final. Além de excelentes professoras, ambas são potentes inspirações em minha busca, no que se refere à forma de atuar enquanto profissional no campo da Psicologia e da Educação, e enquanto ativista dos movimentos feministas. Obrigada por tudo!

Agradeço também à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e as/aos professoras/es do curso, pela oportunidade de ter realizado o mestrado em Ciências da Educação. E também às/aos minhas/meus colegas e amigos de curso, com os quais pude viver momentos tão significativos e, sobretudo, de experiências. Em especial, agradeço à minha amiga Claudia Oliveira e ao meu amigo Leonardo Mendonza, que contribuíram com inúmeras reflexões teóricas, presentes no corpo desta investigação e deram-me todo o carinho, tranquilizando-me em todos os trabalhos e processos vividos ao longo deste percurso.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Educação, especialmente, as/aos professoras/es, técnicas/os-administrativas/os, estagiárias/os e funcionárias/os da limpeza e de manutenção, por tudo o que me foi oferecido ao longo desses 2 anos.

Agradeço à minha linhagem feminina materna e paterna, que lutaram e continuam lutando contra o sistema patriarcal, desde novas e são referências fundamentais no desenrolar dos capítulos da minha vida.

Agradeço às minhas avós e avôs, a todas/os meus parentes que já partiram e às/aos minhas/meus ancestrais, pois eu não tenho dúvida que seguem me dando forças e apoio, independente do lugar onde estejam.

Agradeço ao meu grande amor, Pedro Campota, que esteve do meu lado em todos os momentos, desde o dia em que cruzamos as nossas histórias. Atravessei um oceano para, finalmente, encontrar você, que me faz sentir, a cada dia, que é possível amar sem temer!

Agradeço à minha sogra, Marta Campota, por sua generosidade e acolhimento, ao longo de todo o meu percurso em Portugal.

Agradeço à minha querida amiga Clarissa Sarkis e ao meu querido amigo Rodrigo Barros, pois ao longo das leituras e escritas dessa dissertação, pude me dar conta do quão potente é a minha identificação com a nossa amizade. Nossas histórias se interligam a partir das opressões, humilhações, exclusões e violências, que experienciamos devido à lógica da gordofobia, mas também, da linda e robusta volta por cima que demos nessa parte de nossas histórias, estando sempre de mãos dadas, em cada ressignificação. Esse trabalho é por nós e para nós!

Agradeço às minhas amigas da faculdade de Psicologia, mais especificamente à Thais Campos, Isabela Borges, Gabriela Epifânio e Gabriela Malizia, por terem comemorado e torcido por minhas conquistas, ao longo de todos os nossos anos de amizade.

Agradeço às minhas amigas de escola, assim como todas as amigas e amigos que fui fazendo ao longo da vida, pois com amor, carinho, força e risadas, tornaram as minhas jornadas mais leves e divertidas.

Agradeço à minha professora de inglês, Fabiana Macêdo, bem como todas/os as/os professoras/es que tiveram um papel indispensável em minha formação enquanto estudante e como pessoa.

Agradeço a todas as mulheres e pessoas gordas e obesas, que muito lutaram e continuam lutando pelo nosso direito de existir. Obrigada por validarem e me ajudarem a curar as minhas dores, ocasionadas pela gordofobia e por terem me incentivado a olhar para a palavra gorda, sem receio ou vergonha, mas sim, com muito carinho e orgulho. Saúdo o ativismo gordofeminista!

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I - NARRATIVAS HISTÓRICAS E CULTURAIS ACERCA DOS PADRÕES ESTÉTICOS DO CORPO FEMININO NO OCIDENTE</b> .....	19
<b>CAPÍTULO II - GORDOFOBIA: COMPREENDENDO O PESO DAS PALAVRAS</b> .....	33
2.1) A problemática da representação do corpo feminino, idealizado, na cultura midiática.....	36
2.2) A educação midiática e o seu papel no combate à gordofobia.....	50
<b>CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	59
3.1) Procedimentos de recolha da informação .....	62
3.2) Grupos de Discussão Focalizada: Manifestando a forma.....	63
3.2.1) <i>Questões Éticas</i> .....	67
3.2.2) <i>Contexto empírico</i> .....	69
3.3. Análise de Conteúdo: Reflexões sobre a produção de discursos.....	70
<b>CAPÍTULO IV - “SER GORDO NÃO É PECADO”: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DIÁLOGOS ENTRE AS/OS JOVENS DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO FOCALIZADA</b> .....	74
4.1. A estrutura da gordofobia .....	75
4.1.1) <i>A busca pelo entendimento do conceito</i> .....	75
4.1.2) <i>A tensão presente na ideia de corpo “ideal</i> .....	79
4.2. O impacto da gordofobia e suas consequências.....	84
4.2.1. <i>As diferentes formas de violência promovidas pela gordofobia</i> .....	84
4.3. Gordofobia e o campo da Educação .....	90
<b>CONCLUSÃO</b> .....	96
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	103

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Vênus von Willendorf .....	22
Figura 2 – Vênus de <i>Lespugue</i> .....	23
Figura 3 – Vênus <i>Hotentote</i> .....	24
Figura 4 – Vênus de <i>Milo</i> .....	27
Figura 5 – O Nascimento da Vênus, Sandro Boticelli .....	29
Figura 6 – Kim Kardashian no artigo do Correio Braziliense .....	38
Figura 7 – Artigo Revista Marie Claire .....	40
Figura 8 – Propaganda de espartilho publicada na Revista Fon Fon.....	42
Figura 9 – Cantoras Simone e Simaria.....	42
Figura 10 – Recorte do artigo “O que é gordofobia e por que falar dela”, de Ana Luiza Sousa Peixoto .....	43
Figura 11 – Cena da série <i>Insatiable</i> .....	45
Figura 12 – Cena do filme <i>Shallow Hal</i> .....	46
Figura 13 – Rita Carreira na capa da Vogue .....	49
Figura 14 – <i>Influencer</i> digital Caio Revela .....	49
Figura 15 – A bailarina profissional Júlia Del Bianco .....	50
Figura 16 – As representações das princesas e das vilãs da <i>Disney</i> .....	57

# INTRODUÇÃO

Esse projeto de dissertação tem como finalidade entender a aversão percebida sobre os corpos gordos e obesos, buscando problematizar a violência exercida sobre eles, em especial, acerca do corpo feminino. Assim sendo, este trabalho gira em torno de duas categorias que, frequentemente, estão associadas à concepção de corpo não-magro, ou seja, não-padrão, e que marcam as histórias de vida de mulheres gordas e obesas: o ideal de beleza do corpo feminino e a gordofobia.

Logo, este estudo pretende pesquisar e compreender a gordofobia, enquanto uma estrutura social, que submete os corpos gordos e obesos, cotidianamente, a situações de opressão, preconceito, estigmatização, inferiorização, exclusão e diversas formas de violência.

Desse modo, a questão central desta investigação será compreender como é engendrada a narrativa gordofóbica na cultura ocidental contemporânea, em especial, sobre o corpo gordo feminino, procurando reconhecer de que maneira essa lógica se reproduz, é ressignificada e pode ser desconstruída no espaço midiático, e de que modo podemos problematizar essas ideias no âmbito da educação.

Portanto, esse estudo tem, como objetivo geral, investigar a dinâmica social do processo de formação da imagem do tipo gorda e gordo, procurando reconhecer as diversas influências e atores/as que, ao longo da história do corpo no Ocidente, propiciaram a produção e definição dessas formas e desse conceito estético, presentes ainda hoje em seus diversos modos de representação.

Vamos buscar entender, também, quando, onde e como, o olhar hegemônico foi determinante na construção destes estereótipos. Do mesmo modo, procuramos examinar de que maneira ocorreram e ainda ocorrem os processos de significação dos termos gorda, gordo e gordofobia, como produto de contingência das conjunturas culturais, sociais, políticas e tecnológicas nas culturas moderna e pós-moderna. Além disso, pretendemos pesquisar, analisar e problematizar algumas imagens de corpos gordos, presentes na cultura visual e literária ocidental, seja no âmbito das artes, da moda, da publicidade e dos meios de comunicação em geral. Iremos considerar, ainda, de que maneira a educação midiática pode vir a ser um campo relevante para a discussão sobre a temática da gordofobia nas instituições escolares, buscando destacar se esses lugares estão preparados para receber e acolher a pluralidade de corpos presentes na sociedade.

No que diz respeito ao Estado da Questão, encontramos um número considerável de pesquisas que abordam a questão do corpo numa perspectiva histórica, social, cultural e política, como demonstram, os estudos de Jorge Crespo (2001), Judith P. Butler (2003), Marcella Uceda Betti (2014), Mauro Fiorani (2007), Michael Foucault (1977; 1984; 2008), Silvana V. Goellner

(2013) e Susan R. Bordo (1997), ainda que não relacionem essas ideias ao termo gordofobia.

Por outro lado, embora este tema esteja mais presente, atualmente, em diversos veículos midiáticos, conforme podemos observar nas comunicações de revistas *online* como Galileu<sup>1</sup>, Revista Continente<sup>2</sup> e Super Interessante<sup>3</sup>, nem todas as publicações abordam o assunto dentro de um ponto de vista que contribua para a problematização e ressignificação destas narrativas gordofóbicas.

Contudo, um conjunto de trabalhos acadêmicos que incluem as obras *10 gritos contra la gordofobia* (2019) e *Stop Gordofobia y las panzas subversas* (2016), da ativista gordofeminista Magdalena Piñeyro, a dissertação de Natália Fonseca de Abreu Rangel, *O ativismo gordo em campo: Política, identidade e construção de significados* (2018), a tese de Maria Luisa Jimenez Jimenez, *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos* (2020), o artigo “*Imagina ela nua!*”: *Experiências de mulheres que se autodeclaram gordas* (2018) de Camila Ferraz Jucá *et al.*, entre outros, vieram acrescentar uma dimensão política para essas questões.

Observamos, da mesma forma, que existe uma larga produção acadêmica no Brasil, que aborda a temática da gordofobia no campo da Comunicação (Arruda, 2019; Isaia, 2015; Sudo, & Luz, 2007; Rodrigues, & Arcoverde, 2014), bem como no domínio da Saúde (Mattos, & Luz, 2009; Vianna, 2018; Teixeira *et. al.*, 2012; Silva, & Cantisane, 2018; Mattos *et al.*, 2012), porém, deixam de referir uma perspectiva intersseccional sobre o tema.

Constatamos, também, que há uma grande demanda no campo acadêmico de estudos voltados para projetos políticos pedagógicos, que compreendam a cultura visual como um dispositivo robusto e importante na desconstrução e problematização da gordofobia, presente tanto nos espaços sociais, quanto nos ambientes educacionais.<sup>4</sup> Nesse sentido, podemos refletir que, se utilizarmos nos projetos, iniciativas e estratégias escolares, as diversas expressões artísticas, talvez seja possível desconstruir e problematizar narrativas estigmatizantes e violentas sobre os corpos gordos e obesos, integrando, ao mesmo tempo, o abismo presente entre o que se

---

<sup>1</sup> Loureiro, Gabriela (2017, Maio 03). Gordofobia: Por que esse preconceito é mais grave do que você pensa. *Galileu*. <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/gordofobia-por-que-esse-preconceito-e-mais-grave-do-que-voce-pensa.html>

<sup>2</sup> Veras, Luciana (2015, Julho 01). Gordofobia: Numa sociedade que cada vez mais se afirma pela intolerância, estar acima do peso convencionalizado como “normal” cai sobre o indivíduo como uma sentença. *Revista Continente*. <https://revistacontinente.com.br/edicoes/175/gordofobia>

<sup>3</sup> Rodrigues, Alexandre (2016, Outubro 31). Onde os gordos não têm vez No mercado de trabalho, nos concursos públicos, nas marcas de roupas, na novela: A gordofobia está por toda a parte. *Super Interessante*. <https://super.abril.com.br/saude/onde-os-gordos-nao-tem-vez/>

<sup>4</sup> Observamos que esta investigação articulou-se, do mesmo modo, com reflexões e pesquisas no âmbito da prevenção primária da violência de gênero, concebida no domínio "Educação, Gênero, Corpo e Violência", assim como dispusemos dos contributos oferecidos pelo Projeto BO(U)NDS - Laços, Limites e Violência: Estudo longitudinal de programas de prevenção da Violência de Gênero em contexto escolar, promovido pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e coordenado pela Professora Doutora Maria José Magalhães.

passa dentro das escolas e o que está fora delas.

Para entendermos essas questões, recorreremos a uma metodologia qualitativa, situada no paradigma hermenêutico-interpretativo e utilizamos como método-chave de recolha das informações, a técnica dos Grupos de Discussão Focalizada, a fim de compreendermos as práticas e interpretações, de determinado grupo de jovens, em contexto escolar, sobre a temática da gordofobia.

Assinalamos, ainda, que foi adotada a linguagem inclusiva nesta investigação, a fim de evitar assimetrias e estereótipos de gênero. Desse modo, utilizamos pares de palavras feminino-masculino, substituindo os termos masculinos para designar uma pessoa ou um conjunto de pessoas de ambos os sexos.

Nesse momento, é importante destacar que o olhar interseccional acrescentou à pesquisa uma análise multidimensional, que levou em consideração diferentes aspectos constitutivos dos processos sociais, culturais, políticos, históricos, bem como diferentes categorias sociais e culturais. Desse modo, este estudo está em sintonia com as ideias de David Bukinham (2010), Magdalena Piñeyro (2016; 2019), John Storey (2015), Maria Lugones (2014), Michael Foucault (1977; 1984; 2008), Stuart Hall (2011; 2013; 2016).

O olhar de David Bukinham (2010) a respeito da *educação midiática* (ou mídia-educação), nos oferece a possibilidade de perceber que diferentes processos escolares são constituídos de maneiras dissociadas, quando comparados às vivências midiáticas praticadas fora das insituições formais de ensino, as quais, por vezes, são afastadas e recriminadas nesse âmbito. As ideias que giram em torno desse termo, permitem-nos considerar, ainda, que as tecnologias digitais, acessadas pelos públicos infanto-juvenis, do mesmo modo que são produzidas no espaço da cultura popular, também envolvem uma série de “processos de aprendizagem informal” (Buckingham, 2010, p.45), que necessitam de um acompanhamento prático e simbólico, a fim de viabilizar problematizações a respeito de imagens e discursos, como no caso de narrativas gordofóbicas, exibidas pelas diversas plataformas midiáticas.

As obras de Magdalena Piñeyro (2016; 2019) concederam-nos a oportunidade de compreender o termo gordofobia, como um sistema de opressão, que se intercruza com uma perspectiva de gênero e produz diversas formas de violência sobre os corpos gordos e obesos. Para além disso, os trabalhos da autora nos levaram a refletir sobre possibilidades de ressignificar o imaginário gordofóbico, através de diversas formas de ativismo gordo, que são transmitidas, tanto na cultura popular, quanto na cultura midiática, com a finalidade de atribuir significados positivos a esses corpos que, por muitos anos, foram estigmatizados.

No que concerne às discussões acerca da lógica da gordofobia, os estudos de John Storey



(2015) são fundamentais para compreendê-la como uma operação que se dá no espaço da cultura popular, produzida pela tensão resultante de diversas forças culturais e pelas forças de poder que a constituem. Nesse lugar, caracterizado pelas disputas de significados e de constantes negociações que acontecem cotidianamente, todos os processos, como os diversos textos e as práticas culturais, são constantemente ressignificados, adquirindo novos formatos e novos sentidos. Para o autor, a importância do conceito gramsciano de hegemonia, percebido como o resultado da dinâmica e das relações de forças que se dão no interior de uma formação social, num determinado período histórico, será relevante para pensarmos as questões sobre corpo, feminismo, raça, mídias e educação.

A autora Maria Lugones, em sua obra *Rumo a um feminismo descolonial* (2014), ajudou-nos a compreender que o sistema moderno colonial de gênero, deve ser utilizado como chave de leitura para percebermos, teórica e profundamente, a lógica opressiva da gordofobia, pensada conforme práticas e discursos dicotômicos, hierárquicos e categóricos. Nessa perspectiva, não podemos deixar de considerar o processo civilizatório e a influência do olhar hegemônico na construção dos padrões estéticos, presentes atualmente no Ocidente.

Os conceitos formulados por Michael Foucault (1977; 1984; 2008) permitiram-nos compreender o corpo como um lugar em que operam diversos dispositivos de controle. O autor, que descreve a maneira como as normas sociais foram estabelecidas em cada período histórico, nos levou a refletir como esses dispositivos atuam e são capazes de tornar os corpos dóceis, úteis e disciplinados. Nesse sentido, ele nos ajuda a entender de que modo o imaginário sobre o corpo gordo feminino foi sendo formado, por meio desses diferentes sistemas de poder. Da mesma forma, foi possível percebermos como os estereótipos são configurados e ressignificados, refletindo e reproduzindo essa relação de poder e dominação, ao longo da história, por diferentes agentes culturais e políticos.

Deve levar-se em consideração, ainda, os trabalhos de Stuart Hall (2011; 2013; 2016) que destacam as diferentes maneiras como os processos sociais, culturais, políticos e históricos são constituídos, levando-se em conta a contínua tensão produzida pelas disputas de poder entre as diferentes forças sociais. Dessa forma, entendemos que o significado de um símbolo cultural não se resume à sua materialidade, mas também envolve dimensões imateriais e o imaginário. Na visão de estudos culturais, os termos gorda, gordo e gordofobia não podem ser abordados como expressões isoladas, mas no contexto de uma “cadeia de conotações” (Hall, 2013, p.212), de poderosas ressonâncias que, frequentemente, estiveram associadas a discursos e práticas sociais e econômicas, desde o início da modernidade/colonialidade no Ocidente. Nesse sentido, talvez seja possível pensarmos sobre diversos discursos produzidos a cerca dessas categorias, ao longo da

história do corpo, que, vistas numa perspectiva interseccional (Hirata, 2014), estão manifestas em várias representações de nossa cultura popular e visual.

Este estudo está dividido em quatro capítulos. A Introdução corresponde à primeira parte do trabalho, indicando o tema, objetivo geral, objetivos específicos, o estado da questão, a justificativa e a estrutura de capítulos.

No capítulo I, *As diferentes narrativas históricas e culturais acerca dos padrões estéticos do corpo feminino no Ocidente*, apresentamos uma discussão teórica sobre um conjunto de discursos produzidos à volta dos termos corpo e gênero. Do mesmo modo, refletimos acerca da formação dos padrões estéticos do corpo feminino no Ocidente e sobre a construção da ideia de corpo gordo, procurando identificar as diferentes narrativas sociais, históricas e culturais que forjaram esses diversos estereótipos, manifestas em diferentes produções artísticas e culturais, locais e globais, até a primeira metade do século XX.

O capítulo II, *Gordofobia: Compreendendo o peso das palavras*, busca apresentar como as narrativas sobre os corpos gordos e obesos se propagam, por meio de tecnologias midiáticas, contribuindo na construção de um imaginário gordofóbico no Ocidente. Aqui, também foram demonstrados discursos e práticas, presentes no espaço da cultura popular, que buscam positivar a representação do corpo gordo e obeso, no século XXI. Da mesma forma, elucidamos como o espaço da educação midiática pode ser percebido como um lugar fundamental para a desconstrução dessas ideias. Este capítulo está organizado em duas seções: (2.1) *A problemática da representação do corpo feminino, idealizado, na cultura midiática*, onde consideramos as diversas formas de representação dos corpos gordos e obesos, presentes nas mídias (publicidades, mercado de moda, cinema, televisão, revistas, redes sociais, em especial *Instagram* e *YouTube*), refletindo sobre os diferentes interesses que estão por trás da formação desses discursos. Para além disso, apresentamos, de forma breve, diferentes produções visuais, constituídas por ativistas gordas e gordos, como meios de viabilizar e positivar as narrativas acerca dos corpos robustos, seja no âmbito local e global. Em (2.2) *A educação midiática e o seu papel no combate à gordofobia*, refletimos sobre o campo da educação midiática como um espaço para a desconstrução de discursos hegemônicos sobre os corpos gordos e não-padrões, buscando entender de que maneira as ferramentas digitais podem ser úteis no processo de problematização das narrativas gordofóbicas, presentes na atualidade.

O capítulo III, *Procedimentos Metodológicos*, vai demonstrar e justificar que a pesquisa foi fundamentada em uma metodologia qualitativa, situada no paradigma hermenêutico-interpretativo, cuja técnica escolhida para a recolha de informações em terreno, foi baseada na formação de dois Grupos de Discussão Focalizada. Para atendermos a esta finalidade, dividimos

este momento em três seções: na primeira parte, (3.1) *Procedimentos de Recolha da Informação*, apresentamos e descrevemos os instrumentos utilizados para a recolha das informações (fichas de leitura e material visual). Na seção (3.2) *Grupos de Discussão Focalizada: Manifestando a forma*, descreve-se o processo de seleção das/dos participantes, bem como o desenvolvimento das sessões, tendo em vista os dilemas e imprevistos que surgiram no decorrer da execução dos Grupos de Discussão Focalizada. Ainda nessa parte, na subseção (3.2.1) *Questões Éticas*, explicitam-se os procedimentos éticos adotados ao longo da elaboração dos Grupos de Discussão Focalizada e na subseção (3.2.2) *Contexto empírico*, contextualizamos o campo em que a investigação foi sistematizada, tendo em vista o local, programas, serviços e cursos oferecidos pela instituição escolar em questão. Finalmente, na parte (3.4) *Análise de Conteúdo: Reflexões sobre a produção de discursos* caracterizamos o método da análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin (2011), descrevendo as etapas percorridas, que resultaram na categorização de três temas-chaves de análise, sendo eles: *A estrutura da gordofobia*, *O impacto da gordofobia e suas consequências* e *Gordofobia e o Campo da Educação*.

Por último, no capítulo IV. *“Ser Gordo não é pecado”*: *Análise e interpretação dos diálogos entre as/os jovens dos Grupos de Discussão Focalizada*, elucidamos as nossas interpretações e inferências, acerca dos conteúdos manifestos pelas interações entre as/os participantes, assim como evidenciamos o resultado da análise comparativa entre os Grupos de Discussão Focalizada.

**CAPÍTULO I - NARRATIVAS HISTÓRICAS E CULTURAIS  
ACERCA DOS PADRÕES ESTÉTICOS DO CORPO  
FEMININO NO OCIDENTE**

Neste primeiro capítulo, buscaremos compreender a dinâmica do processo de formação da ideia de “corpo belo”, em especial o feminino, procurando identificar as diferentes narrativas sociais, históricas e culturais, na cultura ocidental moderna, que contribuíram na formação de um imaginário sobre corpos gordos e obesos, manifesto em diferentes produções artísticas e culturais, locais e globais.

Assim sendo, pretendemos suscitar uma discussão teórica sobre um conjunto de discursos produzidos à volta dos termos corpo e gênero, que, de alguma maneira, têm estado implícitos nestas representações.

Levamos em consideração os conceitos formulados por Michael Foucault (1977; 1984), que abordam o corpo como um lugar em que operam diversos dispositivos de controle. O autor descreve de que maneira as normas sociais, estabelecidas em cada período histórico, nos permitem compreender como esses dispositivos atuam e são capazes de tornar os corpos dóceis, úteis e disciplinados. Nesse sentido, ele nos ajuda a entender o modo como imaginário sobre o corpo e a sua intersecção com a categoria de gênero vão sendo formados por meio desses diferentes sistemas de poder.

Não podemos deixar de referir a concepção de “corpo utópico”, definida pelo filósofo como um

Corpo incompreensível, corpo penetrável, corpo aberto e fechado (...). Corpo em certo sentido, absolutamente visível (...) E, no entanto, esse corpo que é tão visível é retirado de mim, está preso em uma espécie de invisibilidade da qual nunca poderei separá-lo” (Foucault, 2008, p.14)<sup>5</sup>.

Essa ideia contém a noção de que os corpos são submetidos a um controle minucioso, resultando na definição de comportamentos, mobilidades e gesticulações, que devem ser seguidas (Foucault, 1977). Nesse contexto, o corpo é contido por diferentes formas de poder que demarcam os seus limites com exigências, imposições, proibições e obrigações, sujeitando-o a “uma relação de docilidade-utilidade” (Foucault, 1977, p.126). Esses mecanismos de controle, nomeados por Michael Foucault (1977) como “disciplinas” (Foucault, 1977, p.126), ao mesmo tempo em que reprimem a eficácia dos corpos a partir da política do cumprimento de regras, também oferecem uma possibilidade de fortalecer a sua ação, na medida em que sua economia se torna mais útil, ou seja, mais passível de disciplinarização. Nessa lógica, esses processos irão resultar numa certa homogeneização e padronização dos indivíduos nos grupos em que são inseridos. Para Michael Foucault (1977), essa tendência irá ocorrer a partir de diferentes procedimentos, como o exemplo da “cerca” (Foucault, 1977, p.130), um local “heterogêneo e

---

<sup>5</sup> Tradução livre da autora. “Cuerpo incompreensible, cuerpo penetrable y opaco, cuerpo abierto y cerrado (...) Cuerpo en cierto sentido absolutamente visible (...) Y sin embargo, ese cuerpo que resulta tan visible me es retirado, está atrapado en una especie de invisibilidad de la que jamás podré separarlo” (Foucault, 2008, p.14).

fechado” (Foucault, 1977, p.130), onde os comportamentos são reforçados e vigiados para serem seguidos. Segundo o autor, caso algum indivíduo não se enquadre nas medidas de dominação e utilização dos corpos, este será excluído do meio social a que pertence.

Em outro ponto de vista, pautada sob a ótica foucaultiana, o corpo é percebido, por Susan R. Bordo (1997), como elemento de controle social, regulado a partir de regras sociais, construídas e reforçadas, cada vez mais, pela naturalização das mesmas. Para a autora “o corpo (...) é um agente da cultura” (Bordo, 1997, p.19), organizado e significado por hábitos cotidianos que determinam a maneira como ele deve ser tratado e controlado. A autora situa, historicamente, algumas patologias femininas, como histeria, anorexia nervosa e agorafobia, reconhecendo que essas questões são vistas, frequentemente, numa perspectiva de gênero.

Não podemos deixar de ter em conta também os contributos de Silvana Vilodre Goellner (2013), sobre o corpo ser constituído numa interface com a cultura, história e sociedade. Ela nos relata alguns marcos históricos que transformaram a maneira de perceber e de se relacionar com os corpos, de acordo com um paradigma médico e científico. Desse modo, a autora contribui para entendermos o corpo como “uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.” (Goellner, 2013, p.30).

Mais ainda, os estudos de Jorge Crespo (2001) permitem-nos conhecer os diferentes sentidos atribuídos aos corpos na história do Ocidente, ao longo do período moderno.

Através da ótica de gênero, Judith P. Butler (2003) convida-nos a transitar pela concepção biológica e dicotômica do corpo, ressaltando que essa lógica deve ser questionada, uma vez que sexo e gênero são pensamentos formados, a partir das relações entre os sujeitos e o meio. Para a autora, não deve haver uma compreensão naturalizada acerca dos corpos, já que são educados e habituados para que possamos percebê-los desta maneira.

Em outra perspectiva, o conceito de *habitus* em Pierre Bourdieu (2007) nos convida a refletir sobre um sistema socialmente construído, que organiza não só o campo intelectual, como também conjunturas “estéticas ou ideológicas” (Bourdieu, 2007, pp.190-191). De acordo com essa ideia, podemos perceber a maneira como a cultura ocidental e hegemônica vai definindo categorias, tais como corpo, gênero, belo e outras. Conforme o autor, os indivíduos (sujeitos e agentes sociais) são coagidos, subordinados e intimidados por uma estrutura de poder dominante, presente nas relações sociais, muitas vezes oculta e despercebida a nível do consciente, mas que asseguram os privilégios de alguns grupos ou indivíduos em detrimento de outros. Nesse aspecto, o poder simbólico “faz ver e faz crer” (Bourdieu, 2007, p.14) ou seja, institui valores, classifica

coisas e pessoas, cria hierarquias, ideias e categorias, forja e transforma realidades, produz imaginários e confere sentidos ao mundo.

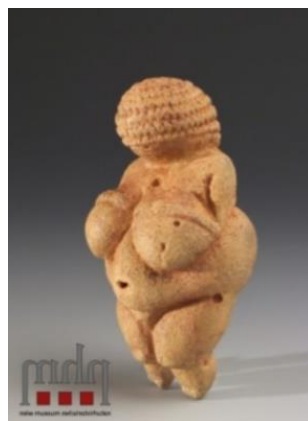
Em vista disso, vamos perceber que, ao longo da história da humanidade, nem sempre o padrão corporal idealizado como belo e saudável, em especial, o feminino, foi considerado o corpo magro, jovem e esbelto, da mesma maneira que nem sempre foram atribuídas as qualidades de disforme, execrável e reprovável aos corpos gordos e obesos.

Como podemos atestar, em diversos momentos entre o período Neolítico ao Paleolítico, é possível encontrar representações que fazem referências aos signos femininos, em razão de um olhar especificamente estético (Braga, 2013). Estas pequenas estatuetas (Figura 1 e Figura 2), foram descobertas em diferentes sítios arqueológicos (muitos desses localizados na Europa), “sob a égide da fertilidade (...) centradas no tamanho excessivo dos seios, do quadril e do abdômen” (Braga, 2013, p.57), representadas, geralmente, “com a cabeça surgindo como prolongamento do pescoço, seios volumosos, ventre saltado e grandes nádegas” (Proença, 2008, p.12).

Para René Huyghe (1998), além dessas figuras corresponderem a algumas das mais antigas e conhecidas representações de formas evidentemente femininas produzidas no início da humanidade, essas pequenas estatuetas comprovam o domínio técnico naquele período. Talvez seja possível afirmarmos que a arte dessas estatuárias demonstra a transmissão de um certo padrão estético e técnico, que seguia linhas de esquematização na forma de sua representação e um pensamento simbólico bem desenvolvido.

#### FIGURA 1

*Vênus von Willendorf, estatueta de 11 cm de altura descoberta na região de Willendorf- Áustria, em 1908. Estima-se que tenham sido produzidas em c. 29.500 a.C.*



Fonte: <http://objekte.nhm-wien.ac.at/objekt/th1938/ob96>. Acesso em: 02/01/2022.

## FIGURA 2

*Vênus de Lespugue, estatueta de 15cm, esculpida em marfim de mamute, descoberta na caverna de Rideaux, em Lespugue, França, em 1922. Estima-se que tenham sido esculpidas entre c. 30.000 a.c - 10.000 a.c.*



Fonte: <https://www.museedelhomme.fr/fr/musee/collections/venus-lespugue-3859>. Acesso em: 02/01/2022.

Em outro ponto de vista, o historiador de artes Ernst Gombrich (2011) destaca que não se pode negar a habilidade artística desses artífices, contudo, devemos estar atentos para o fato de que “a história da arte, em seu todo, não é uma história de progresso na proficiência técnica, mas uma história de idéias, concepções e necessidades em permanente evolução” (Gombrich, 2011, p.44). Conforme o autor, jamais poderemos compreender essas representações sem considerar os sistemas simbólicos que as constituíram “como algo poderoso para ser *usado* e não algo bonito para se contemplar” (Gombrich, 2011, p.40).

Nesse sentido, Clifford Geertz (2016) nos oferece a possibilidade de podermos reconhecer as artes e sua íntima relação com as diversas culturas, na medida em que essas produções são parte de um sistema simbólico, que serve aos indivíduos e aos grupos a que pertencem, comunicando e transmitindo seus significados por meio de práticas cotidianas, realizadas em diferentes segmentos das sociedades, tais como a própria arte, a religião, a ciência, a moralidade, o comércio, as tecnologias, a política, o lazer, a indumentária, etc.

Desse modo, consideramos que uma obra de arte é o resultado de um processo de criação da ordem do humano, “não é fruto de uma atividade misteriosa, mas objeto feito por seres humanos para seres humanos” (Gombrich, 2011, p.32). Assim, devemos avaliar, profundamente, a complexidade do significado de “gosto” e o que é considerado como belo ou não, na medida em que “gostos e padrões de beleza variam muitíssimo” (Gombrich, 2011, p.20).

Na visão de António Filipe Pimentel et. al, na obra *História da Arte – arquitetura, escultura, pintura* (2010), a proeminência reproduzida em determinadas partes do corpo – abdômen, seios, quadris, vulva e glúteos – são comuns às *Vênus* paleolíticas e nos fazem refletir sobre a possibilidade de outros significados simbólicos, como por exemplo, fertilidade,



abundância e proteção. Embora o significado cultural ainda seja pouco conhecido, lhes são atribuídas uma função ritual ou simbólica e, possivelmente, algumas dessas miniaturas representassem o papel do sagrado, de divindades femininas. Não esqueçamos que a designação de *Vênus* atribuída a essas esculturas foi realizada por ocasião de suas descobertas, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

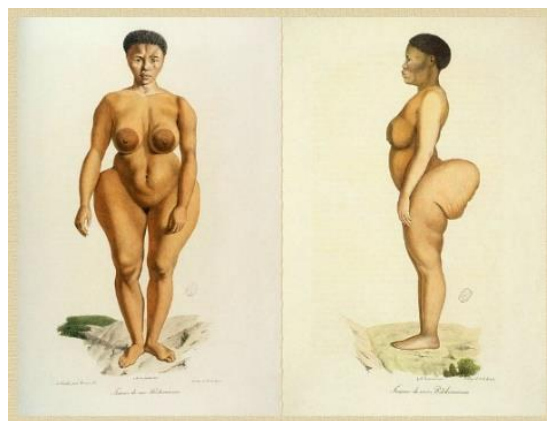
Para os autores esse conjunto de estatuetas

(...) Denominadas “Vénus” acentuam violentamente os elementos sexuais ligados à reprodução – ampla bacia, seios e ventre muito desenvolvidos – e devemos notar que modelos muito semelhantes surgem pela Europa inteira há 25.000 anos: à Vénus de Willendorf, na Áustria, respondem as de Lespugue, em França, de Grimaldi, na Itália, ou de Gagarino, na Ucrânia (Pimentel, Grünwald, Debicki, e Favre, 2010, p.8).

De outro ponto de vista, o sociólogo francês Gilles Lipovetsky (2000) define que são “Vênus esteatopígicas de seios hipertrofiados e flácidos, de ventre e bacias enormes, de aspecto globular. Suas ancas e torços maciços contrastam com braços finos e pernas terminadas em ponta” (Lipovetsky, 2000, p.103). Essa estética corporal, conhecida cientificamente como *steapogya* (Lotierzo, 2019, p.198), dado o excesso de gordura presente na região dos glúteos, quadris e coxas, ficará muito marcada no início do século XIX, no caso de Sarah Baartman (Saartjie Baartman), que ficou popularmente conhecida como *Vênus Hotentote* (Figura 3) ou *Vênus Noir* (Braga, 2013, p.64).

### FIGURA 3

Litografia da Biblioteca Nacional da França, assinada por C. de Lasteyrie, *Fêmea da raça dos bosquímanos*, 1815.



Fonte: [http://www.bnf.fr/fr/outils/a.bem-vindo\\_a\\_bnf.html](http://www.bnf.fr/fr/outils/a.bem-vindo_a_bnf.html). Acesso em: 02/01/2022.

Conforme Carolina de Campos Tornich (2019), Sarah era do povo *Khoisan*, referido por Amanda Braga como “ a mais antiga etnia da parte meridional da África” (Braga, 2013, p.64). Durante a invasão britânica, foi levada para a Europa e observada como um espécime da raça bosquímana, pelo cientista Georges Cuvier, um naturalista que pretendia deduzir teorias sobre a inferioridade de algumas raças humanas, em 1815.

Em razão de “seus atributos físicos, considerados exóticos aos olhos europeus” (Braga,

2013. p.64), Saartjie Baartman foi obrigada a participar da “indústria do entretenimento colonial” (Lotierzo, 2019, p.198), sendo abusada, humilhada e exposta em jaulas, nos mais diferentes países da Europa. Ao seu corpo, diferente da grande maioria das mulheres brancas europeias, foi atribuído um sentido sexual, tendo sido brutalmente violentado e profanado após sua morte (Braga, 2013).

Do mesmo modo, a obra de Maria Lugones, *Rumo a um feminismo descolonial* (2014), sugere que para compreendermos o sistema moderno colonial de gênero, teórica e profundamente, devemos utilizar como chave de leitura a lógica opressiva da modernidade colonial, a utilização de “dicotomias hierárquicas” (Lugones, 2014, p.935) e de categorias. O conceito da autora opera com a ideia de que, no contexto da lógica colonial, as pessoas não-civilizadas ocupam o reino dos animais, ou seja, seus traços de humanidade são apagados, como demonstra o título da litografia referente à Figura 3, em que a representação de uma mulher negra a aproxima da ideia de “fêmea” (Lugones, 2014, p.937), e seu corpo é apresentado nu e observado como um espécime animal. Nesse ponto, segundo a autora, não podemos deixar de destacar o que passou a ser designado como processo civilizatório e sua influência na construção dos padrões estéticos presentes atualmente no Ocidente. Na Europa, a partir da passagem da Idade Média para o Renascimento, a ideia de civilização passa a ser construída e, na perspectiva dicotômica e hierárquica europeia, ser civilizado passou a ser uma representação das categorias masculina, heteronormativa, cristã, branca<sup>6</sup> (Lugones, 2014).

Nessa perspectiva, o ser não civilizado passa a ser visto como o “Outro”<sup>7</sup>, aquele que não se encaixa nesses parâmetros, como por exemplo, os povos ameríndios e africanos, que foram designados, indiscriminadamente, como índios, selvagens, de entre outras nomeações. Podemos, então, perceber como, a partir da Era Moderna, houve um apagamento da existência de outros mundos com diferentes modos de pensar, ser e viver.

Nessa perspectiva, conforme Amanda Braga (2013),

Marcam-se, então, os títulos de *selvagem e civilizado*: ao primeiro, grotesco em forma e gestos, cabia a exibição de sua monstruosidade para deleite e curiosidade do segundo. Nesse palco, o hotonte será a prova final do parentesco entre o animal, o monstro e o selvagem (...) Ao lado de animais, ao mesmo tempo em que se expunham para deleite dos europeus, foram observados e estudados como elementos capazes de confirmar teorias eugenistas, que versavam acerca da superioridade da raça branca. Dentre os

<sup>6</sup> Consideramos oportuno refletirmos, aqui, sobre o conceito de branquitude, definido por Lourenço Cardoso (2014) como um lugar de privilégios, de ordem simbólica, subjetiva, concreta, objetiva e material, que colaboram para a construção social e para a reprodução de um padrão normativo único, em que ser branco é considerado como sinônimo de ser humano “ideal”.

<sup>7</sup> Para Peter Burke, nas diversas circunstâncias de confrontos de grupos e culturas, uma das atuações possíveis se dá pela similaridade vista quando “o exótico se torna inteligível, domesticado” (Burke, 2004, p.154). Em um segundo momento de ação, ocorre o contrário, o desenvolvimento consciente ou não de “outra cultura como oposta à nossa própria” (Burke, 2004, p.154), e assim, os seres humanos são percebidos como “outros” (idem), obtendo novas formas, como por exemplo, de animais ou de monstros.

grupos de raça inferior, a mulher, em particular, figurava como ainda mais inferior” (Braga, 2013, pp.65- 66).

De acordo com Vânia Araújo (2018), “tal fato demonstra a importância do discurso científico no século XIX, como uma prática discursiva que inscreveu o corpo como lugar de significação de diferenças raciais, étnicas e sexuais” (Araújo, 2018, p. 51), vindo a ser, desse modo, um “espaço que precisa ser descoberto, medido e classificado” (Braga, 2013, p.66).

Além disso, Amanda Braga (2013) observa que, na história do Ocidente, o termo “Vênus”, esteve frequentemente, associado ao sentido de “mulher de belas formas” (Braga, 2013, p.57) e que essas representações foram apropriadas, ao longo do tempo, “por diferentes culturas, (...) por uma série de significações e representações” (Braga, 2013, p.57), tendo em comum nesse processo de disseminação, os sentidos de beleza, de virtude e corpo. Estas pesquisas confluem para a conceituação de *Ocidente* como termo histórico e não geográfico (Hall, 2016), parte da matriz teórica desta dissertação para compreender a ideologia hegemônica subjacente à gordofobia.

Nessa perspectiva, Stuart Hall (2016) propõe que se compreenda por *ocidental* uma sociedade

Desenvolvida, industrializada, urbanizada, capitalista, secular e moderna. Tais sociedades surgiram em um período histórico em particular – aproximadamente durante o século XVI, após a Idade Média e o rompimento com o feudalismo. Elas foram o resultado de um conjunto de processos históricos específicos – econômico, político, social e cultural. Atualmente, qualquer sociedade que compartilha essas características, independentemente de sua posição geográfica, pode ser categorizada como pertencente ao “Ocidente”. O significado desse termo é, portanto, idêntico ao da palavra “moderno”. (Hall, 2016, p.315).

O autor desenvolve esse pensamento, apresentando alguns aspectos do conceito de Ocidente e alguns modos de operação:

Primeiramente, ele nos permite caracterizar e classificar sociedades em diferentes categorias, como “ocidentais” e “não ocidentais”. (...) Ele nos permite impulsionar uma certa estrutura de pensamento e conhecimento. Em segundo lugar, é uma imagem, ou um conjunto de imagens. (...) Aguça nossa visão mental, ou seja, representa em linguagem verbal e visual uma figura composta por diferentes sociedades, culturas, povos e lugares. Ele funciona como parte da linguagem, um “sistema de representação”. (...) Em terceiro lugar, ele fornece um padrão ou modelo de comparação, permitindo-nos comparar até que ponto sociedades diferentes se parecem ou se diferenciam uma em relação à outra. (...) Em quarto lugar, ele nos possibilita elaborar critérios de avaliação contra os quais outras sociedades são classificadas e em torno de quais sentimentos positivos e negativos se acumulam. (...) Ele produz um certo tipo de conhecimento sobre um assunto e certas atitudes em relação a ele. Resumidamente, ele funciona como uma *ideologia* (Hall, 2016, p.316).

Estes modos de operação da ideologia dominante, ainda hegemônica atualmente, estruturam uma visão do mundo que hierarquiza seres humanos, a partir de um olhar etnocêntrico. Nesse sentido, numa perspectiva althusseriana, podemos considerar que “as ideologias constituem

estruturas de pensamento e avaliação do mundo – as “ideias” que as pessoas utilizam para compreender como o mundo social funciona, qual o seu lugar nele e o que *devem* fazer” (Hall, 2013, p.191). Portanto, podemos compreender o termo ideologia como um conjunto de conceitos, linguagens e representações, utilizados pelas diferentes classes e grupos sociais, no intuito de significar, categorizar, classificar e tornar compreensível as diferentes formas de organização social. Conforme o autor, a linguagem e o comportamento são os instrumentos que determinam o “registro material da ideologia” (Hall, 2013, p.191) e os modos em que opera. Assim, no entendimento de Stuart Hall (2013), a afirmativa de Althusser de que a ideologia “está inscrita em práticas” (Hall, 2013, p.192), confirma que “as ideias possuem uma existência material” (Hall, 2013, p.192).

Nesta conjuntura, vamos procurar compreender as diversas camadas de significado que estão contidas nas várias representações de *Vênus*, como uma “marca ou traço visível, exterior” (Hall, 2000, p.91), ou seja, enquanto sistemas de significação, que estão manifestos, por exemplo, nas inúmeras cópias de *Vênus* que foram representadas por meio de estátuas clássicas, produzidas entre os séculos IV e II a. C. Talvez a mais famosa e emblemática seja a *Vênus de Milo* (Figura 4), em que o crítico Ernest Gombrich define, na obra *A história da arte* (2011), como a representação de um “belo corpo” (Gombrich, 2011, p.105).

#### FIGURA 4

*Escultura romana Vênus de Milo, c.200 a.C. Museu do Louvre, Paris.*



Fonte: Santos, 2000, p.34.

Para a historiadora de arte Maria das Graças Vieira Proença dos Santos (2000), seria na Grécia Antiga, a partir do período arcaico e clássico, que as esculturas gregas apresentariam como uma de suas principais características, o naturalismo e a “representação, sob a forma humana, de conceitos e sentimentos, como a paz, o amor, a liberdade, a vitória” (Santos, 2000, p.33). A essas “formas arredondadas femininas” (idem) foram acrescentados outros significados: de belo e sensual. Para a autora, mais do que representar uma figura realista do ser humano, o

escultor grego pretendia expressar, igualmente, “um objeto belo em si mesmo” (idem, p.28).

Na mesma direção, Ernst Gombrich (2011), em um dos capítulos de seu livro – *O império do belo* –, nos oferece a ideia de que os artistas gregos desenvolveram “um método de criar beleza realizando uma figura geral e esquemática” (Grombrich, 2011, p.105) cada vez mais real. Segundo o autor, os escultores gregos “idealizaram” (idem, p.103) a natureza, assim como a concepção de belo, já que, nesta perspectiva, não existe corpo humano tão simétrico e perfeito, quanto as estátuas gregas.

Também René Huyghe (1998) observa que foi a Grécia que transformou as “relações calculáveis (...) numa das bases da estética” (Huyghe, 1998, p.51). Talvez possamos afirmar que essa estrutura de pensamento possa ter colaborado no processo de construção de um imaginário, ocidental moderno, do corpo feminino.

Em outro ponto de vista, na obra *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino* (2000), Gilles Lipovetsky declara que os gregos representaram o corpo feminino exaltando a “harmonia das partes como o todo, seios fartos, cintura fina, balanço do quadril fazendo repousar o peso do corpo sobre uma perna” (Lipovetsky, 2000, p.109), como podemos verificar na Figura 4. Todavia, segundo o autor, para os artistas da Antiguidade Clássica, seria o corpo masculino e viril, o modelo e referência para o desenvolvimento de pinturas e esculturas, ainda que as imagens representadas fossem femininas. Ele considera que esse pensamento é visível na representação da Vênus de Milo (Figura 4), quando essa escultura apresenta acentuada musculatura no abdômen e nos ombros, na medida em que a nudez não representava uma prática permitida às mulheres naquela sociedade. Nas palavras do autor, essas representações femininas “aparecem musculosas, da mesma altura que os homens, com ombros largos e um tórax viril; apenas os seios assinalam a identidade feminina” (idem, p.110). Para o sociólogo, será somente na Idade Moderna que o corpo e a ideia de beleza feminina deixam de ser a projeção do corpo viril da cultura clássica, da mesma maneira que se afasta do sentido da representação do demoníaco e da tentação, adquiridos na arte medieval, dentro de uma visão bíblica.

Contudo, é importante destacarmos a perspectiva de Judith Butler (2003) acerca da ideia de corpo feminino, que pode ser compreendida como um lugar produzido pela história, que lhe imputa “valores e significados por uma prática significativa que exige a sujeição do corpo. (...) Trata-se de um corpo descrito pela linguagem da superfície e da força, enfraquecido por um “drama único” de dominação, inscrição e criação” (Butler, 2003, p.187).

Segundo Amanda Braga (2013), será, no Renascimento, o momento em que o corpo feminino passa a ser “confundido com a face de Deus, promovido à condição de anjo, colocado num patamar superior ao patamar masculino, fosse por seus predicados físicos, fosse por sua

virtude de mulher” (Braga, 2013, p.60), sendo aclamado por seus atributos físicos e espirituais, alcançando a condição de obra-prima de Deus, a representação máxima da beleza, uma inspiração.

A partir de então, “as representações de Vênus se tornam espelho de uma perfeição moral e espiritual, reflexo de um mundo ideal, caminho de uma elevação” (Lipovetsky, 2000, p.116), como podemos constatar na pintura *O nascimento da Vênus*, de Botticelli (Figura 5).

#### FIGURA 5

*Sandro Botticelli, O Nascimento da Vênus, c. 1485.*



Fonte: <https://www.uffizi.it/en/artworks/birth-of-venus>. Acesso em: 11/04/2022.

A composição de Botticelli, inspirada no mito e na visualidade das estátuas clássicas, mostra a deusa Vênus, símbolo do amor e da beleza, surgindo do mar, pura e perfeita, como uma pérola que nasce numa concha. Por outro lado, mais que servir à narrativa da Antiguidade grega ou da tradição cristã, o tema *O Nascimento da Vênus* (c.1485) foi escolhido por Botticelli pela oportunidade de manifestar a beleza idealizada por ele. Além disso, o artista “transforma Vênus, a deusa do amor, no símbolo da pureza e da verdade” (Santos, 2000, p.86).

Talvez seja possível compreendermos essa obra renascentista, da mesma forma que as esculturas greco-romanas, como veículos de comunicação ou etnográficos e iconográficos, que nos permitem resgatar, numa trajetória histórica, as representações visuais do corpo da mulher, nos oferecendo pensar de que maneira essas muitas narrativas visuais podem ter contribuído para a construção de um imaginário do corpo no Ocidente, nesse caso, o feminino (Barreto, 2013).

No ponto de vista de Nayara Matos Barreto (2013), a pintura do *Nascimento de Vênus* (c. 1485) é uma das imagens canônicas da história da arte ocidental que

Desde seu surgimento, tece permanências através dos tempos como uma imagem icônica, sem dúvida uma das mais reeditadas e referenciadas de Vênus, divulgada ostensivamente pela indústria cultural e referenciada em produções da cultura visual ocidental contemporânea, assim ela está predominantemente associada às significações do universo feminino. (Barreto, 2013, p.2)

Para Amanda Braga (2013) será na Idade Moderna que o conceito de beleza feminina passa

a ser associado à imagem de “*belo sexo*, símbolo máximo da beleza, obra-prima de Deus, musa inspiradora” (Braga, 2013, p.60), deslocando-se do conceito de corpo viril e da narrativa medieval que demonizava o corpo da mulher, vindo a ser admirado por suas características físicas e espirituais. Para a autora, desde então, “foi a mulher quem figurou enquanto personificação máxima da beleza nos discursos e nas artes” (Braga, 2013, p.60).

Portanto, a relevância dessa obra, tão reproduzida na cultura ocidental, nos convoca a meditar sobre a “influência das obras pictóricas clássicas para a consolidação de alguns padrões corporais e comportamentais para as mulheres” (Barreto, 2013, p.1). Nesse sentido talvez seja possível afirmar que essas produções artísticas, por séculos, foram forjando, reproduzindo e ressignificando “um estereótipo da beleza perfeita” (Barreto, 2014, p.47), a partir da perspectiva da branquitude, das masculinidades e do que Nayara Matos Barreto (2014) define como “coerções estéticas e sociais” (Barreto, 2014, p.47).

O historiador de arte já mencionado, Ernest Gombrich (2011), afirma que “a história do nascimento de Vênus era o símbolo do mistério através do qual a mensagem divina da beleza veio ao mundo” (Gombrich, 2011, p.264). Para o autor, a Vênus de Botticelli é tão bela que sequer nos damos conta das liberdades canônicas utilizadas pelo artista renascentista (Gombrich, 2011). Apontamos aqui, do mesmo modo, o papel relevante dos historiadores e críticos de artes, ao longo dos séculos, no processo de idealização do corpo feminino, da mesma forma que na construção e disseminação de padrões hegemônicos, associados à beleza e à estética corporal.

É importante ressaltarmos, que a partir do século XVI, outras camadas de significados serão acrescentadas às representações clássicas da Vênus, como “um toque de sensualidade e de um certo apelo carnal” (Braga, 2013, p.62). A partir de então, a “estética luxuosa” (idem) passa a ser determinante nas representações de beleza feminina.

Nessa direção, Amanda Braga (2013) observa, no capítulo que dedica ao estudo das Vênus, que a “história da beleza numa longa duração” (Braga, 2013, p.63) vai se definindo em duas perspectivas distintas: de um lado, um ponto de vista tradicional, que se estende da pré-história até o século XVIII, em que virtude e beleza se apresentam como categorias ambíguas, por outro, um ponto de vista moderno/da colonialidade, em que a ideia de corpo e beleza se confundem, e o conceito de beleza fica limitado “ao domínio do corpo” (idem), até o aparecimento da Vênus Hotentote ou Vênus Negra (Figura 3), no século XIX, quando, numa perspectiva colonial e ocidental, seus traços de humanidade são apagados, marcando “uma distinção entre o corpo venusino e a beleza” (idem, p. 64).

Nas palavras da autora,

Tendo, diante dos olhos, a representação de uma Vênus, haver-se-ia de fazer uma

associação direta: se Vênus, logo, bela. Entretanto, no século XIX, o surgimento da *Vênus Noir*, na França, faz deslocar a concepção de uma *Vênus*. Para além de uma distinção entre o corpo venusino e a beleza (Braga, 2013, p.64).

Desse modo, vamos considerar que essas diferenças de significações e ideias de *Vênus*, formadas ao longo de muitos processos históricos transcorridos no Ocidente, serão incorporadas ao imaginário referente ao corpo feminino. Para tal, vamos examinar alguns pontos relevantes do pensamento althusseriano, na visão de Stuart Hall (2013), para compreendermos de que maneira esses diversos discursos podem ter contribuído para a produção desses sentidos e representações:

Os sistemas de representação são sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros. (...) Nesse sentido, o social nunca está fora do semiótico. Cada prática social é constituída na interação entre significado e representação e pode, ela mesma, ser representada. Em outras palavras, não existe prática social fora da ideologia. (...) É dentro dos sistemas de representação da cultura e através deles que nós “experimentamos o mundo” (...). Consequentemente, não há experiência *fora* das categorias de representação ou da ideologia. (Hall, 2013, p. 197-200)

Desse modo, é preciso levar em conta as diferenças de significações do belo na formação de um imaginário associado ao corpo feminino ao longo da história. Da mesma forma, podemos observar que padrões estéticos são forjados, se estabelecem, tornam-se legítimos e hegemônicos em cada contexto histórico.

Nessa direção, Nayara Matos Coelho Barreto (2014) complementa que

(...) O imaginário do feminino, especialmente o imaginário ligado à beleza, foi culturalmente e socialmente construído e nem sempre o valor dado à esfera do corpo e do belo foi o mesmo. Afirmamos, então, que a construção de um imaginário que liga a condição do feminino à beleza, e constitui a mulher como o belo sexo, é um fenômeno inteiramente histórico, uma instituição social, um construto cuja origem remonta aos tempos modernos e ao renascimento. Durante um bom tempo, a mulher não representou a encarnação da beleza, na idade média, por exemplo, seu corpo não carregava uma elevação estética e nem tinham um tratamento artístico privilegiado. Durante a idade média prolongou-se uma tradição de hostilidade e de suspeita em relação à aparência feminina. Para que a idolatria ao belo sexo surgisse foi preciso surgir a divisão social entre as classes além do surgimento do estado moderno, tendo como correspondente uma categoria de mulher isenta do trabalho, a mulher nobre ociosa. Essa nova condição de ociosidade feminina fazia com que a mulher pudesse dedicar seu tempo aos —atributos da beleza, como a indumentária, maquiagem, jóias e tratamentos estéticos da época (Barreto, 2014, p.48)

Portanto, muitas pressões foram impostas ao corpo feminino, para adequar-se aos padrões de cada época. Nesse sentido, as diversas linguagens estéticas e visuais – tal como as artes, as indumentárias e a moda – foram determinantes nessa tarefa. Por exemplo, as artes visuais refletiram, quase que exclusivamente, “o ponto de vista masculino” (Magalhães, & Cruz, 2014, p.15)

De acordo com as autoras, para compreendermos a dinâmica do processo de construção dessas representações femininas, é preciso reconhecer os termos através dos quais essas figuras



foram constituídas, especificamente, de raça, de classe social e de gênero, esse último, “um dos elementos de análise mais significativos para contextualizar (...) construções essas que, ao longo da história, configuraram o imaginário colectivo das diferentes gerações” (Magalhães & Cruz, 2014, p.16). No ponto de vista das autoras, “a pintura ocidental negou às mulheres o carácter de sujeitos, de modo que são representadas como objectos de uma perspectiva na qual um certo modo de ver masculino é dominante” (idem).

Muitos estudos e investigações sobre o corpo foram de grande importância nos movimentos feministas, a partir da segunda metade do século XX, vindo a ser “um dos principais tópicos da pesquisa, crítica social e acção política feministas” (Magalhães, 2005, p.485). Conforme Maria José Magalhães, “enquadrado por noções morais e ‘científicas’, o corpo das mulheres tem sido domesticado, chicoteado, dobrado aos desígnios da ideologia e práticas patriarcais” (idem). A autora observa que “os corpos disformes, grotescos e desregulados constituem-se como alvo de discriminação e mecanismo de opressão, onde podemos destacar, as lésbicas, as negras, as portadoras de deficiência, as gordas, as velhas” (Magalhães, 2005, p.486).

Desse modo, examinar diversas representações de “Vênus” que estão presentes no cotidiano, na nossa cultura visual e literária pode ajudar-nos a compreender o processo de formação das representações do corpo feminino, manifesto, ainda hoje, na forma de preconceitos, silenciamento e invisibilidade, que continuam a reproduzir e ressignificar um imaginário racializado, generificado e gordofóbico, formado a partir de ideologias, e como essas, ocultam uma relação de poder e dominação.

## **CAPÍTULO II - *GORDOFOBIA*: COMPREENDENDO O PESO DAS PALAVRAS**

“Ser gorda é um insulto? Por muitos anos, eu acreditei que sim. Não conseguia ouvir, ler ou até mesmo estar perto de pessoas com corpos parecidos com o meu, justamente pelo medo de me associarem a eles. Durante muito tempo, essa expressão me causou arrepios na espinha e crises de choro. Hoje, consigo compreender que, na verdade, o meu temor não era ocasionado pelo termo em si, mas sim, por tudo aquilo de negativo que lhe fora atribuído. Fui aprendendo que seria necessário apagar ou, pelo menos, mascarar uma das características que definiam a minha forma voluptuosa de ser e estar no mundo, já que era a partir dela que a sociedade me discriminava” (Depoimento da autora).

Ao buscarmos compreender o significado da palavra *gorda*, que estivesse acessível ao público, encontramos no dicionário *online* Michaelis<sup>8</sup>, site de ampla abrangência, portanto muito popular, uma única definição – “carta de baralho do naipe de espadas ou de copas” – um sentido que desumaniza e objetifica essa expressão. Notamos, para além disso, que nesta plataforma a expressão *gorda* é considerada um substantivo, cuja etimologia seria o feminino de *gordo*, associando o termo a um conjunto de ideias, formadas pelo olhar masculino e pelas narrativas bíblicas, que concebe a mulher como parte do homem ou como o Outro (Beauvoir, 1949).

Da mesma maneira, no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa<sup>9</sup> a palavra *gorda* é definida como o feminino singular de *gordo*, contudo acrescenta mais um significado ao termo, agora como um adjetivo indicativo de “quem tem gordura ou que apresenta quantidade de gordura acima do que é considerado normal. = OBESO ≠ MAGRO”, correlacionando-o à ideia de algo fora da norma. Essa distinção entre “obeso X magro”, i.e., “anormal X normal”, demonstra como as categorias dicotômicas e hierárquicas podem funcionar, oprimindo e discriminando as qualidades que diferem daquelas impostas pelo cânone da beleza hegemônica, neste caso, a gordura.

De acordo com estes dois exemplos, podemos compreender, metaforicamente, que as palavras têm peso e poder, no sentido de que enunciam o que está manifesto, sobretudo, aquilo que está latente e subjacente, como, por exemplo, as ideologias, não somente no que diz respeito ao imaginário, bem como, no que se referem às práticas da vida cotidiana.

Assim, deduzimos que o desprezo, desfeita, desrespeito, etc., direcionados a corpos fora do padrão, seja no sentido de gênero, sexualidade, etnia, classe social (entre outras), são, em parte, resultado de operações associadas aos sistemas de representações,

---

<sup>8</sup> Consultado em 16/04/2022. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/gorda/>.

<sup>9</sup> Consultado em 16/04/2022. <https://dicionario.priberam.org/gorda> (2008-2021).

agenciados e articulados, política e socialmente, por grupos dominantes e hegemônicos, de modo a manter os seus privilégios e hierarquias.

Dessa forma, como foi visto no capítulo anterior, o imaginário gordofóbico que vai se constituindo, a partir da consolidação de um padrão de beleza clássico greco-romano, é definido por um sistema simbólico de poder que se faz presente na cultura ocidental e que contribui para a formação do que hoje nomeamos como gordofobia.

Na obra *Stop Gordofobia y las panzas subversas* (2016), Magdalena Piñeyro define:

Em palavras simples, chamamos de gordofobia a discriminação a que as pessoas gordas são submetidas pelo fato de serem assim. Falamos de humilhação, invisibilidade, maus-tratos, inferiorização, ridicularização, patologização, marginalização, exclusão e até mesmo violência física exercida contra um grupo de pessoas por possuir determinada característica física: a gordura (Piñeyro, 2016, p.48).

Portanto, a estrutura opressiva da gordofobia se manifesta nos diversos espaços culturais, assegurando o controle hegemônico sobre os corpos e reproduzindo diferentes tipos de violências. Desse modo, talvez seja possível considerar que a gordofobia, tal como o racismo, é estrutural, e está materializada em diferentes práticas cotidianas que discriminam corpos gordos e obesos, considerando que é por meio da visualidade que se forja essa narrativa gordofóbica e seus mecanismos, como por exemplo: em grande parte das lojas de roupa há uma separação entre as medidas padrões e os tamanhos maiores (quando existem), para além das modelagens não incluírem uma diversidade de numerações grandes e, na maioria das vezes, não serem nada estilosas; nos aviões, há ausência de cadeiras e cintos largos, bem como o design, estreitos, dos assentos de ônibus, bares e restaurantes, o que nos serve de indicativo de que apenas os corpos magros são bem-vindos; em academias, a ergometria dos aparelhos não acolhem os corpos gordos, contradizendo o próprio discurso gordofóbico, que tenta assegurar que pessoas gordas e obesas não se exercitam por opção; ambientes tanto familiares e quanto públicos, estão impregnados de olhares julgadores e fiscais de corpos, que tentam pregar a palavra da força de vontade, fundamentada em remédios e *shakes* para queimar gordura; nas instituições escolares, muitos insultos voltados para os corpos gordos vêm disfarçados de brincadeiras saudáveis entre colegas; nos hospitais e consultórios médicos, na maioria das vezes, independente do motivo da consulta, o diagnóstico final acaba sendo o peso.

Ainda nessa direção, Krudas Cubensi (2019) nos faz refletir sobre a representação de

peessoas gordas e obesas nos meios de comunicação. A autora comenta que, raramente, personagens gordas nos filmes são protagonistas das histórias de amor e que, assim como os homens gordos, são representadas como bobas, engraçadas e carentes, que costumam fazer piada do seu próprio corpo. Da mesma forma, ela afirma que existem muitos discursos nas mídias disfarçados de saúde e bem-estar, como é o caso das propagandas que apontam motivos para se acabar com a obesidade, porém, ao seguirmos essas orientações nada motivadoras, conseguimos entender que “(...) <<acabar com a obesidade>> é <<acabar com as gordas>>”<sup>10</sup> (Cubensi, 2019, p.18).

Em vista disso, na secção seguinte, buscaremos demonstrar como essas ideias estão manifestas na cultura midiática, ocidental, no século XXI.

### **2.1) A problemática da representação do corpo feminino, idealizado, na cultura midiática**

É possível percebermos que, no período pós-moderno, as narrativas orais foram perdendo a sua função social, na medida em que os discursos deixaram de ser formados apenas pelos indivíduos e passam a ser desenvolvidos e reproduzidos também pelos diversos meios de comunicação em massa, como a televisão, o cinema e as plataformas digitais (Anderson, 1999).

Dessa maneira, Paula Sibilia (2008) nos ajuda a compreender que, a partir da popularização e democratização das diferentes formas de comunicação, novas possibilidades de trocas, invenções e experimentações estéticas irão acontecer. Essas experiências, reais ou inventadas, reproduzem padrões de comportamento que, geralmente, vêm acompanhados do desejo de alcançar uma crescente visibilidade e aceitação (Sibilia, 2008).

Ao refletirmos sobre a fala da autora, podemos utilizar, por exemplo, a 18ª temporada do *reality show* estadunidense *The Biggest Loser* (2004), transmitida em 2020. O programa consiste de uma competição, entre equipes, formadas por pessoas gordas e obesas que, ao longo de 30 semanas, são submetidas a dietas restritivas e a exercícios físicos intensos, ministrados por treinadores e treinadoras, na intenção de fazer as/os participantes eliminar a maior quantidade de peso possível. No final da disputa, a/o competidora/or que tiver

---

<sup>10</sup> Tradução livre da autora. “(...) «acabar con la obesidad» es «acabar con las gordas»” (Cubensi, 2019, p.18).

perdido mais quilos, desde a primeira pesagem, ganha um prêmio em dinheiro (The Biggest Loser (série de TV americana, sd)<sup>11</sup>.

De acordo com o artigo publicado no site português NiT<sup>12</sup>, assinado por Ana Luísa Bernardino, “*The Biggest Loser*”: *Ex-concorrentes revelam os horrores do programa* (2016), podemos constatar que, para além de grande parte das/dos participantes terem recuperado todo o peso perdido, após sua saída do programa, as medidas restritivas, violentas e humilhantes promovidas pelo *reality show*, geraram graves consequências – tanto físicas como psicológicas – na vida das/dos ex-integrantes. Podemos buscar compreender esse tipo de entretenimento, a partir de uma ótica foucaultiana, refletindo sobre esses corpos gordos e obesos – fora do padrão – que são exibidos, controlados, vigiados e punidos ao longo da série, reforçando e reproduzindo, em escala global, o imaginário gordofóbico, que corroborou para que essas/esses participantes continuassem sendo desumanizadas/os, discriminadas/os e excluídas/os, mostrando, em cada capítulo, que para as/os participantes, vale tudo para se sentirem adequadas/dos, visualmente, aos padrões atuais impostos, *inclusive* se sujeitarem à espetacularização de seus corpos, submetendo-se a todas as formas de humilhação e degradação, apresentadas nessa série.

A proposta deste formato de entretenimento, do mesmo modo, pode ser compreendida a partir do texto de Angela Andrade e Maria Lúcia Magalhães Bosi (2003):

O individualismo narcísico e hedonista elege o corpo e as sensações como os depositários dos valores pessoais na atualidade. Com o apogeu da racionalidade científica moderna, a humanidade passou a acreditar que deveria controlar o desgaste biológico, não deveria envelhecer e poderia deter o controle da morte, aumentando a longevidade. Nossa cultura passou a banalizar a morte, da forma como é teatralizada na TV, através do extermínio do outro em um palco onde predominam excentricidades e, sobretudo, violência. (Andrade & Bosi, 2003, p.119)

Em outro ponto de vista, Susan R. Bordo (1997) destaca, ainda, que os estudos de análise sobre o panorama pós-moderno, em paralelo com o de outras épocas, apontam que as mulheres contemporâneas despendem muito mais tempo com a educação e administração de seus corpos, do já fora visto, promovendo um grande desgaste, físico e

---

<sup>11</sup> The Biggest Loser (série de TV americana) (n.d). *Stringfixer*. [https://stringfixer.com/pt/The\\_Biggest\\_Loser\\_\(U.S.\\_TV\\_series\)](https://stringfixer.com/pt/The_Biggest_Loser_(U.S._TV_series))

<sup>12</sup> Bernardino, Ana Luísa (2016). “*The Biggest Loser*”: *Ex-concorrentes revelam os horrores do programa*. NiT. <https://www.nit.pt/fit/05-23-2016-ex-concorrentes-do-the-biggest-loser-revelam-os-horrores-do-programa>

emocional, na “busca militante pela beleza” (Andrade, & Bosi, 2003, p.120) idealizada, como podemos constatar, por exemplo, na reportagem da Figura A.

Faz-se necessário destacarmos, aqui, que esse conjunto de mulheres, referidas na pesquisa de Susan R. Bordo (1997), estão enquadradas em um grupo específico, que deve ser pensado a partir de uma intersecção de categorias, tais como gênero, raça, classe social, orientação sexual, religião e capacidade (Crenshaw, 1989; Bilge, 2009; e Hirata, 2014).

#### FIGURA 6

*Artigo publicado no periódico, online, do Correio Braziliense, reproduzindo uma informação divulgada no Instagram de uma celebridade.*



Fonte: <https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/05/5005028-kim-kardashian-polemiza-ao-revelar-que-perdeu-7kg-para-usar-vestido.html>. Acesso em: 05/05/2022.

A socialite e empresária estadunidense, Kim Kardashian (Figura 6), exerce influência global sobre cerca de 309 milhões de pessoas em sua conta no *Instagram*, uma das plataformas digitais mais utilizadas no mundo, levando-nos considerar a forma como as narrativas pós-modernas vêm se apoiando na expansão de “novas tecnologias (informática, internet, fax, e-mails, telefones celulares, tecnologias digitais...)” (Morin, 2003, p.7), implicando na construção de imaginários sociais inéditos. Conforme Edgar Morin (2003), o excesso de informação gera uma desorganização a nível do conhecimento, resultando na falta de compreensão entre os próprios indivíduos.

Em outro sentido, destacamos a relevância de interpretarmos, não apenas o que está

visível no título e na imagem da Figura 6, sobretudo, é fundamental reconhecermos o que está subentendido nestes textos (escritos e visuais), evitando, assim, a disseminação de narrativas gordofóbicas que naturalizam a ideia de que mulheres devem realizar dietas restritivas, exercícios físicos punitivos e procedimentos estéticos, com a finalidade de uma modificação corporal, brusca, para ajustarem-se ao modelo de beleza global.

Portanto, concordamos com o autor Edgar Morin (2003), ao afirmar que “a compreensão não está ligada à materialidade da comunicação, mas ao social, ao político, ao existencial, a outras coisas” (Morin, 2003, p.8).

Desse modo, ao tentarmos compreender a visualidade e suas representações, a partir do campo da comunicação, devemos levar em consideração o conceito de “problemática” que, segundo John Storey (2015, p.154), numa perspectiva althusseriana, consiste num conjunto de “crenças, motivações, ideias subjacentes etc. de que é feito um texto (...) estruturado tanto pelo que está ausente (o que não é dito) como pelo que está presente (o que é dito)” (Storey, 2015, pp.154-155). Sendo assim, ao analisarmos uma propaganda, o recorte de uma revista, a imagem de uma publicidade, entre outras, é importante considerarmos as conjunturas políticas, históricas, econômicas, bem como diferentes categorias sociais e culturais, que se encontram implicadas em suas representações.

Até o momento, foi possível percebermos que os efeitos da rápida e constante expansão das mídias no século XXI, empregou “massivos investimentos na produção da imagem corporal feminina” (Andrade, & Bosi, 2003, p.119), bem como promoveu “uma visão distorcida da beleza” (idem, p.121), características essas, *inclusive*, “inventadas por técnicas digitais” (Wolf, 2018, p.10).

Nesse lugar da “virtualidade, dos ícones e imagens globais” (Andrade, & Bosi, 2003, p. 119), verdades são forjadas, padrões de beleza são determinados, desconsiderando corpos que não se assemelham a esses modelos, idealizados – com base em cânones da magreza, da juventude, da branquitude etc. – a fim de serem controladas pelo mercado de consumo.



## FIGURA 7

Artigo publicado na Revista Marie Claire [online] sobre evento de moda polêmico.

### Grife americana causa polêmica ao contratar modelo que veste número 40 como "plus size"

"Eu sou uma garota grande... Talvez não a maior no mercado, mas definitivamente maior que a maioria que a marca já trabalhou", disse Myla Dalbesio

1 min de leitura



Redação Marie Claire  
11 Nov 2014 - 09:02 | Atualizado em 11 Nov 2014 - 09:02



Myla Dalbesio (Foto: Divulgação)

Fonte: <https://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2014/11/grife-americana-causa-polemica-ao-contratar-modelo-que-veste-numero-40-como-plus-size.html>. Acesso em: 06/05/2022.

Como podemos observar na imagem 7, referente à campanha publicitária de *lingerie* da marca *Calvin Klein*, divulgada em 2004 na revista *Marie Claire*, notamos a tensão presente entre a imagem corporal de uma modelo (Figura 7), considerada magra, e o título do artigo, questionando a classificação deste corpo, como *plus size*, conferida pela grife. A matéria discute a questão dessa manequim ter sido apresentada, pela marca referida, como uma de suas primeiras modelos *plus-size*, termo designado para identificar modelos que trabalham, exclusivamente, para a indústria da moda (Betti, 2014). A expressão *plus-size*, define, igualmente, as linhas de produtos do vestuário, que produzem e comercializam peças com modelagens de “qualquer numeração acima do 44 (...) ou seja, maiores que o padrão estipulado socialmente” (Jimenez, 2020, p.102), com o objetivo de atender ao segmento de consumidoras/es robustas/os.

Esse caso nos leva a refletir sobre vários temas, em especial, sobre as incertezas relacionadas aos padrões corporais atuais, sobre o culto à magreza e sua relação com imagens de poder, de beleza e de mobilidade social, assim como, sobre “o consumismo, o hedonismo e o narcisismo - marcas legítimas da cultura moderna” (Andrade, & Bosi, 2003, p.121).

Da mesma maneira, Naomi Wolf (2018) ajuda-nos refletir sobre os impactos causado pelo “mito da beleza” (Wolf, 2018, p.13), em diferentes espaços sociais e culturais, locais e globais. Essa ideia é definida, pela autora, como um mecanismo de controle dos corpos, em especial, femininos, que se regula a partir da necessidade do alcance de uma beleza ideal, constituída e reforçada pelo sistema patriarcal e capitalista, representado pelas indústrias de beleza. Ela pontua que um dos resultados dessa lógica dominante é o estímulo e a crescente popularidade das práticas de modificação corporal, nomeadamente, cirurgias plásticas (Wolf, 2018).

Nesse sentido, nas palavras da jornalista e escritora feminista

a obsessão por exercícios e a dismorfia de imagem – condição em que a pessoa não vê o próprio corpo como ele de fato se apresenta estão, no mínimo, mais disseminadas e frequentes. Em alguns grupos de mulheres, o medo de envelhecer mantém a mesma força de sempre. Novas técnicas cirúrgicas e preços mais acessíveis tornaram essas intervenções muito mais comuns. E, em consequência de campanhas globalizadas de marketing com a promoção de ideais ocidentais, cirurgias de pálpebras, cirurgias de “refinamento” do nariz, perigosos cremes para clareamento da pele, entre outros procedimentos, grassam no mundo em desenvolvimento (Wolf, 2018, p.10).

Diante desse contributo, é importante apresentarmos o estudo desenvolvido por Gilles Lipovetsky (1989) sobre a fenômeno da moda e o caráter cada vez mais instantâneo dessa indústria. Conforme o autor, a efemeridade não é mais um fenômeno accidental, raro ou fortuito na moda, é uma regra permanente dos prazeres da alta sociedade e uma das estruturas da cultura ocidental.

Nesse sentido, desde que se inaugura o evento da moda, no final da Idade Média e início do Renascimento, inúmeros artificios, como espartilhos, corseletes e vários tipos de anáguas serão utilizados para auxiliar na construção deste corpo idealizado historicamente (Laver, 1989; Lipovetsky, 1989; Hollander, 1989), como podemos ver na Figura 8 e na Figura 9.

**FIGURA 8**

Propaganda de espartilho publicada na Revista Fon Fon: Seminário Alegre, Político, Crítico e Espusiante (RJ), no ano de 1911



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%201911&pesq=&pagfis>. Acesso em: 09/05/2022.

**FIGURA 9**

Folheto da Revista Avon Moda & Casa, Campanha 18/2018, lançamento Plié respeito às curvas, representado pelas cantoras Simone & Simaria



Fonte: <https://avonfolheto.com/Avon-Folheto-Moda-Casa-18-2018> =654. Acesso em: 10/05/2022.

A comparação entre as duas imagens exemplifica que o espartilho e a cinta, utilizados ainda hoje, na intenção de modelar os corpos, afinar a cintura e alargar o quadril, ressoam com o imaginário do corpo feminino, forjado ao longo de séculos pelas diversas narrativas visuais e literárias, e que continuam a reproduzir várias camadas de significados atribuídos à essas representações femininas. De acordo com a ideia do culto ao novo, um dos aspectos do sistema da “moda moderna” (Lipovetsky, 1989, p.79) é a noção de que é necessária a aquisição destes produtos ou a demanda por modificações corporais. Dessa forma, o corpo ideal se transforma em um produto ideal, rapidamente vendido através de imagens, que são representadas pelos diversos meios de comunicação.

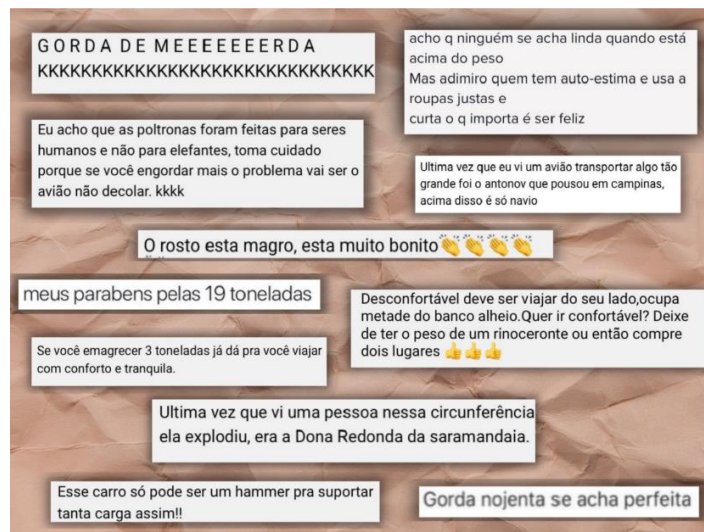
Outro aspecto que podemos observar na Figura 9 é a contradição entre o *slogan* “eu posso ser o que eu sempre quis” e a imagem produzida para a campanha, em que duas cantoras populares brasileiras apresentam seus corpos contidos por cintas modeladoras, simbolicamente, oprimidos e controlados. Nesse momento, podemos refletir: será isto mesmo que as mulheres sempre quiseram ser?

Vale ressaltar, aqui, que a normatização do ser belo colabora na perpetuação de narrativas

dicotômicas, excludentes e violentas, como é o caso da gordofobia. Portanto, corpos gordos e obesos, que resistem à tirania das opressões estéticas, passam a ser estereotipados como não saudáveis, desleixados, preguiçosos e desqualificados, conforme verificamos atualmente, e com frequência, nos veículos midiáticos, especialmente, nas redes sociais, como podemos observar na Figura 10.

**FIGURA 10**

*Recorte do artigo O que é gordofobia e por que falar dela, assinado por Ana Luiza Sousa Peixoto, publicado em 06 de setembro de 2021, no site brasileiro LabJor FAAP.*



Fonte: <https://medium.com/labjorfaap/o-que-%C3%A9-gordofobia-e-por-que-falar-dela-c7b1c77125bd> Acesso em: 15/04/2022. Acesso em: 15/04/2022.

Cabe aqui pontuarmos que o conceito de “estereótipo” (Hall, 2016, p.348), que orienta esta investigação, é definido pelo autor Stuart Hall (2016) como

Uma descrição unilateral, resultado da redução de diferenças complexas a um simples recorte. Características diferentes são compreendidas em conjunto ou condensadas em uma só. Essa simplificação exagerada é então atrelada a um sujeito ou lugar. Suas características tornam-se signos, “evidências”, de acordo com os quais conhece-se o sujeito (idem, p.348).

Tendo por base essa conceitualização, é possível compreender que os estereótipos e os padrões de beleza são constituídos sob panoramas “excludentes e desestimulantes da autoestima de grupos historicamente oprimidos” (Berth, 2019, p.70), sendo, portanto, crucial referenciar-mos a perspectiva interseccional, que desvela as categorias em que foram constituídos.

Fazendo eco a esse pensamento, Joice Berth (2019) define a estética como um

Elemento importante nos processos de dominação de grupos historicamente oprimidos, pois, uma vez que se criam padrões estéticos pautados pela hierarquização das raças ou do gênero, concomitantemente criamos dois grupos: o que é aceito e o que não é aceito e, portanto, deve ser excluído para garantir a prevalência do que é socialmente desejado (idem, p.70).

Stuart Hall (2013) comenta, com base em seus estudos sobre Louis Althusser, que “o

conhecimento, seja ele ideológico ou científico, é produto da prática. Não o reflexo do real no discurso ou na linguagem” (Hall, 2013, p.188). Portanto, é possível compreendermos que as práticas cotidianas, sociais e simbólicas são determinantes na significação do conhecimento, levando-nos a refletir que estas formas são concretas e se dão no espaço das instituições, permeadas pelos sistemas de poder e representação, que estruturam ideologias dominantes, que padronizam pensamentos, linguagens, corpos, e que discriminam todo o “Resto” (Hall, 2016, p.319) que não se assemelha a elas. Na perspectiva do autor, o Resto “é representado sob a mesma lógica de que são todos diferentes do Ocidente. Em suma, o discurso, como um “sistema de representação”, interpreta o mundo por meio de uma lente dicotômica - o Ocidente/o Resto” (idem), acrescentamos ainda, a/o Magra/o/ a/o Gorda/o, construindo uma noção “excessivamente simplificada da “diferença” (ibidem).

Determinantes dos sistemas de significação, as práticas e os discursos também podem apresentar forte influência na produção de subjetividades. Segundo Félix Guattari (1996), a subjetividade pode ser “essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (Guattari, 1996, p.25) e incluída em “todos os processos de produção social e material” (idem, p.32), inclusive, simbólicos.

Nesse sentido, o resultado destas produções na maneira como as narrativas são constituídas nas séries televisivas, descartando das telas os corpos gordos e obesos, ou estereotipando-os como engraçados, inseguros e vítimas de violência, como é o caso da série estadunidense *Isiatable* (2018). Nesse seriado, a personagem principal é uma garota gorda que tem o seu corpo subjugado e depreciado a todo momento na escola e em outros ambientes sociais. Essa narrativa, além de reforçar a vitimização do corpo gordo e feminino, também contribui para a naturalização do *body shaming* (Arruda, 2019, p.113), compreendido por Agnes de Sousa Arruda (2019) como “uma prática de importunação que consiste em fazer graça, caçoar da pessoa, por conta justamente de suas características físicas” (idem).

De acordo com Paula Sibilia (2008), a subjetividade não é inerente aos indivíduos, mas sim, constitui-se a partir de diferentes culturas e pelas relações que se estabelecem entre os sujeitos e o mundo. Portanto, de acordo com as mudanças temporais e interrelacionais, o cenário da “experiência subjetiva” (Sibilia, 2008, p.16) se transforma. A autora acrescenta, ainda, que algumas características históricas se tornam tradições e outras são ressignificadas, sutil ou profundamente. Essas diferentes mudanças acabam por influenciar na concepção de novos corpos que serão “compatíveis” com as maneiras de “de ser e estar” nessas diversas sociedades (idem, p.15).

Ainda sob esta perspectiva, Paula Sibilia (2008) comenta que

Se as subjetividades são modos de ser e estar no mundo, longe de toda a essência fixa e estável que remete ao “ser humano” como uma entidade a-histórica de relevos metafísicos, seus contornos são elásticos e mudam ao sabor das diversas tradições culturais (idem, p.16).

Podemos, assim, constatar que o reforço de estereótipos negativos sobre as pessoas gordas e obesas, representados de forma explícita ou velada, a partir da visualidade dos filmes, novelas, séries e até mesmo, nas redes sociais, podem forjar novas formas de controle, de violências, de exclusões e de discriminações, sociais e simbólicas, que acabam por normatizar e, até mesmo, incentivar a busca pela estética idealizada, como podemos analisar na Figura 11.

**FIGURA 11**

*Imagens da série Insatiable, produzida pela Netflix*



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45122528>. Acesso em: 28/04/2022.

Ao observarmos esta imagem, presente no seriado, podemos constatar, em primeiro plano, uma garota gorda, olhando para baixo, com a feição triste e frustrada, apresentando uma expressão corporal introvertida, e um figurino desarranjado, indicado pelo cabelo despenteado, pouca maquiagem e um vestuário que cobre as curvas de seu corpo. Em contraste com a primeira figura, é apresentada a mesma personagem, só que desta vez, magra, com a feição leve e angelical, reforçada pela estética do cabelo e pela forma como olha para cima, indicando-nos uma possível referência com o olhar para o céu. Outro detalhe é a sua expressão corporal extrovertida, que nos dá a impressão de que ela aceita o seu corpo e não tenta escondê-lo, aspecto reforçado por sua roupa, que desnuda os seus braços e o seu colo, divergindo do vestuário da primeira imagem. É interessante nos atermos que a discrepância entre as duas figuras está em sintonia com a narrativa da série já que, após ter sido agredida no rosto, a personagem é obrigada a realizar uma dieta líquida por três meses, motivo de seu rápido emagrecimento, levando-a perceber que todas as pessoas ao seu redor passaram a vê-la e tratá-la de maneira diferente, sentindo-se incluída e confortável com a sua nova aparência. Portanto, podemos observar que o enredo da história passa a positivar as características desta personagem, agora, magra, em razão de ter sido agredida, violência esta que a transforma e “adequa” o seu corpo ao padrão estético

vigente naquele grupo social.

Além disso, também é importante mencionarmos a forma como se deu a caracterização da personagem gorda, visto que foram utilizados enchimentos e próteses faciais, na intenção de tipificar o corpo gordo feminino, bem como o vestuário, que foi constituído com base em roupas largas, com cores pouco vibrantes e que cobrem grande parte do corpo, reproduzindo a ideia de desleixo, por vezes, atribuída às pessoas gordas no espaço midiático. Este mesmo exemplo também pode ser observado no filme estadunidense *Shallow Hal* (2001), em que a atriz Gwyneth Paltrow, uma mulher magra, utiliza uma espécie de “fantasia de gorda” (Figura 12), para retratar, em tom de piada, situações gordofóbicas que a sua personagem vivencia, ao mesmo tempo em que o seu par romântico, um homem gordo e branco, é representado como belo e sedutor, reforçando, neste caso, o estereótipo de gênero masculino.

**FIGURA 12**

*Fantasia utilizada para representar o corpo gordo feminino, no filme Shallow Hal (2001)*



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-48436865>. Acesso em: 03/05/2022.

De acordo com Joseanne de Oliveira Nery, “as mulheres gordas são mais afetadas a esse tipo de preconceito do que os homens” (Nery, 2017, p.12), visto que, para além das opressões de gênero produzidas pelo sistema patriarcal, o próprio homem, inclusive o gordo, afasta, inferioriza e até ridiculariza a gordura do corpo feminino, reforçando ainda mais o estigma negativo acerca da mulher gorda. Por outro lado, para Magdalena Piñeyro (2016) é importante considerarmos que o imaginário gordofóbico contribui para que todas as pessoas gordas, independente de gênero, sejam afetadas por essa lógica, mesmo que de maneiras distintas.

Em outro aspecto, Lucia Santaella (2003) destaca a importância dos sistemas simbólicos e de suas mensagens, na formação da percepção e da compreensão humana que, conseqüentemente, vai afetar o desenvolvimento e estabelecimento de novos “ambientes socioculturais” (Santaella, 2003, p.24). A autora alerta para os riscos de uma interpretação tendenciosa e equivocada, no sentido de compreendermos que as alterações culturais resultam, exclusivamente, das transformações nos meios de comunicação, cultura e das mídias, vistos

nessa perspectiva, como veículos propagadores de difentes ideologias.

Ressoando com esse pensamento, Stuart Hall (2011) ajuda-nos a compreender que o sujeito pós-moderno não tem uma “identidade fixa, essencial ou permanente” (idem, p.13). Para o autor, a identidade “passa a ser formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (idem, p.13). Nesse sentido, as representações midiáticas dos corpos gordos e obesos, têm forte influência na produção de identidades culturais e, até mesmo, na naturalização do imaginário gordofóbico ocidental.

Em vista disso, Agnes de Sousa Arruda (2019) afirma que

(...) Da mesma maneira que o corpo social contemporâneo faz uso dos media e de seus conteúdos para sua sociabilização, não faz sentido a existência dos media sem as pessoas e seus corpos para se relacionarem com eles, tendo assim a presença do princípio dialógico. Na recursividade, vê-se claramente a gordofobia que é praticada na concretude da carne sendo reproduzida nos produtos midiáticos, assim como aquilo que é apresentado nos produtos midiáticos também serve de exemplo para novas ações gordofóbicas, levando ao princípio hologramático (o todo na parte, a parte no todo), pois da mesma forma que há gordofobia na comunicação midiática, a comunicação midiática também se faz na gordofobia, produzindo e reproduzindo os sentidos do preconceito (Arruda, idem, p.121).

Portanto, podemos considerar que os discursos midiáticos, materializados através da visualidade e da linguagem, difundem-se e estruturam-se rapidamente na vida cotidiana, de tal forma que vestuários, gostos musicais e até mesmo o tipo de estética idealizada, são introjetados no imaginário social e passam a ser compreendidos como desejos subjetivos, que podem e devem ser alcançados.

Em contrapartida, é importante ressaltarmos que existem tensões no espaço da cultura popular e elas promovem um movimento de resistência contra as práticas hegemônicas. Nesse sentido, a autora Joseanne de Oliveira Nery (2017) reconhece que corpos considerados distantes da estética do belo vêm sendo representados, positivamente, no espaço das redes sociais, nas revistas, nos filmes, nos programas televisivos e até mesmo no mundo da moda, como o exemplo da indústria *plus-size*, citada anteriormente. Essa forma de representar os corpos gordos e obesos oferece a possibilidade de desconstruir aquele imaginário que os tem estigmatizado como doentes, desleixados, preguiçosos, feios.

Entendemos o conceito estigma pela ótica de Erving Goffman (2004), que o compreende como “um atributo profundamente depreciativo” (Goffman, 2004, p.7). Desse modo, por meio desses atributos, reconhecidos, também, como signos, que distinções e categorizações são feitas sobre os sujeitos, compreendendo que determinadas características, consideradas como diferentes pelos grupos hegemônicos, são depreciadas e desvalorizadas, como é o caso da gordura.

Em 16 de fevereiro de 2020, foi publicada uma reportagem na revista *online*, *Carta*



*Capital*<sup>13</sup>, em que aparecem ativistas gordas brasileiras, que lutam pelo fim da gordofobia e da estigmatização do corpo gordo. Entre elas, está a carioca Alexandra Gurgel contando sobre a construção de sua página no *Instagram*, denominada como *Movimento Corpo Livre*. Conforme a entrevista, ao longo de sua infância e adolescência, ela esteve focada em disciplinarizar o seu corpo, para encaixá-lo nos padrões estéticos ditados pela sociedade. Em consequência disso, desenvolveu um quadro de bulimia e anorexia, e ainda passou por um procedimento cirúrgico de remoção de gordura (lipoaspiração), que desencadeou sequelas em seu corpo. No ano 2012, ela tenta cometer suicídio, por se sentir insatisfeita com todo o caminho que percorreu detestando a sua aparência física. Segundo a ativista, foi a partir dessa circunstância que ela conheceu o movimento feminista e desenvolveu o seu canal no *Youtube*, a fim de debater diferentes assuntos dentro dessa temática, algo que a inspirou a desenvolver o perfil do *Movimento Corpo Livre*, que compreende um corpo no “contexto social em que estamos inseridos (...). Que começa a se amar, a viver, dançar, andar, caber nos lugares e etc” (<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/contra-a-gordofobia-movimento-corpo-livre-ganha-forca-na-internet/>).

Ainda nessa direção, Alexandra Gurgel comenta que o *Movimento Corpo Livre* teve como referência o movimento social americano, *The Body Positive Movement*. De acordo com Ana Luísa Marques Rodrigues, essa organização foi fundada por Connie Sobczak e Elizabeth Scott, no ano de 1996, nos Estados Unidos, mas passou a ganhar visibilidade apenas em 2015. O objetivo principal desse movimento é a promoção do “amor-próprio, e a aceitação, em oposição à vergonha e às restrições alimentares” (Rodrigues, 2018, p.1), além de desenvolvimento do aprendizado sobre enxergar a “beleza na diversidade que existe nas pessoas” (idem).

A autora Agnes de Sousa Arruda (2019) ainda comenta que esse movimento “embora fale sobre a aceitação corporal em seus mais diferentes aspectos, não só relacionados ao peso, tem produzido efeito positivo também no combate à gordofobia” (idem, p.26), já que estimula diversos tipos de pessoas, em especial, mulheres, a celebrarem os seus corpos e a sua autoimagem, independente de qual esta seja.

Nesse sentido, não podemos deixar de destacar algumas conquistas que vêm contribuindo na construção do imaginário positivo sobre o corpo gordo. A revista *Vogue Brasil* realizou uma edição *online*, no mês de novembro de 2020, com o tema *Uma ode ao corpo livre*, contando com a participação das cantoras Duda Beat, Preta Gil e com a modelo Rita Carreira (Figura 13). As convidadas do ensaio descrevem a importância da aceitação corporal para suas vidas e relatam os

---

<sup>13</sup>Consultado em 28/05/2022. <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/contra-a-gordofobia-movimento-corpo-livre-ganha-forca-na-internet/>

desafios que percorreram até amarem a si mesmas, exatamente do jeito que são.

**FIGURA 13**

*Rita Carreira veste Dior na capa da Vogue de novembro (Foto: Fernando Tomas)*



Fonte: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2020/11/vogue-de-novembro-uma-ode-ao-corpo-livre.html>. Acesso em: 04/01/2022.

Outra importante representação do ativismo gordo no Brasil é o produtor de conteúdo do perfil *Movimento Corpo Livre*, Caio Revela, que divulga em suas redes sociais conteúdos e imagens que contrapõe discursos gordofóbicos, como podemos ver na Figura 14. Em entrevista para a Revista Metrópole (2020)<sup>14</sup>, ele expõe que “estar confortável e satisfeito com o próprio corpo é um ato revolucionário” (<https://www.metropoles.com/entretenimento/influencer-reproduz-foto-classica-do-verao-para-combater-a-gordofobia>).

O *influencer* também afirma que a sua visualidade estética tem agradado um público cada vez maior, alargando sua popularidade com base em uma representatividade positiva sobre corpos gordos e obesos.

**FIGURA 14**

*Revista Metrópole* exhibe foto do *influencer* digital Caio Revela, que rebate a lógica gordofóbica que constitui a noção sobre como deve ser um “corpo de verão”



Fonte: <https://www.metropoles.com/entretenimento/influencer-reproduz-foto-classica-do-verao-para-combater-a-gordofobia>. Acesso em: 07/06/2022.

<sup>14</sup> Consultado em 28/05/2022. <https://www.metropoles.com/entretenimento/influencer-reproduz-foto-classica-do-verao-para-combater-a-gordofobia>

Os espaços de dança, constantemente frequentados e representados por corpos magros, atualmente, têm sido ressignificados por dançarinas gordas, transformando em um lugar de diversidade e acolhimento de pessoas consideradas não-padrão. A bailarina profissional Júlia Del Bianco, fundadora da academia de dança *Dance For Plus*, que propõe expandir e potencializar o movimento de todos os corpos através do Ballet, consiste num dos muitos exemplos nessa área. Em sua conta no *Instagram*, ela incentiva a prática do exercício da dança, sem pensar em estética ou punição, valorizando o seu corpo e os seus limites, como podemos ver o exemplo da Figura 15.

**FIGURA 15**

*Imagem de Júlia Del Bianco, postada no dia 01 de abril de 2022, em sua conta no Instagram (@danceforplus)*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CbyWwzYLVrr/>. Acesso em: 10/06/2022.

Embora possamos observar uma crescente representação de pessoas gordas e obesas no âmbito da cultura midiática global, bem como discussões e popularizações de temas associados às diversas formas de violências promovidas sobre esses corpos, para Maria Luisa Jimenez Jimenez (2020) “essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos sociais na sociedade contemporânea” (Jimenez, *idem*, p.3).

Desse modo, na próxima seção, vamos buscar compreender o lugar da problemática da gordofobia, no espaço escolar.

## **2.2) A educação midiática e o seu papel no combate à gordofobia**

Procuramos refletir, até aqui, sobre um conjunto específico de discursos, imagens e outras expressões populares – parte de nossos sistemas de representações – que, de maneira reducionista e tendenciosa, operam na produção, reprodução e ressignificação de narrativas gordofóbicas que,

de forma sutil, colaboram para reforçar estigmas, estereótipos e preconceitos sobre os corpos gordos e obesos. Torna-se oportuno acrescentar, ainda, o entendimento da professora Anabela Amaral (2016), sobre “discurso como o conjunto de textos escritos ou imagéticos que veiculam normas, modelos e saberes” (idem, p.42). Logo, essas ações, que determinam práticas de violências sobre os corpos, são disseminadas no espaço da cultura popular, por meio de diferentes tecnologias midiáticas, a nível local e global.

É importante apontar que, nesta investigação, utilizamos o conceito de violência definido por Sarai Walker (2019), escritora e ativista do movimento gordo, como “«comportamentos que causam (ou tentam causar) dano à outra/outras [pessoa/pessoas], a nível físico, econômico, simbólico ou psicológico»” (Walker, 2019, p.70)<sup>15</sup>.

No que concerne aos espaços institucionais, como a família e a escola, compreendemos, de modo igual, os discursos estão concretizados nas mais variadas práticas cotidianas. Esses lugares, em razão das grandes revoluções e transformações que acontecem nos meios de comunicação e internet, estão cada dia mais transformados por narrativas culturais de países economicamente dominantes, sendo influenciados, progressivamente, por valores externos às suas culturas locais, diluindo assim, muito do “sentido de identidade e coletividade” (Andrade, & Bosi, 2003, p.119).

Desse modo, diante da conjuntura desse apogeu tecnológico, a visualidade torna-se um “aspecto estético de qualquer política ou sistema sócio, histórico e cultural” (Araújo, 2018, p. 17), podendo ser considerado como um dos discursos que compõem a narrativa da gordofobia, manifesta em várias representações da cultura popular e visual vigente. Nesse contexto, os corpos são projetados pelas mídias como um bem simbólico (Andrade, & Bosi, 2003), vindo a ser um elemento importante, no que diz respeito à assimilação de informações e de significados culturais.

De acordo com Luciana Cozza Rodrigues e Mirela Ribeiro Meira (2016),

Muitas vezes, devido à grande quantidade de imagens e informações visuais às quais somos submetidos diariamente, a cognição se faz somente pela visão, em detrimento dos outros sentidos, servindo de sensor responsável por separar o que devemos ler e apreender daquilo que não deve ser lido e aprendido (Rodrigues, & Meira, p.435).

Nessa direção, Douglas Kellner (2011) afirma que a publicidade pode ser considerada uma pedagogia, posto que, “ensina os indivíduos o que eles precisam e devem desejar, pensar e fazer para serem felizes, bem-sucedidos (...). A publicidade ensina uma visão de mundo, valores e quais comportamentos são socialmente aceitáveis e quais são inaceitáveis” (Kellner, idem, p.108). Desse modo, as visualidades podem ser pensadas como um instrumento de poder,

---

<sup>15</sup> Tradução livre da autora. “«Aquelloos comportamientos que hacen (o intentan hacer) daño a otra/otras [persona/personas], a nivel físico, económico, simbólico o psicológico»” (Walker, 2019, p.70).

capazes de moldar e controlar a forma como os indivíduos devem ser e estar no mundo.

Assim sendo, podemos perceber que elementos visuais, disponíveis na cultura midiática, conseguem ter um forte impacto na formação identitária e social dos sujeitos. De acordo com Isabel Macedo e Rosa Cabecinhas (2012), “(...) um filme tem o poder de difundir imagens, percepções, representações que podem ser centrais na formação dos jovens” (Macedo, & Cabecinhas, idem, p.190) e essa mesma maneira de pensar pode ser contemplada nas diversas formas de expressão visual.

As mídias digitais não só refletem, como também representam a realidade social, “que inevitavelmente incorpora valores e ideologias implícitos” (Buckingham, 2010, p.50). Dessa forma, o imaginário gordofóbico, definido e difundido por um sistema de poder cultural, simbólico e midiático, pode corroborar na produção de saberes, discursos e referenciais estéticos, dentro dos ambientes educacionais, exercendo diferentes impactos na vida das e dos estudantes.

Como vimos até o presente momento, os corpos gordos e obesos foram estigmatizados e categorizados como não saudáveis, feios, desleixados e improdutivos, por não estarem associados à beleza hegemônica da magreza, que passou a ser valorizada a partir do século XX. Os impactos provocados pela formação de um imaginário social, que atribui características negativas e estigmatizantes, a um determinado grupo social, repercutem na pós-modernidade ocidental, a partir de práticas diárias permeadas por ofensas, humilhações, “piadas”, xingamentos e outros muitos tipos de constrangimentos, impostos a essas/es sujeitos.

Nesse sentido, ao pensarmos no campo da Educação, conseguimos constatar que essas práticas podem ser materializadas através de comportamentos discriminatórios e violentos, ocorridos entre os diversos coletivos estudantis. Conforme Liliana Leandra Gonçalves Martins (2013), a violência entre pares pode se configurar por comportamentos repetitivos, que se apresentam a partir de uma relação desigual de poder entre as/os alunas/os e que tem como finalidade promover danos. Por esse motivo, a autora percebe que “(...) estes cruéis episódios condicionam o bom funcionamento escolar, tal como o normal desenvolvimento dos alunos envolvidos neste acontecimento, acarretando consequências severas para todos” (Martins, 2013, p.78).

Desse modo, as relações de poder, que se refletem na cultura popular, midiática e, conseqüentemente, também são representadas na “*cultura da escola*” (Buckingham, 2010, p.42), enfatizam signos, por vezes, distantes dos grupos dominantes, que passam a ser denominados como diferentes e menos valorados. Assim, entendemos que sistemas discriminatórios e estigmatizantes, podem ser manifestados nos ambientes educacionais através da violência entre pares, assumida, também, na forma de violência gordofóbica, produzindo comportamentos

opressivos, excludentes e violentos, que comprometem o desenvolvimento pessoal dos indivíduos.

Segundo Rafael da Silva Mattos *et al.* (2012), o imaginário social negativo sobre a obesidade faz com que uma/um estudante reconheça que “como agente social não tem valor” (Mattos, Perfeito, Carvalho, & Retondar, 2012, p.78). Esse sentimento, pode acarretar em desejos de modificação corporal ou até mesmo promover a ideia de que a sua identidade não é insuficiente e encontra-se inferior em relação às demais.

Dessa forma, a/o aluna/o que sofre gordofobia no âmbito escolar, ou na extensão de outros ambientes fora da escola, como o espaço das redes sociais, pode ser categorizada/o por termos que reforçam o signo depreciativo que lhe fora atribuído, em razão das diferenças, “um “outro”, que tem servido facilmente à manipulação de interesses diversos, à organização de discursos de poder, à instituição de imaginários coletivos e à mobilização do ódio, do medo, da aversão e da onipotência” (Araújo, 2018, p.44).

Por isso, expressões “como “baleia”, “elefante”, “hipopótamo”” (Mattos, Perfeito, Carvalho, & Retondar, 2012, p.78), desvelam o ocultamento da violência que se naturaliza por esse discurso, considerado, muitas vezes, como uma brincadeira, mas que, na realidade, geram comportamentos de fuga e isolamento por parte das/dos jovens, e, do mesmo modo, podem promover o mascaramento de características corporais que suscitem esses ataques como, por exemplo, vestuários mais largos, que evitam marcar a forma de seus corpos, mangas compridas para disfarçar braços com mais volume, entre outras. Ainda de acordo com o mesmo estudo, a estigmatização das/dos estudantes obesas/os nas escolas e nos seus âmbitos familiares pode provocar um afastamento dessas/desses jovens de seu meio escolar (Mattos, Perfeito, Carvalho, & Retondar, 2012).

Podemos, igualmente, observar que essas narrativas depreciativas sobre os corpos gordos e obesos, observadas no âmbito educacional, são também propagadas na área da saúde. Ao serem reproduzidas no senso comum, acabam servindo como um poderoso mecanismo de controle e de manutenção desses discursos nas escolas.

Nesse sentido, o autor Lucas Vieira Francisco e a autora Rosa Wanda Diez-Garcia (2015), baseados no estudo *Cultura, saúde e doença* (2003) de Cecil G. Helman, comentam que “os indivíduos que exercem a medicina moderno-científica formam um grupo com seus valores, regras, hierarquias e teorias próprias sobre a doença” (Francisco, & Diez-Garcia, 2015, p.711). Desse modo, ao longo do curso de formação acadêmica, aos poucos, essas/es futuras/os profissionais da área de saúde, irão “adquirindo um recorte sobre a visão de doença que perdurará ao longo de sua carreira” (idem).

Desse modo, ele e ela identificam que

Dentre esses valores e ideais está a base da racionalidade científica, ou seja, um pensamento baseado e medido objetivamente; “fatos clínicos” passam a ser os motivos de reais investigações na maioria das vezes. Desse modo, vai acontecendo um processo crescente de definições numéricas para classificar estados de saúde e doença – ou seja, parâmetros físicos e bioquímicos (peso, altura, contagem de substâncias sanguínea, níveis hormonais) – que produzem faixas numéricas para o que é considerado normal ou saudável. Portanto, a doença e o anormal passam a ser o desvio dessa faixa para cima ou para baixo (Francisco, & Diez-Garcia, 2015, p.711).

Sobre essa ótica, o site da OMS<sup>16</sup> (Organização Mundial de Saúde) indica que o sobrepeso e a obesidade, são considerados doenças epidêmicas, estabelecidas por um excesso de gordura corporal, que promove prejuízos à saúde. De acordo com as informações contidas na plataforma, o BMI (*Body Mass Index*), traduzido para o português como IMC (Índice de Massa Corporal), é um cálculo utilizado, internacionalmente, para determinar se os valores de massa corporal de um indivíduo estão dentro do parâmetro “ideal”, ou acima do indicado, i.e. excessivo. Essa narrativa quantitativa pressupõe que uma pessoa, desviante dos limites considerados “normais”, ou seja, julgada como gorda e/ou obesa, passa a ser, automaticamente, caracterizada enquanto doente e não saudável, sem verificar nenhum tipo de exame laboratorial, fatores genéticos e até mesmo, ter um conhecimento sobre os seus hábitos alimentares. Portanto, podemos entender que o imaginário gordofóbico se fortalece, na medida em que profissionais de saúde permitem que a estigmatização do peso de alguém prognostique mais do que todo o resto.

Os discursos médicos higienistas estão presentes nas escolas há longas datas, colaborando na formação da ideia de corpo saudável, do mesmo modo que contribuiu para orientar e disciplinar o comportamento dos indivíduos (Amaral, 2016). Conforme John Evans *et al.* (2009), o preconceito sobre o peso, tamanho e a forma corporal, associados a essas narrativas estigmatizantes, põe em causa a saúde e os hábitos de vida de alunas/os consideradas/os gordas/os e obesas/os, relacionando a perda de peso e restrições alimentares como “soluções” saudáveis, que as/os impõe uma mudança corporal. Essa noção, apoiada pelo campo da Saúde, promove impactos não só a nível emocional e psicológico, como também prejudica os processos de aprendizagem dos grupos estigmatizados. O estudo ainda indica que as maneiras de olhar para esses corpos, podem ser percebidas também no âmbito familiar, escolar e até nos próprios círculos de amizade (Evans; Davies; & Rich, 2010).

Ainda nessa perspectiva, Josiane Peres Gonçalves e Valdelice Cruz da Silva Souza (2019) evidenciam, a partir do recorte em uma escola brasileira, que pré-adolescentes se sentem frustradas/os e tristes por não se enquadrarem nos “ideais” estéticos da magreza, considerado por elas/eles próprias/os como o mais belo e saudável. A pesquisa verificou que as/os jovens

---

<sup>16</sup> Consultado em 08/06/2022. [https://www.who.int/health-topics/obesity#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/obesity#tab=tab_1)

entrevistadas/os, não se encontram satisfeitos com a sua estrutura corporal, buscando “solucionar” essa preocupação a partir da abstenção alimentar, fato este que pode levar ao desenvolvimento de transtornos alimentares e promover uma baixa autoestima nas/nos adolescentes. Apesar disso, o estudo conclui que as/os participantes se sentem confortáveis em conversar sobre o assunto das discriminações, no próprio ambiente escolar, pois se sentem acolhidas/os e compreendidas/os, ainda que a gordofobia esteja presente em grande medida nesse lugar.

De acordo com outra investigação qualitativa, realizada dessa vez por Aliciene Fusca Machado Cordeiro e Jully Fortunato Buendgens (2012), a sala de aula se constitui como um ambiente de reprodução e reforço de estereótipos, onde até professores podem contribuir na produção de estigmas das/os alunas/os que não se enquadram em padrões estéticos, socialmente definidos.

À vista disso, é possível reconhecermos que as instituições escolares têm forte relevância na promoção de uma conscientização pela luta contra a gordofobia, não só por parte das/dos estudantes, como também das/dos profissionais que trabalham na área da Educação. Para que essa prática seja viável, além da sugestão de debates sobre a temática da gordofobia, bem como sobre o racismo, capacitismo, xenofobia, igualdade de gênero, etc., entendemos ser importante pensarmos em alternativas que concedam o acesso das/dos estudantes ao espaço da cultura popular, a fim de ressignificar a experiência da escolarização para elas/eles, por vezes, entendida como “algo à margem de sua identidade e de seus interesses – ou, no máximo, como uma espécie de tarefa funcional” (Buckingham, 2010, p.45), assim como oferecer a possibilidade de refletir acerca do intuito pelo qual são exibidas e promovidas as práticas encontradas no universo das mídias digitais, que fundamentam a produção de estigmas e preconceitos.

Retomando a ideia de Perry Anderson (1999) sobre a perda da função social das narrativas orais na pós-modernidade, podemos observar que ainda há predominância na escolha de metodologias escolares que se apoiam apenas na transmissão verbal do conhecimento. Por esse motivo, Norma Suely Menezes Soares de Azevedo (2010, p.2) considera importante a utilização de uma “linguagem não-verbal através da imagem, da iconografia e das representações imagéticas na sala de aula” (idem) pois implicam “novas reflexões metodológicas” (idem), que possam representar diferentes identidades e estéticas corporais.

É David Buckingham (2010) um dos/as autores/as que nos apresentam a importância da “educação midiática” (Buckingham, 2010, p.52), que, do seu ponto de vista, deve ser caracterizada por sua ênfase na cultura popular e nas vivências cotidianas das/dos estudantes com as mídias digitais, tornando possível o estímulo e a ampliação de compreensões a respeito do



funcionamento e da influência de significados presentes na cultura midiática.

Logo, o autor entende que

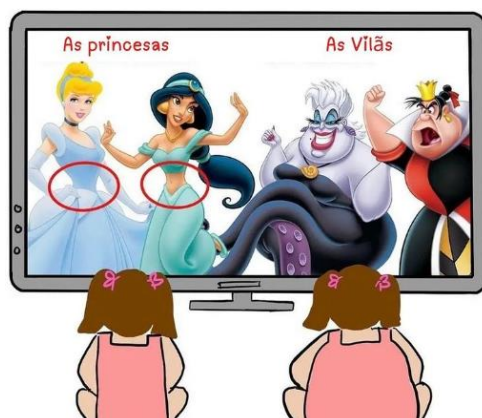
No contexto da educação midiática, o objetivo não é inicialmente o de desenvolver habilidades técnicas, nem promover a autoexpressão, mas estimular uma compreensão mais sistemática de como funciona a mídia e daí promover formas mais reflexivas de usá-la. Nesse sentido, a educação midiática contesta o uso instrumental da tecnologia como auxílio pedagógico transparente ou neutro (Buckingham, 2010, p.52).

Em outra perspectiva, Monica Fantin e Gilka Girardello (2009) compreendem que “o paradigma ecológico da mídia-educação apresenta uma concepção integrada” (Fantin, & Girardello, 2009, p.84), no que diz respeito a articulação de projetos educativos que, ao mesmo tempo, atendam “as exigências do ambiente comunicativo a partir de cada inovação tecnológica, integrando-as entre si” (idem). Segundo as autoras, o planejamento desse modelo educacional não perpassa apenas a utilização de salas com tecnologias de apoio digital, mas sim, o incentivo e a prática das/dos estudantes nesses ambientes e em outros, promovendo “interações e construindo relações e significações” (Fantin, & Girardello, idem, p.85). Apresentam-nos uma proposta de mediação pedagógica (ou educacional) articulada com a corporeidade, nas suas palavras “(...) A mediação deve ser pensada também como forma de assegurar e/ou recuperar a corporeidade – o gesto, a voz, a postura, o movimento, o olhar – e a relação com a natureza como dimensões fundamentais de construção de sentidos” (idem). Essa ideia, por sua vez, cria oportunidades de inserção e participação cultural, iniciadas pelas/os estudantes, além de promover um olhar crítico, que desvela os significados e simbolismos refletidos na cultura, e que são transmitidos, da mesma forma, pelas tecnologias digitais.

Nesse caminho, podemos usar como exemplo as representações de imagens, identidades e desejos, produzidas e compartilhadas pelo universo da *Disney*, como podemos verificar na Figura 16. Apoiado nessa ideia, Henri A. Giroux (2011) afirma que essa indústria reinventa a história “como um instrumento pedagógico e político para assegurar seus próprios interesses e sua autoridade e poder. (...) Ela é também um dispositivo para ensinar as pessoas a se localizarem em narrativas históricas, representações e práticas culturais particulares” (Giroux, idem, p.134).

**FIGURA 16**

*As representações dos corpos das princesas e das vilãs da Disney (Reprodução: @ diversidadenerd\_/Instagram, 2022 )*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cd8OesVOZos/>. Acesso em: 10/06/2022.

Observando o exemplo da imagem ilustrada, podemos identificar que corpos gordos, em especial, femininos, ilustrados nos desenhos infantojuvenis da *Disney*, são representados, geralmente, como personagens maus, desprezíveis e até mesmo, desumanizados. As “princesas”, quase sempre vistas como protagonistas, belas, bondosas e amadas por todas/os, características que as faz serem desejadas pelo público, ao terem a sua estética sempre associada a um corpo magro, esbelto e, na maioria das vezes, branco, acabam por projetar a idealização de que para ser vista e aceita dessa maneira, é preciso seguir essa forma. Vale ressaltarmos, ainda, que para além desses significados colaborarem na ressignificação do estigma sobre o peso, desde a infância, também estão interseccionados com outros termos, como gênero, racismo, xenofobia, homofobia, classismo etc., que promovem um forte impacto sobre a construção de sentidos, desejos e identidades, assim como estruturam as práticas violentas, opressivas e discriminatórias, recorrentes dentro e fora das instituições de ensino.

Retomando ao entendimento de Henri A. Giroux (2011) sobre o assunto, o autor ainda afirma que

O “Maravilhoso mundo da Disney” é mais que uma logomarca. Ele demonstra como o terreno do popular tornou-se central ao processo de mercantilização da memória e de reescrita de narrativas de identidade nacional e expansão global. O poder e o alcance da Disney na cultura popular combinam uma desinteressada ludicidade com a fantástica possibilidade de fazer com que os sonhos da infância tornem-se verdadeiros, mas isso ocorre apenas através de papéis estritos de gênero, de um nacionalismo questionável e de uma noção de escolha que está ligada à proliferação de mercadorias (Giroux, idem, p.136).

Desse modo, torna-se possível compreender que a dinâmica de “homogeneização global” (Hall, 2011, p.77), para além de distanciar, simbolicamente, os indivíduos dos significados e práticas produzidas em suas próprias culturas, transforma e fabrica, ao mesmo tempo, hábitos, valores e identidades padronizadas e incertas, que desencadeiam a carência da liberdade de

constituir outras diversas formas de significações, desvinculadas de olhares sobre as diferenças.

Assim sendo, podemos entender como a reflexão crítica pedagógica do papel da “*cultura tecnopopular*” (Buckingham, 2010, p.43), que opera na relação entre as/os jovens e as tecnologias, fora dos ambientes de ensino formal e não-formal<sup>17</sup>, pode ser importante, não apenas pelo intuito de contrariar o discurso hegemônico, mas também para compreender as simbologias de imagens e narrativas, transmitidas no espaço da cultura popular, que difundem estereótipos e preconceitos acerca dos corpos gordos, dos corpos não-brancos, dos corpos *queer* e entre outros corpos que são marginalizados pelas sociedades. Portanto, a escola tem um papel fundamental no que diz respeito ao fornecimento de recursos pedagógicos visuais que estimulem a problematização em torno desses conteúdos.

Acreditamos que, através de uma “educação estético-artística” (Rodrigues, & Meira, 2016, p.437), um novo cenário escolar pode ser constituído, oferecendo a possibilidade de discutir e analisar os diversos tipos estéticos e discursos estigmatizantes, representados em obras, pinturas, propagandas, programas televisivos, de entre outros, que auxiliem na ressignificação de imaginários sociais opressores e violentos, como é o caso do imaginário gordofóbico.

Veremos, a seguir, os processos metodológicos que foram adotados para o desenvolvimento desta investigação, que viabilizaram a compreensão, através de um recorte, sobre a forma como jovens, em contexto escolar, percebem e lidam com a ideia da gordofobia.

---

<sup>17</sup>Ao pensarmos nesses espaços de ensino, estamos de acordo com a ideia de Licínio C. Lima *et.al* (1986-2006), ao afirmar que a “educação escolar e não escolar, educação formal e não formal não são mutuamente exclusivas, nem estão separadas por fronteiras estanques. Encarada como um “meio de vida”, a escola constitui um ecossistema de aprendizagem que integra, simultaneamente, tanto as actividades formais características da sala de aula, quanto as modalidades educativas não formais que ocorrem, em permanência, fora dela (Lima; Pacheco; Esteves; & Canário, 1986-2006, p.242).

## **CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO**

Partindo da ideia que uma pesquisa, na perspectiva dos estudos feministas, envolve, também, nossas experiências pessoais, a investigadora deste projeto de dissertação considera importante partilhar algumas das vivências que a inspiraram e fundamentaram a escolha da temática deste estudo. Nesse sentido, ao longo de sua infância e adolescência, a pesquisadora sentia uma grande frustração por não se enquadrar no padrão estético de um corpo considerado como referência de belo pela sociedade que pertencia. Esse sentimento, que a afetou e, até então, não conseguia compreender, e nem mesmo nomear, tinha um termo, que hoje designamos como gordofobia. Como se não bastasse estar insatisfeita com o seu próprio corpo, naquela época, ainda associava o seu peso (diagnosticado, agressivamente, por alguns/algumas médicos/as como obesidade), ao motivo de não conseguir estar em uma relação romântica. Não sentia que poderia ser vista em seus meios sociais (escola, família, amigas/os), sem primeiro haver um pré-julgamento sobre o formato de seu corpo e o que ele representava. A partir do início do mestrado, e na medida em que a autora iniciou essa investigação, fez contato com sua memória afetiva, levando-a reviver momentos muito marcantes e representativos de sua história de vida.

Logo, conforme Alison Jaggar (1997, p.179), as emoções podem estar implicadas nos processos de investigação teórica. Para a filósofa feminista, esses eventos podem ser reconhecidos como um contributo relevante na “nossa relação com o mundo, examinando criticamente nossa situação social, nossas ações, nossos valores, nossas percepções e nossas emoções”. Portanto, esse “auto-exame crítico” das emoções são de extrema importância, pois é possível perceber as influências hegemônicas pelas quais nossos questionamentos podem caminhar, como também podem “indicar a superficialidade ou outra inadequação em nossa teoria e política emergentes” (Jaggar, 1997, p.178).

Essa investigação, fundamentada em uma metodologia qualitativa, busca compreender “intenções e significações – crenças, opiniões, percepções, representações, perspectivas, concepções, ...” (Amado, 2013, p.40), implicadas no fenômeno da gordofobia, reconhecendo que esse esquema de pensamento se reproduz e ressignifica, de forma prática e simbólica, através de discursos e imagens atribuídas aos corpos gordos e obesos, que são transmitidas no espaço da cultura popular e midiática, e colaboram, do mesmo modo, na promoção de comportamentos violentos e estigmatizantes, que se refletem sobre esses grupos nos ambientes educacionais.

A gordofobia, percebida enquanto uma estrutura social opressiva, estigmatizante, preconceituosa, excludente e violenta, pode ser problematizada através do campo da educação midiática. Num estudo acerca de um problema ainda pouco explorado, é difícil “(...) formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (Gil, 2008, p.27), que nos permitam ter uma perspectiva “geral, de tipo aproximativo” (idem). Tendo em conta que o exame sobre a gordofobia está,

ainda, no seu início, o intuito da nossa investigação foi, portanto, “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” (ibidem), explorados através das informações obtidas pelo recorte de um contexto educacional específico, visando a elaboração de problemas mais concisos, que poderão ser aprofundados em estudos futuros. Nesse sentido, classificamos esta pesquisa como exploratória (Gil, 2008).

De acordo com a revisão de literatura, que nos permitiu ter “uma visão holística da realidade (ou problema) a investigar, sem a isolar do contexto ‘natural’ (histórico, socioeconómico e cultural) em que se desenvolve” (Amado, 2013, p.41), foi possível compreender que determinadas conjunturas sociais, culturais, económicas, políticas e tecnológicas, no Ocidente, estabeleceram processos de significação sobre tipos corporais gordos e obesos que, apoiados pelo olhar hegemônico, foram definidores na formação de estereótipos e estigmas a respeito desses corpos.

Ao problematizarmos narrativas e imagens depreciativas sobre esses grupos, transmitidas pela cultura visual, seja no âmbito das artes, da moda, da publicidade e dos meios de comunicação em geral, tivemos, também, acesso a diversos aspectos que, do mesmo modo, foram relevantes no desenvolvimento da investigação (Amado, 2013). Desse modo, podemos afirmar que nos afastamos do paradigma positivista (Boavida; Amado, 2008), visto que não existiram hipóteses prévias a serem testadas e confirmadas, assim como não formulamos “generalizações independentemente das especificidades contextuais, procurando colocar estas especificidades dentro de parêntesis” (Boavida, & Amado, 2008, p.97).

Por meio do esclarecimento, da interpretação e da tradução (Coreth, 1973) “de uma variedade de materiais empíricos” (Denzin, & Lincoln, 2006, p.17), materializados pelas discussões focalizadas feitas nesta investigação, bem como pelas diversas referências bibliográficas e visuais utilizadas, procuramos perceber o que não está manifesto nos discursos e práticas gordofóbicas, i.e., o que está implícito, velado e subentendido no contexto histórico, social, cultural e educacional, que ressignifica e reproduz o imaginário gordofóbico, até aos dias de hoje.

A partir do cruzamento dessa diversidade de conteúdos, olhares e saberes, e com base nos contributos de Jürgen Habermas (2002), iremos operar de acordo com o paradigma hermenêutico-interpretativo, centrado “(...) neste caso, na semântica das imagens linguísticas do mundo: esta semântica dirige, por vias pré-definidas categorialmente, a interpretação pré-

ontológica do mundo da comunidade linguística<sup>18</sup> (Habermas, 2002, p.14).

Em vista disso, podemos refletir de que maneira jovens do ensino secundário, de uma instituição de ensino público, interpretam a temática da gordofobia, a partir de suas vivências e observações, apreendidas na comunidade escolar em que estão inseridas/os. Paralelamente, “através de processos inferenciais e indutivos” (Amado, 2013, p.41), analisamos esta realidade, ao mesmo passo em que nos distanciamos da “neutralidade exigida pelo paradigma positivista” (Boavida, & Amado, 2008, p.98).

A seguir, elucidamos quais foram os procedimentos metodológicos adotados nesta investigação, a maneira como se deu a execução dos Grupos de Discussão Focalizada, levando em consideração as questões éticas, a seleção das/os participantes e o contexto empírico em que a prática foi desenvolvida, bem como apresentamos as etapas e os processos utilizados na realização da análise do conteúdo transcrito. Por essa razão, dividimos este momento em três seções: 3.1. *Procedimentos de recolha da informação*, 3.2. *Grupos de Discussão Focalizada* e 3.3. *Análise de Conteúdo: Reflexões sobre a produção de discursos*.

### **3.1) Procedimentos de recolha da informação**

A presente investigação teve o auxílio de uma pesquisa bibliográfica, que consistiu no “levantamento de referências (...) na área em que o tema escolhido está inserido” (Mattos, 2020, p.50), com o intuito de nos permitir olhar para o objeto de estudo sob múltiplas perspectivas, evitando assim, o risco de cair em generalizações baseadas em “casos particulares” (Goldenberg, 2004, p.59). Nesse sentido, a partir da seleção e organização das referências exploradas, foram elaboradas fichas de leitura, constituídas por conceitos e ideias-chaves, que nos permitiram compreender, de maneira aprofundada, o tema a ser investigado. De acordo com Sandra Maria Nascimento de Mattos (2020), o fichamento pode ser visto como uma “técnica de transcrição das informações consideradas importantes em um texto-base ou texto-fonte ou texto de origem” (Mattos, 2020, p.99).

Para além desta técnica, selecionamos o material iconográfico, constituído por “(...) imagens já existentes da mídia de massa”<sup>19</sup> (Rose, 2016, p.15) como fotografias, pinturas, periódicos e publicidades, considerando que, diante da perspectiva de estudos culturais (Hall, 2011, 2013; Storey, 2015), todas as formas ou objetos culturais produzidos por meio das práticas sociais são permeados de significados e fazem parte do sistema de representação pelos quais nós

---

<sup>18</sup> Tradução livre da autora. “(...) en este caso en la semántica de las imágenes lingüísticas del mundo: esta semántica dirige, por vías predefinidas categorialmente, la interpretación preontológica del mundo de la correspondiente comunidad lingüística” (Habermas, 2002, p.14).

<sup>19</sup> Tradução livre da autora. “(...) already-existing images from the mass media” (Rose, 2016, p.15).

apresentamos, reproduzimos e significamos o mundo, para nós mesmos e para as/os outras/os.

Ao selecionamos o material visual utilizado neste trabalho acadêmico, ponderamos as questões éticas implicadas neste processo. Dito isto, tivemos cautela em não ferir os direitos autorais das imagens retiradas da *internet*, verificando se são de um domínio público ou privado, além de termos atenção em referir a autoria e as fontes dos elementos coletados. Vale ressaltar que as interpretações iconográficas não foram realizadas de maneira simplista e carregadas de juízos de valor (Rose, 2016; Pink, 2001).

Além dos instrumentos de recolha da informação mencionados anteriormente, também fizemos o uso de Grupos de Discussão Focalizada, método este que está explicitado a seguir.

### **3.2) Grupos de Discussão Focalizada: Manifestando a forma**

Conforme João Amado (2014), a técnica do Grupo de Discussão Focalizada

Consiste em envolver um grupo de representantes de uma determinada população na discussão de um tema previamente fixado, sob o controlo de um moderador que estimulará a interação e assegurará que a discussão não extravase do tema em 'foco'. É no contexto da interação que se espera que surjam as informações pretendidas (Amado, 2013, pp.225-226).

Escolhemos esse procedimento de recolha das informações, na intenção de analisar, por meio de uma interação coletiva, interpretações, experiências, concepções e implicações, que determinado grupo de adolescentes, em contexto escolar, apresentam a respeito da temática da gordofobia e como elas/eles percebem que esta se manifesta no âmbito educacional.

Do mesmo modo, intencionamos critérios pré-estabelecidos para a seleção das/dos participantes, considerando este como um passo fundamental para que as comparações dos dados gerados em terreno fossem efetivas (Barbour, 2009). Portanto, foram estabelecidos dois grupos compostos por jovens na faixa-etária dos 15-17 anos e que frequentam o ensino secundário da mesma comunidade escolar. Um grupo foi composto por adolescentes que se autoidentificam como mulheres e outro com adolescentes que se autoidentificam como homens, na intenção de compreendermos de que maneira a perspectiva de gênero pode influenciar na percepção da ideia de gordofobia.

É importante referir, aqui, que os Grupos de Discussão Focalizada foram organizados com a ajuda de uma das orientadoras da pesquisa, devido ao seu conhecimento da escola e das/dos alunos.

Os Consentimentos Informados foram previamente entregues as/aos Encarregadas/os de Educação (Apêndice 1), para que tivessem conhecimento e autorizassem ou não a participação das/os suas/seus educandas/os na atividade dos Grupos de Discussão Focalizada. Do mesmo



modo, distribuimos Consentimentos Informados as/aos próprias/os estudantes (Apêndice 2), buscando fornecer claras informações a respeito de suas participações na pesquisa, deixando-as/os à vontade para decidirem fazer ou não parte desse encontro.

Em relação à homogeneidade dos grupos, que segundo João Amado (2014) confere uma “maior profundidade na recolha de dados, na medida em que os participantes se identificam mais facilmente com a experiência coletiva” (Amado, 2013, p.229), pensamos, inicialmente, em cada Grupo de Discussão Focalizada ser composto por seis jovens. Contudo, uma das participantes pré-selecionadas foi diagnosticada com COVID e não pôde comparecer no dia da realização do encontro, o que nos levou a manter apenas cinco meninas no primeiro grupo. No que diz respeito ao grupo de discussão dos meninos, mantivemos os seis adolescentes, porém, dois dos jovens que haviam sido escolhidos, não compareceram no horário ao local explicitado no Consentimento Informado e acabaram sendo substituídos por outros dois estudantes, selecionados também pela orientadora.

Cada sessão teve o tempo estipulado de uma hora e meia, e as atividades foram iniciadas na parte da manhã, com o Grupo de Discussão Focalizada das meninas e logo na sequência, no momento da tarde, começamos as dinâmicas com o Grupo de Discussão Focalizada dos meninos. Devido aos imprevistos e atrasos por parte das/dos jovens, iniciamos os encontros alguns minutos depois do tempo informado a elas/eles no consentimento, comprometendo, da mesma forma, o horário estipulado para o encerramento de cada grupo.

Os grupos de discussão focalizada foram realizados na biblioteca da escola, espaço cedido pela instituição. O lugar foi previamente organizado pela equipe de investigação, uma hora antes da chegada do primeiro grupo ao local, bem como os equipamentos de filmagem, também oferecidos pela escola, que já estavam estrategicamente posicionados, a fim de gravarem os encontros. O ambiente, ainda que reservado, teve a presença de outros grupos em espaços próximos, ocasionando alguns ruídos, principalmente, no período da tarde.

As atividades pensadas para os dois grupos consistiram na aplicação inicial de uma dinâmica quebra gelo e no desenvolvimento da etapa de discussão entre as/os participantes, terminando com a elaboração e posterior apresentação de cartazes de prevenção da gordofobia.

A fase da recepção de cada grupo-focal, consistiu, primeiramente, no acolhimento das pessoas, deixando-as à vontade para se organizarem na disposição das cadeiras e puxando assunto com cada uma que ia chegando ao local, enquanto esperávamos o grupo estar completo. Em seguida, distribuimos crachás, com a finalidade de que as/os participantes pudessem se identificar, facilitando a dinâmica do grupo e, logo após, recolhemos os Consentimentos Informados, previamente lidos e assinados por todas/os, inclusive pelos dois meninos que

substituíram o lugar daqueles que haviam sido pré-selecionados. Finalizamos esta primeira parte, informando que daríamos início as gravações, caso todas/os consentissem.

Posteriormente, a equipe de investigação se apresentou, informando as funções da mediadora, exercida pela investigadora, e da observadora, desempenhada pela professora bibliotecária da instituição. Da mesma maneira, foi enfatizado que as/os participantes se sentissem à vontade para tirar quaisquer dúvidas ao longo da sessão, agradecendo pela presença e desejando que todas/os tivessem uma experiência agradável no encontro. A seguir, introduzimos a temática do estudo, complementando que aquele espaço de discussão estava sendo pensando para que jovens, como elas/eles, pudessem compartilhar as suas experiências, concepções, ideias e reflexões, a respeito da gordofobia. Ressaltamos, nesse momento, que as normas pensadas para organizar e tornar o debate mais dinâmico, a seguir, detalhadas na seção 3.2. *Questões Éticas*, foram lidas e consentidas por todas/os participantes.

Na sequência, demos início a uma atividade, que denominamos como “Eu Nunca x Eu Já”, na intenção de unir as/os participantes e entrosá-las/los com a temática proposta pelo estudo. A dinâmica foi organizada no mesmo ambiente da biblioteca e consistiu na divisão de uma parte do espaço, com uma régua, enquanto representação de uma linha, posicionando no chão de cada lado repartido, uma folha escrita “Eu Nunca” e outra escrita “Eu Já”. Após, foi solicitado que as/os participantes de cada sessão se movimentassem para o lado da divisão que indicasse a resposta sobre as seguintes situações cotidianas apresentadas: 1) Pensei em fazer uma dieta; 2) Tive medo de engordar; 3) Pensei em começar a fazer exercícios, com o objetivo de emagrecer; 4) Tive vontade de mudar o meu corpo por causa de comentários maldosos de outras pessoas; 5) Senti-me insatisfeita/o com o meu corpo; 6) Senti-me desconfortável em expor o meu corpo na praia/piscina; 7) Recebi uma alcunha ou fui “gozada/o” por conta do meu corpo; 8) Questionaram-me, de forma negativa, sobre o que eu estava a comer; 9) Tive vergonha em comer perto de alguém. Os resultados desta prática, encontram-se no Apêndice 3.

No encerramento desse exercício, a investigadora/mediadora perguntou as/aos participantes se gostariam de dizer algo sobre a tarefa, questionando, ainda, o que sentiram ao perceber que outras pessoas vivenciaram as mesmas situações que elas/eles. Deixando-as/os confortáveis para responder, observamos que, apesar das/dos jovens se mostrarem entusiasmadas/os no decorrer da dinâmica, esse processo de reflexão, estimulado pelas indagações, de alguma forma, mexeu com as e os participantes, já que ambos os grupos fizeram colocações muito pontuais e não se estenderam nas respostas, diferente do contexto presenciado no debate sucedido.

A terceira etapa, caracterizada pelo desenvolvimento das discussões dos Grupos de Discussão Focalizada, desenrolou-se em torno de questões-chave, pensadas pela investigadora,

de acordo com os objetivos da pesquisa, sendo elas: 1) O que vocês imaginam ser a gordofobia?; 2) O que, para vocês, pode ser caracterizado como um comportamento gordofóbico?; 3) Nos desenhos animados, séries, filmes, novelas, como para vocês o corpo gordo é representado?; 4) Como vocês lidam com a questão da gordofobia aqui na escola?.

Durante os vinte minutos, estipulados para o debate, notamos que as/os participantes, de ambos os grupos, se mantiveram confortáveis, que se refletiu em uma boa fluidez nas conversas. Ao longo das interações, observamos a participação de grande parte das/dos jovens que, além disso, também souberam exercer uma escuta-ativa a respeito de cada fala, sem fazer nenhum tipo de juízo de valor ou interrupção das/os outros/as participantes. Ressaltamos, do mesmo modo, que elas/eles, na maioria das vezes, levantaram as suas mãos e disseram os seus nomes antes de comunicarem as suas percepções sobre o assunto a ser abordado, conforme foi solicitado na apresentação das regras para o funcionamento do debate. Vale referirmos, também, que os diálogos proporcionados por esse debate, foram transcritos e analisados, conforme apresentamos no capítulo 4. *“Ser Gordo Não é Pecado”*: Análise e discussão dos resultados.

O encerramento dessa discussão consistiu em solicitar que as/os participantes dissessem, de acordo com as interpretações manifestadas ao longo do debate, palavras associadas ao termo gordofobia. A investigadora/mediadora as anotou em um papel A3, na intenção de que as/os adolescentes pudessem utilizá-las como inspiração na dinâmica seguinte, como podemos observar na imagem contida no Anexo 1.

Por fim, a última atividade, que durou cerca de vinte e cinco minutos, consistiu na confecção dos cartazes de prevenção da gordofobia, utilizando como material cartolinas, lápis de cor, canetinhas, tesouras, colas e revistas. As palavras que foram anotadas no papel A3, auxiliaram as/os jovens a montarem o *slogan* da campanha. Sobre a montagem dos grupos, que foram escolhidos por elas/eles, em razão da ausência de uma das participantes no grupo das meninas, as jovens tiveram que se reunir no formato de uma dupla e um trio, quando, havíamos pensado na formação de três duplas para a execução da tarefa, divisão que se manteve na sessão dos meninos. Durante o processo de montagem dos cartazes, tanto o primeiro grupo, quanto o segundo, mostraram-se contentes e motivados com a proposta, bem como referiram o desejo de terem mais tempo para a execução do trabalho.

Os resultados da atividade, que podem ser conferidos no Anexo 2, foram autorizados pelas/os participantes a serem expostos no mural da escola, a fim de revelar a importância sobre a conscientização das pessoas a respeito da temática da gordofobia dentro daquele universo escolar.

Finalmente, as sessões foram encerradas pela equipe de investigação, realizando uma rápida

síntese sobre os pontos principais das discussões e agradecendo pela participação de todas e todos os participantes.

Vale ressaltar, aqui, que a bateria da câmera e o armazenamento do aplicativo de gravação de áudio, utilizado pela investigadora, não foram suficientes para registrar os dez minutos finais da sessão com os meninos, momento esse sucedido pela apresentação dos cartazes de prevenção da gordofobia, confeccionados por eles. Desse modo, esses minutos foram transcritos de acordo com o áudio gravado pela pesquisadora, logo após o encerramento do encontro, em que descreveu as falas dos jovens, o mais próximo possível da maneira como disseram, assim como relatou as suas observações a respeito da conjuntura percebida nesse contexto.

Veremos, em seguida, as preocupações éticas adotadas ao longo do processo de desenvolvimento dos Grupos de Discussão Focalizada.

### ***3.2.1) Questões Éticas***

Em relação às questões éticas que cercearam os Grupos de Discussão Focalizada, levamos em consideração a distribuição dos Consentimentos Informados, dias antes da realização dos grupos, contendo dados referentes ao local em que a pesquisa iria ser realizada, a temática abordada, o número de sessões e o contato da pesquisadora, para quaisquer esclarecimentos antes e após os encontros. Da mesma forma, notificamos nesse documento que as atividades seriam fotografadas e gravadas, além de termos mencionado a nossa intenção de publicar os resultados analisados, em artigos ou eventos científicos. Foi explicitado, igualmente, que o anonimato das/dos participantes seria mantido, assim como a confidencialidade das informações recolhidas, tendo em vista que estas estarão empregues, apenas no âmbito dessa investigação (Amado, 2013; Barbour, 2009; Kitzinger, 2005; Sim, & Waterfield, 2019; Souza, 2020).

Da mesma maneira, consideramos pertinente, a partir de um ponto de vista ético, a exposição das “normas para o funcionamento do debate” (Souza, 2020, p.62), logo no começo dos encontros, visto que estas auxiliam na organização dos grupos e proporcionam um dinamismo nas discussões, como efetivamente aconteceu. Nesse sentido, as nove regras transmitidas as/aos participantes foram: 1) levantar a mão antes de iniciar qualquer colocação, para que sejam evitadas interrupções na conversa; 2) é importante falar uma pessoa de cada vez, para que todas/os possam ser ouvidas/os; 3) consideramos relevante que cada uma/um de vocês diga o próprio nome no começo de cada frase, para que fique claro na gravação qual participante está discursando no momento; 4) a equipe de investigação se dispõe esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir no decorrer e após as sessões; 5) vale ressaltarmos que não existem respostas “certas” ou “erradas” e que todas as considerações são bem-vindas; 6) assinalamos que não

devem ser feitos juízos de valor diante das contribuições, pois as vivências de cada participante em relação a temática abordada são diferentes; 7) destacamos a importância em manter o foco de discussão voltado para a temática da pesquisa apresentada; 8) explicitamos que, a qualquer momento, vocês tem o direito de interromper ou desistir de continuar no grupo-focal, visando o bem-estar de cada uma/um; 9) por fim, queremos garantir que todas/todos concordam em manter o sigilo, a confidencialidade da pesquisa e o anonimato das pessoas que fizeram parte dos encontros, mesmo após o encerramento dos mesmos (Amado, 2013; Barbour, 2009; Kitzinger, 2005; Souza, 2020).

Outra questão levada em consideração foi a fluidez nas discussões. Em vista disso, desenvolvemos “um guia de tópicos semiestruturado” (Barbour, 2009, p.114), contendo os pontos essenciais da pesquisa e “a “seleção de materiais de estímulo que incentiva a interação” (Barbour, 2009, p.21). Estes instrumentos trouxeram-nos maior confiança, no sentido de nos permitir contornar determinados assuntos, que fugissem da temática proposta pela investigação (Amado, 2013; Barbour, 2009).

Nesse sentido, o roteiro (Apêndice 4), previamente estruturado para o desenvolvimento das discussões dos Grupos de Discussão Focalizada, foi planejado de maneira flexível, levando em consideração o surgimento de novas questões e interações entre as/os participantes, além de fazer o uso de perguntas abertas, na intenção de evitar respostas dicotômicas e coletar o máximo de informações ao longo das discussões entre as e os participantes (Amado, 2013; Barbour, 2009; Kitzinger, 2005; Souza, 2020). Vale ressaltarmos que o desenvolvimento desse guia e as dinâmicas que nele estão contidas tiveram base no modelo apresentado no artigo *Guia norteador para condução de grupo focal na identificação de competências gerenciais: Relato de experiência* (2021), de Laura Andrian Leal e Silvia Helena Henriques, e na tabela de atividades desenvolvida pelo *Projeto Bystanders* (2018), coordenado por Maria José Magalhães *et al.*

Destacamos, da mesma forma, que o material gravado foi transcrito, preservando as palavras e expressões, referidas pelas e pelos participantes, considerando ainda, as anotações realizadas sobre a entonação e pausas, produzidos nos momentos das conversas, tendo a intenção de garantir uma boa categorização dessas informações (Barbour, 2009). Salientamos, aqui, que realizamos algumas adequações nos enxertos utilizados na análise dos resultados, removendo vícios de linguagem que comprometiam o entendimento das frases e revisando algumas concordâncias gramaticais, sem modificar o sentido das narrativas, a fim de manter a fidelidade do discurso. Além disso, na intenção de preservar a identidade das/dos participantes, transformamos os seus nomes em codinomes.

A seguir, elucidaremos, de forma breve, o contexto empírico da instituição escolar definida

para o desenvolvimento dos Grupos de Discussão Focalizada nesta investigação, sem revelar o seu nome, a fim de priorizar o sigilo das/dos jovens participantes.

### 3.2.2) *Contexto empírico*

As informações descritas a seguir foram fundamentadas a partir dos dados presentes no site da comunidade escolar selecionada para a realização do estudo. Convém observar, que o interesse pelo desenvolvimento dos Grupos de Discussão Focalizada nesta escola se deu pela aproximação das professoras orientadoras desta investigação, com a instituição em questão, do mesmo modo, por ser um lugar científico-artístico, com base humanista, apropriado para a discussão da temática proposta por esse trabalho.

Desse modo, a escola pública secundária localiza-se na zona urbana de um concelho do Norte. Graças ao seu amplo espaço, essa instituição atende, do mesmo modo, a várias freguesias do Concelho, além de estar integrada em uma área suburbana, com indústria, serviços e comércios, em constante desenvolvimento.

Atualmente, após ter passado pelo Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário do Parque Escolar, o estabelecimento de ensino encontra-se com uma capacidade prevista para perto de uma centena de turmas. Sua estrutura é constituída pelos blocos das salas de aulas de ciência e tecnologia, artes, oficinas, área desportiva, área social/restauração, área de docentes, área administrativa, biblioteca/polivalente e Centro de formação.

Entre os serviços oferecidos, estão os cursos científico-humanísticos, destinados as/aos estudantes que concluíram o ensino básico e pretendem garantir a continuação dos estudos no ensino superior (universitário e politécnico). Esta modalidade contempla quatro áreas (Ciências e Tecnologias; Ciências Socioeconómicas; Línguas e Humanidades; Artes Visuais) e ao final de cada curso, lhes é atribuído um diploma de conclusão do ensino secundário.

Além disso, a escola também apresenta os cursos profissionais, que são concedidos ao ensino secundário, promovendo informações e competências acerca da prática profissional e visando uma maior facilidade na inserção das/dos jovens no mercado de trabalho, no ensino pós-secundário e no ensino superior.

O espaço também oferece diversos concursos relacionados ao âmbito das artes, como fotografia e literatura, assim como campanhas que estimulam a conscientização sobre temáticas sociais pouco privilegiadas nos conteúdos programáticos escolares, como gênero e sexualidade, violência no namoro, igualdade de gênero, assédio sexual, *bullying* e *cyberbullying*, entre outras.

### **3.3. Análise de Conteúdo: Reflexões sobre a produção de discursos**

Conforme Laurence Bardin (2011), o método da análise de conteúdo foi consolidado nos Estados Unidos, ao longo da primeira metade século XX, na Escola de Jornalismo de Columbia, dirigido, basicamente, para a área do jornalismo e tendo, a princípio, um caráter quantitativo e inventariante. Com o advento da Primeira Guerra Mundial, os estudos foram voltados para a análise da propaganda e, posteriormente, teriam forte influência na organização das sociedades modernas no Ocidente. A autora menciona que, por volta de 1915, o sociólogo e teórico da comunicação, Harold Lasswell, influenciado pela conjuntura política e social da época, produz uma série de análises a respeito dos “principais temas das propagandas americana, inglesa, francesa e alemã” (Júnior, 2005, p.283), vindo a ser considerado por algumas/alguns autoras/es como “o primeiro nome que de fato ilustra a história da análise de conteúdo” (Bardin, 2011, p.21).

De acordo com Paulo Knaus (2006), é a partir desse momento que a publicidade passa a produzir múltiplos sentidos e significados, influenciando diversas práticas culturais e estabelecendo diferentes narrativas sobre “a vida em sociedade” (Knaus, 2006, p.100).

Ao longo do processo de sistematização desse campo, algumas definições foram sendo desenvolvidas, e, entre essas, vamos destacar a designação de Laurence Bardin (2011), que entende a análise de conteúdo como “técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 2011, p.37), abrangendo “um conjunto de instrumentos metodológicos (...) que se aplicam a "discursos" (conteúdos e continentes) extremamente diversificados (...), que oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade” (Bardin, 2011, p.15). Conforme a autora, atualmente, a maneira mais adequada para se referir a esse termo, seria “análises de conteúdo” (Bardin, 2011, p.15). Vale ressaltar que, apesar de não caminhar no mesmo sentido da linguística, a análise de conteúdo também elege códigos linguísticos como um domínio fundamental (Bardin, 2011).

Por sua vez, o autor João Amado (2014) complementa que o sentido de análise de conteúdo pode ser percebido como um conjunto de procedimentos experimentais e inferenciais, que viabilizam a “representação dos conteúdos ou elementos das mensagens (discurso, entrevista, texto, artigo, etc.) através de sua codificação por categorias e subcategorias” (Amado, 2013, p.304).

Nessa direção, Martin W. Bauer e George Gaskell (2008) a compreendem como “um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas (...) ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais” (Bauer, & Gaskell, 2008, p.190). Conforme os autores, essas operações, geralmente, correm o risco de terminarem “em descrições

numéricas de algumas características do *corpus* de texto” (idem), ao invés de considerar este *corpus* como “a representação e a expressão de uma comunidade que escreve. Sob esta luz, o resultado de uma AC é a variável dependente, a coisa a ser explicada” (Bauer, & Gaskell, idem, p.192) e não apenas quantificada.

Embora existam muitas explicações e formas de desenvolver a estrutura do processo da análise de conteúdo (Amado, 2013; Bauer, & Gaskell, 2008; Júnior, 2005), analisamos os resultados das informações coletadas nos Grupos de Discussão Focalizada, através do método de tipo temático, proposto por Laurence Bardin (2011), pois este nos auxiliou a fundamentar a compreensão e interpretação de diferentes núcleos de sentido, que continham representações, “motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.” (Bardin, 2011, p.135), a respeito da temática da gordofobia, manifestadas nas narrativas das e dos participantes. Nesse sentido, o material transcrito foi analisado, de acordo com as seguintes etapas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados e interpretações (Bardin, 2011).

A primeira fase, denominada como *pré-análise* (Bardin, 2011, p.125), foi constituída pela organização das transcrições de cada Grupo de Discussão Focalizada. Após estruturadas, realizamos uma *leitura flutuante* (Bardin, 2011, p. 126) do conteúdo, buscando exercer um olhar mais perceptivo sobre os elementos evidenciados. Ainda nessa etapa, partimos para a *escolha dos documentos* (Bardin, 2011, pp.126-128), sendo esses, portanto, as transcrições de cada Grupo de Discussão Focalizada, constituindo o *corpus* (Bardin, 2011, p.126) da análise. Nesse sentido, contextualizamos este momento pela marcação manual dos textos transcritos no *Word*, desenvolvidos em documentos distintos, de acordo com cada grupo, constituindo unidades de sentido, a que foram conferidas cores diferentes, com a intenção de procurar, nas discussões, nos debates e nas atividades, os temas e subtemas que as/os jovens associam à problemática da gordofobia. Esta etapa foi realizada com especial atenção, buscando não apenas temas que pressupusemos, como outros de que não estávamos à espera, também designados por emergentes.

Vale referir que nos fundamentamos em regras sugeridas pelo método da análise de conteúdo, “às quais devem obedecer as categorias de fragmentação da comunicação para que a análise seja válida” (Bardin, 2011, p.42). Dessa forma, respeitamos as seguintes normas: a *regra da exaustividade* (Bardin, 2011, p.126-127), visto que não excluímos nem omitimos qualquer elemento do *corpus* definido; a *regra da representatividade* (Bardin, 2011, p.127), uma vez que representamos os materiais em sua totalidade; a *regra da homogeneidade* (Bardin, 2011, p.128), pois respeitamos, rigorosamente, os critérios de escolha dos documentos, a fim de evitarmos particularidades em excesso; a *regra de pertinência* (Bardin, 2011, p.128), na medida em que o material selecionado estava de acordo com os objetivos propostos pela investigação; por fim, a



*regra da exclusividade* (Bardin, 2011, p.42), já que não classificamos um mesmo elemento do conteúdo em dois temas diferentes.

Logo na sequência da escolha dos documentos, realizamos a *preparação do material* (Bardin, 2011, pp.130-131), que se caracterizou pela reunião e edição de todos os elementos em uma tabela, a qual dividimos em quatro colunas (pré-temas, enxertos meninas, enxertos meninos e observações).

Após a finalização dessa etapa, demos continuidade à *exploração do material* (Bardin, 2011, p.131), momento compreendido pela “aplicação sistemática das decisões tomadas (...), em função de regras previamente formuladas” (Bardin, 2011, p.131). Portanto, elaboramos um novo documento no *Word* e transferimos os conteúdos pré-categorizados, até então, de maneira a agrupá-los em três grandes temas, como podemos evidenciar na Tabela 1, elucidada abaixo:

**Tabela 1**  
*Resultado da categorização temática dos conteúdos*

<b>Temas</b>	<b>Sub-temas</b>
<b>4.1)</b> <b>A estrutura da gordofobia</b>	<i>4.1.1) A busca pelo entendimento do conceito</i>
	<i>4.1.2) Uma questão histórica e cultural</i>
	<i>4.1.3) A tensão presente na ideia de corpo “ideal”</i>
<b>4.2)</b> <b>O impacto da gordofobia e suas consequências</b>	<i>4.2.1) As diferentes formas de violência promovidas pela gordofobia</i>
<b>4.3)</b> <b>Gordofobia e o campo da Educação</b>	<i>4.3.1) Ocorrências de situações gordofóbicas na escola</i>
	<i>4.3.2) Formas de prevenção da gordofobia nas escolas</i>
	<i>4.3.3) Ressignificando o imaginário gordofóbico</i>

Assim, na última etapa do processo da análise de conteúdo, denominada por Laurence Bardin (2011) como *tratamento dos resultados obtidos* (Bardin, 2011, p.132), realizamos nossas inferências e interpretações, a respeito dos conteúdos evidenciados em cada tema e sub-tema. Desse modo, foi possível identificamos entendimentos, percepções, reflexões, interpretações, entre outras características, a respeito da gordofobia em seus diferentes aspectos, bem como a exposição de ideias convergentes e opostas, manifestas nas interações entre as e os participantes do mesmo grupo e também na comparação entre eles, visando a percepção dos resultados, sob a perspectiva de gênero.

Portanto, a seguir, no capítulo 4. “*Ser Gordo não é Pecado*”: *Análise e interpretação dos*

*resultados*, evidenciamos os significados, presentes e/ou ausentes, observados com o máximo de cautela e rigor ao longo do processo da análise de conteúdo, descrevendo os resultados dos temas e sub-temas encontrados.

**CAPÍTULO IV - “SER GORDO NÃO É PECADO”: ANÁLISE E  
INTERPRETAÇÃO DOS DIÁLOGOS ENTRE AS/OS JOVENS DOS  
GRUPOS DE DISCUSSÃO FOCALIZADA**

Neste capítulo, apresentamos os temas e sub-temas, identificados a partir da exploração do material produzido pelos debates, realizados nos Grupos de Discussão Focalizada, conforme o método de análise de conteúdo, de Laurence Bardin (2011), como veremos a seguir.

#### **4.1. A estrutura da gordofobia**

Em conformidade com esta investigação, o termo *gordofobia* demonstra representar e agregar diferentes ideias, concepções essas que foram percebidas, interpretadas e apresentadas pelas e pelos participantes, na forma de relatos, quando questionadas/os sobre o que imaginavam ser este termo. Segundo Alice Morgan (2007), “como humanos, somos seres que fazemos interpretações (...) temos experiências de eventos que procuramos tornar significativos. (...) Nós, constantemente, damos significados a nossas experiências conforme vivemos nossas vidas” (Morgan, 2007, p.15). Desse modo, observamos que essa questão, inaugural, abriu diferentes possibilidades de reflexão e argumentação por parte dos grupos de discussão focalizada, o que demonstrou o conhecimento de cada uma/um sobre o assunto, manifesto de acordo com suas experiências, individuais e coletivas, vividas até aquele momento. Por isso, entendemos que esse conjunto de conversas deverá ser dividido e apresentado com base em dois subtemas, conforme apresentaremos em seguida.

##### **4.1.1) A busca pelo entendimento do conceito**

Como enunciamos no capítulo III, os Grupos de Discussão Focalizada tiveram a participação de adolescentes na faixa-etária de 15-17 anos, sendo um grupo constituído apenas por adolescentes que se autoidentificavam como mulheres e outro que se autoidentificavam como homens, o que nos levou a perceber, no início da análise dos resultados, que a perspectiva de gênero foi um aspecto relevante na compreensão da ideia de gordofobia, ressoando com o pensamento de Maria José Magalhães e Angélica Lima Cruz (2014) que “a identidade de gênero desempenha um papel central na forma como a pessoa experimenta e concebe o mundo” (Magalhães, & Cruz, 2014, p.15).

Para o grupo feminino, a palavra gordofobia foi representada por vivências comuns a todas, compartilhadas por sentimentos como, aversão, intolerância, exclusão e a pressão familiar e social. Nesse sentido, de acordo com Maria José Magalhães (2005), o desenvolvimento teórico alcançado a partir das visões pós-modernistas e pós-estruturalistas, ofereceu-nos entender que, no que concerne à relevância “da linguagem e ao papel performativo dos discursos, mostram que as diferenças não são pré-dadas, mas construídas através deles e das práticas sociais” (Magalhães,

2005, p. 6), como podemos ver nas seguintes falas:

“Eu acho que, neste caso com as outras pessoas, a aversão por pessoas com excesso de peso, que é manifestada pela intolerância ou pela exclusão das pessoas. Eu acho que é isso” (M1).

“Por exemplo, a do meus pais, eu acho nesta altura que as coisas eram mais gordofóbicas, por assim dizer. Que viam uma pessoa gordinha e começavam logo a gozar” (M2).

“Eu acho que a gordofobia é, resumidamente, a pressão que a sociedade faz, por causa de padrões de beleza irrealistas, sobre pessoas que tem excesso de peso e nem necessariamente estão num nível de obesidade, mas num nível em que não é, por exemplo, magro como uma modelo” (M3).

Dessa maneira, foi possível perceber que a ideia de uma participante, convocava a ideia da outra, construindo assim, “cadeias discursivas” (Hall, 2013, p.199), nos oferecendo pensar que “ideologias não operam através de ideias isoladas (...), as representações ideológicas conotam – convocam – umas às outras” (idem), classificando e dando sentido às práticas que ocorrem, cotidianamente, nos espaços institucionais, como a família, escola, igreja, etc.

Em contrapartida, observamos que no Grupo de Discussão Focalizada masculino, o entendimento do termo foi acessado a partir de observações e declarações mais distantes de uma ótica emocional, atravessada, possivelmente, pela perspectiva das masculinidades, que colocam os corpos em evidência. Neste sentido, Diego Santos Vieira de Jesus (2014) define que as masculinidades são constituídas “nas relações de gênero por meio da desigualdade” (Jesus, 2014, p. 309) e ressalta que esse conceito deveria ser entendido numa perspectiva discursiva, pois conduziria nossa compreensão para “além das bases biológicas e culturais de sua natureza ou identidade masculina e esclareceria os valores e as práticas que criam hierarquias de poder” (Jesus, 2014, p. 316), até mesmo sobre os corpos, lugares esses que “podem ser simbolicamente construídos” (Jesus, 2014, p. 319).

Contrariamente ao que foi dito pelas meninas, os garotos manifestaram a ideia de que a gordofobia não é produzida por entendimentos e sentidos relativos à vida institucional, mas uma maneira pessoal de comportar-se, algo que é da ordem do indivíduo, como podemos verificar nas afirmações abaixo:

“Pessoas que não gostam da sua estrutura física” (H6).

“A gordofobia é não gostar de gordura. (...) Estar acima do peso que achas ideal (...). Eu acho que é a pessoa que pensa em si, que não gosta de ser gordo e como também as outras pessoas a gozar com ele por causa disso” (H5).

“Gordura, realmente, não é uma coisa bonita. [...] E eu não acho que isso seja muito imposto pela sociedade (H2)

“(...) Acho que ser gordo é uma coisa também muito individual e uma coisa que eu vejo como responsabilidade minha (...). É um traço que você pode mudar, até certo ponto. Não é uma coisa que é impossível. Sei lá, seu cabelo tá’ caindo. É genética. Você não

pode fazer nada, mas com o peso você tem uma responsabilidade individual” (H2).

Assim sendo, podemos considerar que as percepções trazidas por ambos os grupos, feminino e masculino, sobre o que imaginam ser a gordofobia, nos revelam que as práticas sociais são determinantes na construção dos sistemas de representação, “fundados essencialmente em estruturas inconscientes” (Hall, 2013, p. 202), que dão sentido às diferentes lógicas de pensamento e formas de interpretar o mundo que nos cerca.

Nesse seguimento, para Diego Santos Vieira de Jesus (2014) “as masculinidades são dinâmicas e até mesmo contraditórias, num momento em que são construídas na relação com contextos em que os indivíduos se encontram” (Jesus, 2014, p. 311), ou seja, são formadas no campo institucional, como o Estado, a família, o mercado de trabalho, etc. Porém, o autor ressalta que os sistemas que regulam, estruturam e definem o “ser” masculino, exaltam determinados tipos idealizados como masculinos. Esse imaginário, formado por ideologias e estereótipos dos papéis sexuais masculinos, é delimitado histórica e culturalmente, e é excludente nos termos de “raça, classe social, orientação sexual, etnicidade e idade” (Jesus, 2014, p. 358), incluindo, além disso e com a nossa pesquisa, os corpos gordos e obesos. Para o autor, “a masculinidade foi compreendida como um padrão de práticas – não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade” (Jesus, 2014, p. 320).

Outro aspecto, abordado na dinâmica, foi sobre a violência, inerente ao termo gordofobia e às suas práticas, conforme M4 observou:

“Acho que gordofobia, pelo que eu consigo perceber, por aquilo que eu presencio no dia-a-dia, é o ódio lançando às pessoas com excesso de peso e aquilo que a sociedade faz para que elas se sintam pressionadas para mudar o seu corpo, simplesmente porque não cabem no padrão” (M4).

O depoimento de M4 revela as agressões, constrangimentos e coerções experienciados, diariamente, por pessoas gordas e obesas, reforçados ainda mais, por discursos dicotômicos, hierarquizados e naturalistas, que produzem um tal efeito de verdade, que nos fazem perder de vista “o fato de que o sentido é uma produção de nossos sistemas de representação” (Hall, 2013, p. 201). Dessa maneira, continuaremos a reproduzir essas opressões sobre os corpos gordos e obesos, enquanto estivermos sujeitas/os “à influência da mais ideológica das estruturas – o senso comum, o regime do “tomar por certo”” (idem).

Nesse sentido, de acordo com John Storey (2015), em um ponto de vista althusseriano, é necessário “desconstruir o texto para revelar a problemática” (Storey, 2015, p.155), entendendo o termo *problemática*, como uma estrutura formada por evocações, ideias e crenças que se apresentam em vários textos culturais, de maneira velada.

Para compreender tanto o que está presente como o que está ausente nas falas das/os jovens,

procuramos perceber o que existe por trás dos discursos transcritos na dinâmica dos Grupos de Discussão Focalizada, narrativas essas, que foram produzidas com base nas experiências sociais dessas/es jovens. Notamos, sobretudo nos jovens, que muitas das falas registradas estão permeadas de significados que fazem parte do imaginário gordofóbico e dos sistemas de representações, pelos quais esses jovens apreendem, representam, reproduzem e significam o mundo, para eles mesmos e para os/as outros/as, tal como experimentam suas relações, como veremos a seguir:

“[Desprezar] pessoas que se estão acima do peso” (H3).

“(…) Não se querer relacionar com essa pessoa [gorda], devido ao peso dessa pessoa ou devido à impressão que teve dela, por achar que ela é gorda. Que tem peso a mais” (H1).

“Alguém que despreza [a pessoa gorda] numa dada situação” (H2).

Foi possível reconhecer, nas declarações acima, igualmente, a abstração associada à questão do peso e como essa palavra é valorizada e referida, sem nem mesmo mencionar um número obtido por algum cálculo ou mensuração, o que nos faz refletir sobre que valores são esses ou que peso é esse? Ele pode ser medido pela aparência das pessoas, por um olhar que ajuíza e forma opinião? O impacto que esses supostos valores representaram nas expressões “estão acima do peso” e “quem tem peso a mais”, indica que a visualidade dos corpos gordos é um fator determinante nessas avaliações, aparentemente, tão inocentes, no entanto, tão devastadoras.

Desse modo, é possível entendermos que o significado do termo gordofobia não foi acessado por eles, apenas pela linguagem falada ou escrita, mas sim, fundamentado em “sistemas de referência que classificam o mundo e fazem com que ele seja apropriado, desta forma, pelo pensamento social e o senso comum” (Hall, 2013, p.207).

No que diz respeito a esses processos de significação, foi possível perceber que as meninas enfatizam mais as experiências e pressões sociais, ocasionadas pela violência gordofóbica cotidiana, em contraste com os meninos, que apontam uma perspectiva mais focada no indivíduo, revelando, também, a tensão presente no que diz respeito a temática da gordofobia.

Apesar de alguns relatos das/dos adolescentes apresentarem algumas incertezas, dúvidas, confusão e ambiguidades, suas diferentes interpretações sobre o tema revelam que esses sistemas inscrevem o corpo gordo “no lugar” da cadeira de significantes que constrói identidades através de categorias de cor, etnia e raça” (Hall, 2013, p.206), etc., como veremos no próximo capítulo.

#### **4.1.2) A tensão presente na ideia de corpo “ideal”**

Ao longo do processo de categorização das transcrições realizadas nos Grupos de Discussão Focalizada, identificamos que as temáticas sobre corpo, padrão de beleza e peso foram abordadas nas sessões de maneira recorrente, na busca pelo entendimento do termo gordofobia, revelando assim, a tensão provocada pelo debate, como podemos observar nos seguintes trechos:

“Então, foi difícil para mim, porque tive que adaptar o meu corpo à imagem que a sociedade quer e eu emagreci, agora sou diferente. (...) Eu acho que ou é 8 ou 80. Não querem nos aceitar pelo aquilo que nós somos” (M1).

“A televisão quer atrair a audiência. Quer que as pessoas vejam e então elas põem aquilo cujo padrão tem que ser seguido. O padrão para atrair as pessoas que, maioritariamente, gostam do padrão. Ou seja, altas, bonitas, não muito gordas, não muito magras, sorriso branco, olhos azuis, loira, morena... Mas tudo dentro daquele padrão, porque parece que mais rápido encaixa (...)” (M2).

“E, mesmo assim, antes e depois [de emagrecer], eu vi que as pessoas não mudaram em relação ao que eu era, porque continuavam me tratando ou a criticarem que eu estava muito magra ou a criticarem que eu estava muito gorda” (M3).

“Eu acho que, também, o grande problema é que não há um certo ou um errado, ou seja, se alguém tiver excesso de peso vai ser complicado por ter excesso de peso. Se alguém não tiver peso suficiente, vai ser criticado por ter peso a menos” (M5).

“Seja a pessoa grande ou pequena, há sempre julgamentos em relação a isso” (H3).

“(…) Até posso pensar para mim "ok, agora preciso de fazer isso, melhorar o meu corpo. Vou começar e me esforçar". Mas tem que ser algo, mesmo, partindo do fundo. Não é todos os dias que uma pessoa toma uma decisão desta importância (...), quando a pessoa sente que deve realmente melhorar e que deve tomar medidas e mudar” (H1).

“Não pode pensar "ah, mas eu nunca vou conseguir ter um corpo de um Vingador". Não importa, você poderia estar melhor do que você tá hoje. Poderia ter mais músculos, você poderia ser mais inteligente. (...) A minha opinião é: a maior parte das pessoas que a gente vê na televisão, em grandes representações, são geralmente pessoas muito bonitas, com o corpo que, na maior parte das vezes, não é natural, (...) mas acho que é porque as pessoas gostam de ver pessoas mais bonitas (...). O ser humano gosta de ver uma pessoa mais ideal. E também tem a expressão que uma pessoa bonita é bom p'ros olhos” (H2).

“Se temos esse tal clique aos trinta ou quarenta anos, talvez não tenhamos a capacidade física necessitada para melhorar a nossa alimentação, o nosso peso. Pode ser que um dos insultos te dê o clique para tu começares a trabalhar [mudar o corpo] a partir daí” (H4).

Ao longo da dinâmica e das trocas que ocorreram entre as/os jovens, percebemos a contínua tensão produzida em torno do significado do termo gordofobia, que ora era idealizado, ora padronizado, ora imaginário, ora normatizado, controlado ou transformado, no entanto, em todos esses lugares os corpos pareciam estar sujeitos ao olhar e aprovação do Outro.

Desse modo, consideramos que no espaço da cultura popular, as estruturas de poder hegemônicas controlam saberes e discursos, que desenham a forma como os sujeitos devem ser e interpretar o meio em que estão inseridos, quer atribuindo estereótipos negativos sobre determinadas imagens, quer assinalando quais representações devem ser seguidas e, nesse



sentido, atribuindo-lhes o lugar de modelos “ideais”. Notamos que, neste contexto, as diferenças e singularidades apresentam-se como indicadores sociais e culturais, contribuindo para a formação de padrões identitários, regularmente excludentes, opressores e ambíguos, sistematizadamente naturalizados, vindo a tornar-se tipos ideais, representados sempre de forma positiva e privilegiada, em diferentes lugares sociais, políticos e culturais.

Podemos verificar, nos enxertos a seguir, os impactos providos em torno desses conflitos:

“Eu comecei também uma dieta, que até o nome eu lembro também e eu já era muito gordinha, então, durante a quarentena, comecei a fazer muitos exercícios físicos e emagreci cerca de 10 kgs” (M3)

“E se por acaso queira emagrecer ou queira engordar, ganhar mais massa muscular, por exemplo, trabalhar para isso e fazer disso um objetivo de vida” (H6).

“Ensinar para as pessoas e falar para as pessoas "se esforcem, porque pessoas conseguiram [emagrecer], mesmo que você não tenha conseguido. Você é um ser humano como as pessoas que conseguiram, então você pode conseguir ainda essas conquistas” (H2).

“Basta, por exemplo, às vezes ver um vídeo no *YouTube* (...) para mudar o nosso corpo” (H3).

“Cada corpo é diferente. (...) Talvez eu até tenha o sonho de definir o meu corpo e ter um “*six pack* brutal” e de sentir-me como os atores, modelos, jogadores de futebol são, mas tem que também, às vezes, ter consciência do corpo que tem (H1).

É possível perceber, de acordo com esses exemplos, que a procura pelo corpo “ideal”, apesar de não ser definido com clareza pelas e pelos jovens, materializa-se na busca pela dieta mais efetiva ou popular, ou pela intenção de modificações estéticas. No entanto, a fala de H1 parece ser estruturada em torno de constantes tensões e negociações em relação a cultura hegemônica, já que, ao mesmo tempo, partilha do imaginário idealizado de masculinidades, bem como a emancipação do controle social e cultural sobre o seu corpo.

Desse modo, para além da estigmatização dos corpos considerados fora dos padrões, os procedimentos estéticos promovem uma imensa insatisfação corporal, inclusive, um sentimento de incompletude, como podemos evidenciar nos diálogos abaixo:

“E o que eu acho, acerca desse tema é que é um tema muito comum, acerca de nós sermos julgadas pelo nosso corpo ou pela nossa aparência e acaba por ter um impacto muito grande em nós. (...) Metade das pessoas que são criticadas, são sempre mulheres. Porque? Porque as mulheres no tempo antigo sempre foram aquela perfeição. A personificação da perfeição. Então, eu acho que é por isso que as mulheres é que são mais criticadas que os homens. (...) Então é como se nós não fossemos suficientes” (M1).

“E as pessoas julgam, as pessoas que tem um pouco mais de peso. Especialmente mulheres, por causa do sobrepeso delas” (M3).

Constatamos que o Grupo de Discussão Focalizada das meninas retrata certa indignação à imposição dos padrões hegemônicos associados à beleza. Em vista disso, sob uma ótica de

gênero, é possível compreendermos que, o estereótipo da beleza perfeita feminina, determina não apenas a estética, bem como, todos os comportamentos desejados, os quais são atravessados por ambiguidades, tal como se refere Naomi Wolf (2018) ao observar que “quando as mulheres na cultura demonstram personalidade, elas não são desejáveis, em contraste com a imagem desejável da ingênua sem malícia” (Wolf, 2018, p.73). Nesse sentido, a jornalista e escritora feminista entende, que “a partir das “beldades” na cultura masculina, as mulheres aprendem uma amarga lição amorosa — que as lições morais de sua cultura as excluem” (Wolf, 2018, p.73).

Diversamente, notamos que, no Grupo de Discussão Focalizada dos meninos, essas imposições não são problematizadas, pelo contrário, são naturalizadas, idealizadas e homogeneizadas, o que reforça as diversas narrativas estigmatizantes e reproduz, além disso, imagens estereotipadas de pessoas gordas e obesas, como veremos a seguir:

“O nome de gordo já implica alguma conotação negativa a sua situação. Ser gordo é algo que não é saudável, maioritariamente das vezes, pelo menos. (...) Quando falamos de pessoas gordas, estamos a falar de pessoas que têm algum problema de excesso de peso.

O excesso de peso é algo que não é saudável e que eu acho que qualquer ser humano que se preocupe consigo próprio não quer deixar chegar a este ponto” (H1).

“Vou fazer essa generalização. Mais ou menos noventa e nove por cento das pessoas não quer ser gorda e querem mudar. Entre eles, uma grande parte ainda fala que quer mudar, mas outra ou está intimidada pelo trabalho que é ou pela dificuldade e daí não consegue admitir que não quer ser. Externamente fala “ah, não, eu aceitei. Eu “estou bem com isso”, mas no fundo... Elas não gostam de si mesmas e elas querem mudar, mas ou elas tem preguiça de enfrentar, (...) já tentaram e não conseguiram e por isso estão desanimados com o processo e não querem passar por aquilo de novo. (...) Só uma pequena parte das pessoas, realmente, não ligam. (...) A obesidade traz um risco muito maior pro COVID e coisas do tipo. Então é um traço que eu vejo que não deve ser celebrado em alguma maneira [...]. É um traço que tem que ser na realidade, “olha, se você é muito gordo, você provavelmente não vai chegar aos sessenta anos” (H2).

“Mas isso não iria ser mau para a saúde das pessoas? Por exemplo, se não houvesse esse estereótipo ou então, assim, surgisse qualquer coisa que suscitasse esse querer evoluir, ou seja, melhorar a nossa saúde, melhorar o nosso corpo” (H3).

“Algumas pessoas podem não gostar [do próprio corpo], porém não tem a força de vontade de mudar. Sabem que (...) custa, porque nos faz bem à saúde e não querem estar assim, mas não têm o apoio necessário nem as condições para melhorar” (H4).

“Fui a um médico e ele (...) era muito magrinho. Ele diz-me “para que é que tu dizes que é gordo? Eu próprio gostava de ter o teu corpo, porque tu se trabalhares no teu corpo, tu ficas como as outras pessoas. Ficas com os músculos soltos à mostra” (H5).

“(...) A motivação [para emagrecer] deve partir sempre da própria pessoa, (...) seja para [o alcance do] corpo ideal. Se não for assim, nunca irá acontecer. Nunca nada irá mudar” (H6).

Além disso, foi possível constatar que as falas derivadas da comunicação entre os participantes, são marcadas “por embates na ordem do imaginário, por uma guerra de imagens e signos, por uma sede de representação e visibilidade” (Borges, 2019, p. 10), que traduzem a inconstância, impermanência e instabilidade, presentes nos tempos atuais.

Sobre esse aspecto, Naomi Wolf (2018) afirma que “a “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão-ouro (...) determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino” (Wolf, idem, pp.26-27), que institui relações de poder verticalizadas sobre as mulheres, ao mesmo tempo que forja uma imagem universalizada da “Mulher Ideal Platônica” (idem). Nesse sentido, o ideal de beleza, que canoniza a magreza e demoniza a gordura, estrutura-se sob diferentes espaços da cultura pós-moderna, disseminando, legitimando, normalizando, naturalizando e universalizando, sob a égide das indústrias culturais, das tecnologias digitais e midiáticas, categorias que são hegemônicas na cultura ocidental.

Com base nesta noção, perguntamos as/aos jovens, de que maneira elas/eles percebiam as representações de corpos gordos e obesos nos desenhos animados, séries, filmes, novelas, etc., e obtemos as seguintes respostas:

“Na mídia, realmente, retratam como se a pessoa fosse uma criminosa, às vezes, pelo sobrepeso (...). São retratadas como mais estúpidas ou mais dadas aos prazeres da comida e tal. Como se as pessoas magras também não fossem assim. (...) Eu não conheço muito de novelas, nunca fui muito de assistir, mas as que eu já vi, acho que as mulheres [gordas], porque homens acho que quase nunca aparece, só se for em personagens super secundários... Mas acho que as mulheres são sempre, por exemplo, empregadas que são as gordinhas. Normalmente, negras também e que são fofoqueiras. São pessoas que são duas caras e esse tipo de coisa. Acho que essa é a imagem que passa” (M3).

“Um bocadinho como nos filmes antigos de crianças, (...) e que são raramente retratadas, por exemplo, com excesso de peso. São sempre retratadas como os vilões, por exemplo. Na Ariel é a bruxa má, a Úrsula. Da Cinderela são as irmãs e é isso” (M5).

“Joga *Playstation* ou vê televisão. (...) Uma pessoa que não tem grande atividade social, atividade física (...), não muito destemida, costuma ter um papel um pouco de complementaridade e não de distinção ou singularidade. Quando não são pessoas, por exemplo, um idoso mais velho, (...) pois geralmente com a idade tendem a engordar mais e por isso representar aquele avô, já velhinho, com a famosa barriga cerveja. (...) Até pode ser uma pessoa bastante divertida, com muitas piadas, muita experiência, mas também uma pessoa sempre posta um bocadinho de lado, que suscita muitas dúvidas, também, nas pessoas ao redor (H1)

“Por que colocam o estereótipo, tipo num filme, em que quem é gordo está sempre no *PlayStation*, com uma pizza na mão? Tentando dar uma de advogado do diabo aqui para as empresas de filme, essa representação de gordos, eu acho que tem um fundo de verdade e os filmes são sempre simplificações e generalizações da maior parte” (H2).

“[Representação dos corpos gordos pelas mídias] trazem uma conotação negativa (...). Aquela pessoa que não faz nada e não chega a ter um papel, sequer. (...) Muitas vezes, com bipolaridade” (H4).

“Só acrescentar ao H4, aparece quase sempre a comer, beber...” (H3)

“[Personagem] sedentário. (...) Eu tinha dito, quando o H4 tava a falar, que dependia dos filmes, como é óbvio. Mas no geral, sim. É verdade (H6).

“[O foco principal] é sempre o ator musculado “ (H5).

Desse modo, percebemos nos debates ocorridos sobre gordofobia nos Grupos de Discussão Focalizada, que é no domínio da cultura de massa e da cultura popular (cinema, televisão, revistas, vídeos, imagens da informática, etc.) que os discursos gordofóbicos são produzidos, reproduzidos, articulados e ressignificados, tanto para essas/esses jovens, como para o público global. Conforme Angela Andrade e Maria Lúcia Magalhães Bosi (2003), “a importação de modelos globais, em todas as dimensões da vida humana, pulveriza a dimensão simbólica, de forma violenta” (Andrade, & Bosi, 2003, p. 118), na medida em que transforma hábitos e valores, causando o descentramento desse sujeito pós-moderno, cuja identidade era constituída a partir de sua cultura nacional e com base em suas tradições locais (Hall, 2011), promovendo incertezas e instabilidades no contexto dessa nova ordem mundial.

Nas palavras dos adolescentes:

“[Maior representação de corpos gordos na televisão] As pessoas não iam gostar tanto. Não ia alcançar tanta gente (...) A obesidade existe, porque há um enorme desenvolvimento do mundo. Não há obesidade em zonas do mundo onde não há desenvolvimento. Eu sinto que as pessoas com esse desenvolvimento criam demasiados juízos de valor e precisam de quase, assentar a sua opinião e é muitas vezes por isso que surgem esses comentários menos positivos (H1).

“(…) Ver o filme dos Vingadores e tem setenta e cinco caras tão malhados que dava pra lavar roupa na barriga deles (...). A realidade é que eles não chegaram lá normalmente, naturalmente. Como a maioria usa coisas que não faz bem para o seu corpo. É uma realidade à parte (...). Nos Estados Unidos [estereótipos sobre as pessoas gordas] não existem muito. (...) Japão e Coreia do Sul têm uma cultura onde é muito mal vista a obesidade. Com repercussões sérias da sociedade, coisas que a gente que tá aqui não consegue imaginar o quão ruim que é... (...). Uma cultura muito ruim, onde os obesos que tão lá são, muitas vezes, muito depressivos e não tão dentro da sociedade” (H2).

“Mesmo que eles [atriz/atores] usem, por exemplo, esteroides ou qualquer tipo de atalho para atingir esses corpos, eles continuam a ter que trabalhar muito para chegar a esse corpo. Mesmo utilizando substâncias (...) requer bastante trabalho” (H3).

Conforme Rosane Borges (2019), “as discussões em torno das novas ordens de representação e novos regimes de visibilidade habitam o coração da política global contemporânea” (Borges, 2019, p.11). Segundo a autora, é no espaço da cultura contemporânea, lugar organizado e configurado “pelos produtos e dispositivos da indústria cultural (filmes, livros, programas televisivos, ícones da cultura pop) que circulam na atmosfera do tecnocapitalismo planetário” (idem), que “o *olhar* se tornou o neovalor do capital” (Borges, 2019, p.12).

Nesse sentido, torna-se urgente que problematizemos “as relações de poder em torno dos regimes de visibilidade” (Borges, 2019, p.12), quer no âmbito local quer global, para que se possam reduzir os impactos negativos e avassaladores, causados pela lógica gordofóbica, que se alastra, cada vez mais, por meio do “conjunto de rápidas transformações na esfera técnico-científica, na racionalização dos processos de produção e na modernização dos meios de

comunicação” (Andrade, & Bosi, 2003, p.119), desmanchando nossa percepção de grupo e identidade. Para as autoras, “o culto à magreza está diretamente associado à imagem de poder, beleza e mobilidade social, gerando um quadro contraditório, “esquizofrenizante” tendo em vista que, através da mídia escrita e televisiva, a indústria de alimentos vende gordura, com o apelo aos alimentos hipercalóricos, enquanto a sociedade cobra magreza” (idem, p.120).

Em vista disso, os relatos médicos, os discursos motivacionais, bem como diferentes práticas de culpabilização das pessoas gordas são cada vez mais disseminados pela cultura midiática (Lipovesty, 1989), e operam no estatuto da aparência e da cultura do espetáculo, promovendo, com maior intensidade a desqualificação, discriminação, aversão, opressão e outros diversos tipos de violência, exercidas sobre os corpos gordos e obesos, conforme apresentaremos na próxima seção.

## **4.2. O impacto da gordofobia e suas consequências**

Essa categoria de análise foi pensada de acordo com as reflexões das/dos jovens, quando interpeladas/os a descrever comportamentos considerados por elas/eles como gordofóbicos. Seus relatos revelaram que esse tema está associado a diferentes formas de violência, seja de ordem simbólica ou material, que foram presenciadas pelas/pelos participantes em contextos do âmbito privado e público.

### ***4.2.1. As diferentes formas de violência promovidas pela gordofobia***

Atualmente, no terceiro milênio, estamos experienciando momentos de amplas e profundas transições, estruturalmente associadas à globalização e alguns vestígios dessa operação, tal como “a massificação e a importação de modelos culturais hegemônicos, os quais destituem o homem do sentimento de pertença a grupos humanos e invadem seu universo simbólico, expropriando o centro de referência cultural balizador do psiquismo humano” (Andrade, & Bosi, 2003, p.117).

Segundo Angela Andrade e Maria Lúcia Magalhães Bosi (2003), são esses modos de operações excludentes e igualmente insustentáveis, no que diz respeito ao desenvolvimento ecológico, econômico e social, alguns dos fatores determinantes na “fragmentação simbólica (...), da perda de valores culturais que dão referência à construção de subjetividades” (idem, p.118), e que provocam, o que elas nomeiam – baseadas em Stuart Hall (2011) – como “fratura desalojadora de significação humana” (Andrade, & Bosi, idem, p.117).

Nessa ótica, talvez seja possível afirmar que esses tipos de fragmentações, que se dão no âmbito dos sistemas de representações culturais, resultantes de contínuas mudanças estruturais e

institucionais, articuladas, engendram, sustentam e ressignificam o imaginário gordofóbico no Ocidente, motivando as mais diversas formas de violência sobre os corpos gordos e obesos, como a violência entre pares (discutida anteriormente), e, também, outras “doenças modernas e emergentes, como os Transtornos do Comportamento Alimentar, problemática que se expressa no campo da Saúde Pública como uma epidemia silenciosa e simbólica, nesta virada de milênio” (Andrade, & Bosi, 2003, p.117), conforme veremos mais adiante.

À vista disso, com base nas explanações das/dos adolescentes, pudemos constatar que o termo gordofobia foi representado por imagens e práticas associadas a diferentes formas de violência, de ordem simbólica ou material, que elas/eles experienciam, no seu dia a dia, por meio de diversos mecanismos de opressão, controle, discriminação, exclusão e desqualificação.

É importante ressaltar, do mesmo modo, que esses comportamentos, além de afetar física, emocional e psicologicamente as pessoas consideradas gordas e obesas, impactam outras categorias de sujeitos, que procuram se adequar a corpos socialmente aceites, a fim de não experimentar as perturbações e os constrangimentos promovidos pelo estigma da gordura.

Assim, observamos que o espaço de troca promovido nos Grupos de Discussão Focalizada, permitiu que as/os jovens pudessem partilhar estas vivências dolorosas causadas pela gordofobia, experimentadas por elas/eles próprias/os ou por terceiros.

Vejamos, a seguir, alguns relatos dessas experiências:

“Eu tive uma experiência pessoal um pouco difícil. Quando eu era mais nova, tinha excesso de peso e foi um impacto muito grande para mim, porque eu era novinha. Os meninos eram maldosos e lançavam comentários muito desagradáveis (...) eu chegava a casa a chorar. (...) Teve um impacto em mim (...). Mas se me perguntarem, o assunto ainda afeta, porque foi difícil” (M1).

“[Vejo] mesmo em filmes e etc. Além de verbalmente, também baterem na pessoa, simplesmente por estarem acima do peso. Estúpido, mas é verdade” (M4).

“A motivação externa [para o emagrecimento] pode ser desencadeada por (...) um trauma [provocado] por um insulto mais forte, que tenha ficado marcado e a pessoa, a partir daí, desenvolve uma certa raiva para combater isso” (H1).

“(…) “Às vezes as pessoas falam de maneira infeliz do tipo "tá, não importa, você é gordo, fica quieto aí!" e coisa do tipo. Isso eu acho que é das coisas mais sérias (...). É um comentário muito infeliz” (H2).

“Se não houvesse estes insultos e estereótipos criados pela sociedade, será que haveria mais ou menos pessoas acima do peso?” (H3).

“(…) Uma linha que tem que ser bem dividida, de quando passa de ser um comentário produtivo, para um insulto” (H4).

Perante estes testemunhos, é possível deduzir, que a estigmatização de corpos gordos e obesos, promove condições desagradáveis, traumáticas, infelizes e violentas, que se apresentam em diversos tempos e espaços que essas/es jovens transitam. Essa perspectiva, nos oferece

compreender que determinados aspectos, divergentes, dos grupos sociais privilegiados pela cultura hegemônica, são reprovados e percebidos de maneiras dissemelhantes, o que contribui para o estabelecimento de atitudes marginalizantes e excludentes em relação às pessoas que apresentam tais características. Vale evidenciarmos, aqui, que essas atitudes não ocorrem exclusivamente nos espaços educacionais, visto que se estendem nas redes sociais, rompendo “com o espaço físico, fazendo que as difamações e/ou insultos tenham impacto ainda maior na vida da vítima” (Silva, 2020, p.114).

Conforme bel hooks (2019) denuncia em sua obra “*Olhares negros: raça e representação*”, até “um olhar pode ser perigoso (...). Existe poder em olhar” (hooks, 2019, p. 216), pois esse “olhar” é político, forja imaginários racistas, misóginos, homofóbicos, gordofóbicos e provoca dores.

Nesse caminho, as/os adolescentes dos Grupos de Discussão Focalizada refletem sobre comportamentos de violência entre pares, sob a ótica da gordofobia:

“Nunca me deram um apelido ou alguma coisa do tipo maldosa, mas mesmo assim era comum entre os meus amigos [dar apelidos]. (...) Eu não achava e eu não acho, que era uma coisa pessoal, porque eles não tavam sendo maus comigo (...)” (H2).

“Não fui eu que tive [vivenciei alguma situação gordofóbica], foi o meu irmão, porque ele é muito gordinho (...). Na escola de cima, já foi gozado por causa disso. Ele tinha uma alcunha que não quero dizer...(...) Eu tenho um amigo meu que sofreu de *bullying* por ser gordo” (H5).

“E muito das vezes [insultos] são lançados em público. O em público significa que vai haver mais gente com a mesma mentalidade, a juntar-se e a lançar um comentário também e fazer sentir uma pessoa muito incomodada (...). Neste momento, nós adolescentes utilizamos muito mal [a internet], porque em cada foto que alguma pessoa publicar nós iremos sempre ver que há mais comentários negativos, do que propriamente os positivos. (...) A pessoa em si não vai conseguir parar de ver os comentários e isso vai pesar muito (M1).

“(...) A pessoa vai acabar por perceber que estão a falar dela e, independentemente do que estejam a falar, só vai sempre achar “ai, estão a falar alguma coisa”, “tão a falar mal”, “tão a gozar comigo”, “ai, o que é que se passa”. E depois, a pessoa fica sempre ali a rodar, fica sempre naquele círculo de pensamentos e depois vai acabar por sentir-se mal consigo própria e há pessoas que mostram, há outras que não e depois pode causar um mal-estar” (M2).

“Também acho que, embora seja errado, existe muita gente que apoia esses movimentos, ou seja, por exemplo, nas redes sociais diz “ainda bem. Ainda bem, porque não tens vergonha do teu corpo e não sei o que”, mas depois, na vida real, é capaz de, por exemplo, fazer *bullying* com uma pessoa que seja assim nas redes sociais” (M4).

Ademais, notamos em relatos de algumas meninas, que outro tipo de comentários críticos, apresentados na forma de zombarias, ironias, sarcarmos ou deboches, igualmente, opressores, hostis e ofensivos, desenrolavam-se, de forma corriqueira, também no espaço familiar, conforme descrevemos abaixo:

“Eu não fui pelos miúdos da escola. Está mais pelo facto da minha família. Chegava a casa e comia bastante. (...) Recebia comentários da parte da minha família: “não te fartaste a comer; estás sempre a comer; não sabes fazer outra coisa; vais ficar uma bola” (M2).

“A minha família, apesar de sempre ter sido muito positiva em relação ao meu corpo e ao invés de ficar criticando... Não criticavam sobre o meu corpo mesmo, mas sobre os meus hábitos de alimentação. E até hoje, frequentemente, o meu pai e a minha mãe dizem “ah, você não para de comer” (...). Eu ainda sou muito criticada, semanalmente, pelo que eu como” (M3).

A exposição de variados manifestos, feitos pelas e pelos jovens, sobre condutas abusivas e ofensivas, ocorridas em diferentes espaços de convívio, nos leva a considerar que, para além de reforçarem, sistematicamente práticas gordofóbicas, provocam constrangimentos, sensações físicas e emocionais que, podem até mesmo, vir a manifestar-se na forma de doenças psicossomáticas, já que, na perspectiva de Thorwald Dethlefsen (2007) “toda a nossa linguagem é *psicossomática*, o que quer dizer que ela conhece os inter-relacionamentos entre o corpo e a psique” (Dethlefsen, 2007, p. 18). Neste ponto de vista, o corpo é o enunciado, a manifestação “de concretização da consciência e, conseqüentemente, também de todos os processos e modificações que nela ocorrem (...) o corpo material é o palco em que as imagens da consciência se esforçam por se expressar” (Dethlefsen, idem, p. 14).

Em outra perspectiva, a médica e professora Stela R. Taquete, em seu artigo *Doenças psicossomáticas na adolescência* (2006), define que toda a doença é psicossomática e que o “adoecer sofre também profundas influências de questões socioculturais” (Taquete, 2006, p. 1), e que representam, muitas vezes, situações de conflitos.

Essas tensões podem ser percebidas nas narrativas de M1 e H2:

“Eu acho que acerca deste ano, pessoas que têm excesso de peso são um pouco excluídas da sociedade, mas também da escola, (...) família (...)” (M1).

“(...) Se eu tô com os meus amigos e eles tão brincando um com outro e eles não brincassem comigo só porque “ah, ele é gordo, vai se sentir mal se a gente falar sobre isso, então não vamos fazer”(...), isso me deixaria pior do que eles só fazerem uma piada, porque eu vou dar risada junto da piada (...). Eu me acharia muito fraco, então eu prefiro que eles façam mesmo, porque me ver como uma pessoa fraca e que não conseguiria levar isso seria pior ainda (...)” (H2).

A exclusão social, abordada por M1, pode ser percebida como uma consequência da estigmatização associada ao que ele nomeou como “excesso de peso”, em que “a privação do direito deixa de ser individual e passa a ser coletiva, excluindo todo um grupo do acesso a direitos básicos” (Rangel, 2018, p.84). Para existirem, os “excessos” precisam ser controlados e ajustados, através de mecanismos reguladores, como dietas, remédios, cirurgias e esquemas desse “árido universo, movido por interesses hegemônicos, que manipulam e produzem “violência



simbólica”, não há espaço para valores como humanidade, solidariedade e bem-estar coletivo. As doenças são cada vez mais avassaladoras e as indústrias farmacêuticas se tornam cada vez mais poderosas no Ocidente” (Andrade, & Bosi, 2003, p. 123).

Em outro ponto de vista, podemos conceber, a partir da ótica de gênero, que as representações de masculinidades se apresentam, mais uma vez, a partir da fala de H2, que expõe a dicotomia entre “força e fraqueza”, estruturada de acordo com estereótipos binários de gênero. Nesse sentido, Homi K. Bhabha (2013), reconhece que o “discurso do estereótipo” (Bhabha, 2013, p.118), disponibiliza “um ponto *seguro* de identificação” (Bhabha, idem, p.122), que garante a sua repetição e fundamenta “suas estratégias de individuação e marginalização” (Bhabha, idem, p.118).

Por esse motivo, é importante refletirmos que os estereótipos sociais representam uma cadeia de signos, que são continuamente forjados, e, para além de promoverem exclusões, podem acarretar a sujeição dos indivíduos a diversas outras práticas de violências, conforme H2 relatou acima. Na intenção que não fosse excluído das brincadeiras com seus amigos ou para evitar que o vissem como “fraco” – outra camada de terror que essa forma de violência provoca – ele admite consentir que seus amigos façam piadas sobre o seu corpo, desejando não ser colocado em uma situação de vulnerabilidade ainda maior.

A respeito disso, Taynara Teodoro da Silva (2022) entende que as pessoas gordas, ao procurarem evitar marcadores sociais que as oprimem, isso reduz sua importância enquanto ser. Muitas se submetem a riscos diversos, como por exemplo, dietas e medicações, outras até “engordam para serem aceitas nos protocolos de cirurgias bariátricas; consomem produtos de procedência duvidosa, mas que prometem resultados rápidos (...) enfim, estão sujeitos a uma exposição de suas vidas ao vivenciarem a discriminação social por conta de seus corpos” (Silva, 2022, pp.11-12).

O contributo da autora pode ser articulado nas seguintes falas:

“Combater a obesidade não é algo que seja fácil, não é? Por isso é que há muita gente que não consegue combater, a vida toda, a obesidade. Às vezes, mudar a dieta e o plano de treino não chegam... É preciso algo mais...(...) Há muita gente que é gorda, mas creio que grande parte delas não o quer ser. Se faz por não ser é outra questão [...] Lá no fundo, eu creio que as pessoas não o querem ser... Mesmo sendo, não o querem ser. Agora, se tem atitudes e se preveem e tomam decisões em função de melhorar isso, é outra questão...” (H1).

“Conselhos de médicos que te falam pra isso... Familiares, que às vezes chegam aqui e te falam... Amigos que te falam "não... Emagrece, cara... Faz isso... Dá uma melhorada...” (...) Não é uma coisa positiva [ser gorda/o]. É uma coisa que, se você foi ver, traz muitas coisas ruins p’ra sua vida. As pessoas todas [gordas], elas morrem mais cedo, elas...” (H2).

“Há gente que pode querer emagrecer... Há pessoas que podem não se importar com os comentários autodestrutivos, porque gostam de si mesmas... Mas há outras que não

conseguem lidar com a pressão e acabam por fazer mal a si mesmas [...]” (M1).

Neste contexto, podemos observar um comportamento que enfatiza a preocupação desta/destes jovens com a alimentação e o medo de engordar. Assim, Angela Andrade e Maria Lúcia Magalhães Bosi (2003) consideram que a mídia provoca uma insatisfação, que pode até ser permanente, em relação à sua imagem corporal, causando, conseqüentemente, um grande impacto no comportamento alimentar feminino. Para as autoras, a preocupação excessiva com o peso, a insatisfação com sua forma corporal e a baixa auto-estima, são alguns dos fatores que simbolizam “o “envelope cultural” dos transtornos do comportamento alimentar, em suas diferentes modalidades – anorexia, bulimia, transtornos alimentares não específicos” (Andrade, & Bosi, 2003, p.120).

Podemos identificar alguns desses aspectos abordados pelas autoras, nas declarações de algumas meninas:

“[A exclusão de pessoas gordas] acabam por desencadear depois problemas mais graves, como anorexia, como a bulimia” (M1).

“E hoje em dia, quando dizem algo do gênero “ah, ‘tás com as pernas muito gordas”, não me sinto muito confortável, porque eu sei que as minhas pernas são um bocado grandes e são coisas que me deixam bastante desconfortável. Ir à praia, tirar a roupa, ver outras pessoas a olharem para mim... Independentemente que agora digam “ah, és bonita; tens um corpo perfeito; gostava de ser como tu”, ou algo do gênero, eu não me sinto assim, porque (...) a minha mentalidade neste momento está fragilizada e eu não consigo muito bem aceitar o que os outros me dizem. Eu não me sinto assim, porque eu olho no espelho e a maior parte das vezes não gosto daquilo que vejo” (M2)

“(...) Mexe com a autoestima de alguém, porque as pessoas estão constantemente a ser criticadas e não só pelo seu peso, por próprias características da sua aparência. E, às vezes, características que nós não podemos mudar, que não é desculpa” (M5).

Apesar de as jovens terem apresentado mais considerações sobre a temática da baixa auto-estima, em ambos os grupos percebemos que o problema da insatisfação em relação à imagem corporal esteve presente, ora com base num julgamento de sua forma física ou de terceiros, ora na maneira distorcida de percebê-la. Entretanto, pudemos notar, que tanto elas como eles, tinham consciência que estavam falando, em muitos casos, de situações de “transtorno mental” (Andrade, & Bosi, 2003, p.123) e, como tal, causavam muitos sofrimentos, pânico, ansiedade, angústia, trauma, entre outros tipos de patologias físicas e psicológicas que, *inclusive*, poderiam levar à morte, seja por desnutrição, automutilação ou suicídio, conforme suas próprias evidências:

“Pessoas que sofrem aquilo que nós sofremos... Como a M2 disse, tem a mente fragilizada... Acabam por não aceitar depois elas mesmas (...). Eu conheço uma menina aqui, na escola, que tentou se suicidar. Automutilou-se... Por causa desses mesmos

comentários [...] Foi muito difícil para ela, porque ela não... Não... Ainda não sabe como há de lidar [...] muitos ataques de pânico, ansiedade (...) A sociedade não tem noção do quanto as palavras pesam” (M1).

Esse tipo de referência de corpo idealizado que é muito distante, tende a gerar experiências mais traumáticas [frustrantes][...] Se você ficar traumatizado [frustrada/o] com isso, pode parar de comer totalmente e vir a ter anorexia ou você pode comer mais ainda por causa do estresse e piorar a sua situação (...) Se a pessoa não tem uma “fortitude mental” em relação a esse assunto [gordofobia]... Pode levar ao trauma. Foi o que eu falei, trauma só leva a extremos que não trazem saúde. (H2)

É importante destacar, igualmente, que embora temas como violência entre pares, transtornos alimentares e saúde mental, estejam em evidência no espaço da cultura popular e contemporânea, no Ocidente, poucas são as abordagens que correlacionam estes tipos de patologias físicas e psicológicas aos impactos causados pela gordofobia, em especial, em contexto escolar.

### **4.3. Gordofobia e o campo da Educação**

Diante das respostas que foram suscitadas pelo questionamento sobre a forma como as/os participantes lidam com a questão da gordofobia no espaço escolar, desenvolvemos esta última categoria de análise, na intenção de compreendermos de que maneira, práticas que se fundamentam nessa estrutura de pensamento operam no campo da Educação e de que maneira podemos preveni-las.

Conforme as autoras Valdelice Cruz da Silva Souza e Josiane Peres Gonçalves (2021), afirmam que a “a escola faz parte de um segmento social, a qual engloba a construção simbólica corporal (...) entendida como um ambiente histórico e dinâmico, apto a transmitir representações e produções de pensamentos humanos que estão em constantes mudanças (...)” (Souza, & Gonçalves, 2021, p.9).

Por esse motivo, imagens, discursos e objetos que atribuem um conjunto de signos negativos aos corpos gordos, e que são reproduzidos no espaço da cultura popular e midiática, acabam atravessando, da mesma maneira, as instituições de ensino. Não havendo condições para que esse imaginário gordofóbico seja problematizado, a sua transmissão se dissemina no espaço da cultura escolar, sendo ressignificada de múltiplos modos e por diferentes faixas etárias. De acordo com Anabela Amaral (2016), “a modernidade pode ser entendida ainda como a afirmação de um pensamento simbólico, que se materializa quer na matematização progressiva do real quer na afirmação da subjetividade e da cultura (Amaral, 2016, p. 42).

Nesse sentido, as/os adolescentes compartilharam percepções comuns acerca da frequência com que situações gordofóbicas ocorrem em suas categorias etárias:

“Acho que é muito comum na nossa idade nós todos passarmos por este tipo de situações (...)” (M1).

“(...) normalmente, acho que é mais desta idade, dentre os 15, 14, 13 anos. Eu acho que os rapazes, tanto as raparigas, são mais gorduchinhos, por assim dizer” (M2).

“(...) Não acho que é, necessariamente, algo muito especial. É uma coisa comum hoje em dia. Eu diria, principalmente, para a nossa faixa etária também (...)” (H2).

“Eu acho que esses problemas são problemas bastante comuns na nossa idade” (H3).

Contudo, H1 compreende que esta questão também afeta os grupos mais novos:

“É muito importante perceber que no contexto escolar, estamos a lidar com crianças (...). Eu até acho que este tipo de comportamento acontece quando somos mais novos. Onze anos, doze anos, são idades complicadas, em que estamos a começar a percebermos o que é o mundo, o que gostamos e o que não gostamos” (H1).

Conforme Miguel Ataíde Pinto da Costa *et. al* (2012), é possível identificarmos comportamentos estigmatizantes sobre os corpos gordos e obesos, também nos grupos infantis. De acordo com as/os autores, “o preconceito, as gozações, as chacotas e as perseguições direcionadas aos estudantes, obesos” (Costa; Souza; & Oliveira, 2012, p.662), e obesas, são identificadas pelas professoras e professores como uma das principais questões enfrentadas pelas/os alunas/os no ambiente escolar de que fazem parte. Ainda segundo o estudo, as consequências dessa discriminação podem ser observadas nos meios de socialização das crianças, ao demonstrarem maior timidez, menos participação nas aulas e nas brincadeiras coletivas no recreio e entre outros comportamentos, que resultam na exclusão e aversão desses grupos.

Podemos, assim, notar que a prática da gordofobia não é específica a uma única idade escolar, sendo possível considerarmos que grande parte dos ambientes educacionais podem ser compreendidos como terrenos férteis para a manutenção de preconceitos, discriminações, violências e entre outros mecanismos de opressão, contra estudantes gordas/os e obesas/os, mas também de possibilidades de a confrontar.

De acordo com o estudo de Keyte dos Santos Matos *et. al* (2012), as diferentes formas de violência, física ou simbólica, recorrentes na vida das/dos alunas/os estigmatizadas/os pelo peso e, disfarçadas de brincadeiras entre colegas, causam prejuízos e transformam o ambiente escolar em “um local inseguro para os seus principais frequentadores[as]” (Matos; Zoboli; & Mezzaroba, 2012, p.275).

Em vista disso, as/os participantes, quando orientadas/os a refletir sobre a gordofobia no âmbito escolar, recordaram alguns momentos observados na instituição de ensino que frequentam, como podemos verificar a seguir:

“Eu acho que nesta escola eu nunca presenciei algo forte, por assim dizer, que seja mesmo de agressão ou de insultos, mas já vi comentários nas costas das pessoas. Por

exemplo, pessoas que vêm ter comigo e dizem “ei, já viste aquela rapariga? Parece uma bifana”. São comentários assim, um bocado maldosos” (M2).

“Eu sim, já assisti situações que não deviam ser possíveis aqui, dentro do âmbito de classe, sobre comentários maldosos acerca do excesso de peso de alguém” (M1).

“É triste ver desse tipo de situações. Pessoas a gozarem com outras pelo seu aspeto físico(...). Gozar com o sentido de brincadeira entre amigos, por exemplo, perfeitamente normal. Agora, eu estou aqui a passar na escola e mandar uma boca para um miúdo qualquer (...), chamar-lhe gordo. Na minha cabeça não faz sentido nenhum. (...) Infelizmente, ainda acontece muito” (H6).

Comentários maldosos, insultos, chacotas e apelidos fazem parte do repertório que constituem a dinâmica da violência entre pares, que por sua vez, constroem narrativas que estão em ressonância com a cultura em que estão inseridas/os. Vale reiterarmos aqui, que compreendemos por cultura “os textos e práticas sociais cuja principal função é significar, produzir significado ou servir de ocasião para a produção de significado” (Storey, 2015, p.14) e é continuamente produzida e reproduzida pelos indivíduos, em diferentes contextos e conjunturas.

Ao longo da atividade, quando as/os participantes foram convidados a refletir sobre a maneira como elas/eles lidavam com a questão da gordofobia em seu contexto escolar, após um curto debate, elas/eles concluíram que, a presença e intervenção, imediata, de um estudante-mediadora/or no ato dessas situações gordofóbicas, era uma solução pertinente, visto que essas tensões, agressões e violências, eram da ordem do coletivo acadêmico, e deveria ser compreendida como um compromisso de cada uma/um deles e não apenas da instituição escolar.

Vejamos os próximos trechos:

“Eu acho que o máximo que a escola pode fazer, por exemplo, é uma espécie de propaganda sobre positividade (...). Então, eu acho que as escolas mesmo, não tem o que fazer, mas as pessoas têm” (M3).

“A abordagem que eu teria hoje em dia e que toda a gente deve ter, é de sensibilizar e tentar educar ao máximo, porque se nós temos a experiência e o conhecimento para resolver esta situação, devemos educar e aproveitar isso bem, em benefício não só nosso, mas da sociedade. Principalmente no meio de pessoas tão jovens, incertas e inseguras, como na escola” (H1).

“Sou da opinião do H1. Acho que sensibilizar, ter uma conversa com quem está a insultar e tendo estado um pouco do outro lado [passado por isso], devemos ajudar quem estava a levar com os insultos. É basicamente, usar palavras” (H4).

“Tem que ensinar as pessoas também, só que de uma forma natural. (...) Xingar uma pessoa assim "ô, seu gordo", aleatoriamente, você não ‘tá ajudando ela de nenhuma [forma]” (H2).

Ainda assim, foi possível notar nas falas de algumas/alguns jovens que, ao testemunharem situações de violência no ambiente escolar a que pertencem, tiveram iniciativa própria de ação contra atitudes gordofóbicas, indicando que com pouco esforço educativo e pedagógico, essas ações de caráter individual, poderão tornar-se uma ação coletiva, com podemos observar abaixo:

“Teve um caso de um colega meu, que esteve a insultar outro colega pelo peso. Éramos bastante novos e se fosse hoje em dia, talvez eu tivesse feito de outra forma. Mas o que eu fiz na altura foi apenas colocar-me no meio e sensibilizar a pessoa para refletir sobre isso e sobre quais foram as motivações dele para isso. E foi apenas o peso de outra pessoa” (H1).

“Nunca passei por isso, mas basta que já passei com o meu irmão, em que eu tive que meter-me no meio. Eram, por acaso, da minha turma os que estavam a fazer isso. Falei com eles, pelo menos para os que se comportavam melhor. Só que tinha um com bocado a mania e quase cheguei a andar à porrada com ele por causa do meu irmão” (H5).

“Se alguém me criticar, eu própria ia chegar à beira da pessoa e dizer “olha, não faças isso. Também não gostavas se fosse contigo”. É tentar mentalizar as outras pessoas. Tentar, por assim dizer, abrir uma visão que aquilo não é certo, nunca vai ser. E que aquilo afeta as pessoas e há comportamentos que não dá para serem aceites, como gozar com outras pessoas com o seu físico, com qualquer coisa. Eu acho que não deve ser permitido. Devemos de interferir neste tipo de acontecimento e falar com a pessoa e dizer “olha, não faças isso, ‘tá errado”. Mesmo que a pessoa continue a dizer, tentar mudar a mentalidade. Nada é impossível, até a pessoa que seja mais retrógrada” (M2).

“Eu acho que a melhor coisa que podemos fazer, se calhar é como a M2 disse, se virmos alguém da nossa idade, por exemplo, ou mais velhos, fazer algum tipo de *bullying* com alguém que tenha algum tipo de excesso de peso, que as vezes nem é o caso, mas pronto. Devemos intervir, mas o melhor que podemos fazer mesmo é já ensinar as nossas gerações futuras, ou seja, os nossos irmãos mais novos, nossos futuros filhos, se quisermos ter, que está tudo bem em haver pessoas diferentes, porque é mesmo assim que o mundo é (...). Portanto, acho que devíamos apostar mais nas gerações futuras” (M4).

Desse modo, para que essas ações tenham a participação ativa das/dos estudantes e envolvam a comunidade escolar, é necessário desenvolver espaços de reflexão, problematização e atuação, no que diz respeito à prevenção da gordofobia, oferecendo instrumentos pedagógicos que fundamentem essas práticas, para que ocorram de modo consistente.

Como vimos no capítulo 2.2, o autor David Buckingham (2010) entende que a educação midiática pode incentivar reflexões sobre o processo de atuação das mídias, nos mais diversos sistemas culturais, simbólicos e sociais. Ele ainda alerta que as plataformas digitais podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas importantes, evitando o risco de constituírem um abismo entre as/os alunas/os “fora da escola e as ênfases de muitos sistemas educacionais” (Buckingham, idem, p.44). Os efeitos desse “divisor digital” (idem), apresentado pelo autor, podem ser percebidos de acordo com a fala de M2, exibida a seguir:

“A escola não vai ter tanta influência sobre os adolescentes, quanto tem as mídias; quanto tem um *TikTok* ou esse tipo de plataforma” (M3).

Conforme o autor Roger J. Simon (2011), as escolas e os diferentes processos pedagógicos que nelas se inserem, quando reconhecidas como “locais de produção semiótica” (Simon, 2011, p.67), exercem um papel político fundamental, pois desvelam a relação indissociável entre “cultura e poder” (idem), que também está refletida em sistemas de dominação, políticos, estruturados em hierarquias e desigualdades sociais, os quais reproduzem essa mesma

organização, em propostas curriculares de ensino. Dessa forma, o autor compreende que “as escolas constituem locais de *política cultural*” (idem) que, por sua vez, ordenadas pelas produções semióticas, se apoiam em diversas “tecnologias culturais” (ibidem), mediam o conhecimento “sobre o mundo e sobre nós mesmos/as” (id.).

Vale sublinhar, neste momento, que entendemos por “tecnologia *cultural*” (Simon, 2011, p.70), as várias combinações e práticas institucionais, expressas por “formas de imagens, som, texto e fala” (idem), que, implicadas na produção de significados, organizam e regulam “identidades e desejos” (ibidem).

Desse modo, manifestas em séries, desenhos, peças teatrais, publicidades, músicas, redes sociais etc., essas diferentes representações e tecnologias podem servir como ponte pedagógica entre a instituição escolar e a cultura em que essa se inscreve, desvelando de que forma imagens e textos, visíveis na cultura popular, controlam a maneira como a sociedade se olha, se percebe e se relaciona com os corpos não-padrões, até mesmo, sobre os impactos provocados por esses comportamentos estigmatizantes e pré-conceituosos, como vimos na seção anterior.

O espaço da *cultura tecnopopular* (ver capítulo 2), apesar de exibir visualidades e narrativas que contribuem na manutenção do imaginário gordofóbico, ao mesmo tempo, colaboram na promoção de maneiras positivas de olhar para os corpos gordos e obesos, assim como aqueles que também são considerados fora dos padrões normativos.

Essa questão foi observada no Grupo de Discussão Focalizada das meninas, como veremos nos próximos enxertos:

“Está a começar a ser retratada nas séries a vida real. Aquilo que nós enfrentamos no nosso dia-a-dia como, exatamente os problemas alimentares, diferença de pele ou orientação sexual de cada pessoa. Acho que está a começar a ser imposta na sociedade que, sim, há diferenças e também acho que algumas celebridades importantes têm ajudado nisso como, por exemplo, fazer campanhas de biquínis com pessoas de corpos diferentes. Então, acho que isso também tem ajudado a nós, adolescentes, percebermos que não faz mal sermos diferentes” (M1).

“Hoje em dia, é infligido na sociedade que, sim, existem corpos diferentes, tanto que se cria o Movimento *Body Positivity*, mas, por um lado é bom, como é obvio, mostrar à sociedade que existem corpos diferentes e que está tudo bem quanto a isso, porque se fossemos todos iguais, qual era a piada?” (M4).

Desse modo, as expectativas de mudança social passam a ser constituídas de acordo com essa tensão, entre o poder hegemônico e a resistência contra ele. No que concerne esta luta, as/os adolescentes relataram o que elas/eles esperam da gordofobia daqui para frente e como suas ideias podem resistir à essa forma de violência:

“Mas, eu acho que é uma coisa [gordofobia] que se vai lidando, até você chegar numa idade que não importa mais (...). Ser gordo não é pecado, porque as pessoas lidam como se fosse (M3).

“Para mim tanto me faz se a pessoa seja alta, magra ou enfiada. Não me interessa. O que interessa é o que a pessoa é e não aquilo que ela aparenta ser” (M2).

“Dizemos não à gordofobia, porque isso é errado e toda a gente deve dizer não à gordofobia” (M4).

“É uma coisa que só se sabe quando se passa. Muitas das pessoas não têm noção disso (...). A pergunta é: e se fosse conosco? Acho que muita gente não faz essa pergunta. E se fosse conosco? Eu vou mais por este pensamento. Não faço aos outros aquilo que não quero que [me] façam a mim. Também por já ter passado, lá está, mas acho que muita gente não faz esta pergunta “e se fosse conosco?” (...)” (M1).

“Eu não faço com os outros, mas também não gosto de ver a fazer aos outros” (H5).

“Há bastantes pessoas orgulhosas do seu corpo, independentemente, se sejam gordas ou magras. Acho que há bastante pessoas orgulhosas, que não querem mudar” (H3).

Assim, com o auxílio de políticas pedagógicas que incluam e valorizem, a médio e longo prazo, conteúdos voltados para temáticas como a da gordofobia, até mesmo dentro das disciplinas programáticas, como em arte, filosofia, literatura, entre outras.

Infelizmente, temos conhecimento de que, em muitos países, ainda, essas temáticas não são privilegiadas nos seus currículos educacionais, mas que estão, da mesma forma, sendo debatidas nos espaços da cultura midiática e popular, tornando possível essas transformações sociais e não mais utópicas, possibilitando ressignificarmos o imaginário gordofóbico e social, de modo transversal e integral, lutando politicamente, para que estas e outras gerações não vivenciem as violências causadas por obsoletos sistemas de poder.



## CONCLUSÃO

Nossos corpos expressam histórias. Existem aquelas que sequer foram escritas por nós, mas ao serem narradas durante tantos séculos, interpelam as nossas, atribuindo enredos, contornos e sentidos, ao livro que intitulamos de “vida”. Antes mesmo de inserirmos as páginas, para desenvolver cada capítulo, podemos perceber que, muitas vezes, o roteiro se encontra encaminhado, significando e delimitando os espaços que os relicários de histórias (corpos) podem ser constituídos ou, até mesmo, determinando o apagamento de parágrafos, expressões e frases, vistas como excessivas ou distantes da coerência pré-estabelecida por esse *script*, quando, na verdade, são apenas diferentes formas de compor esses arranjos.

Podemos adequar essas ponderações a um conjunto de histórias, de diferentes significações e acepções, desveladas ao longo dessa investigação, (con)feridas aos corpos gordos e obesos, ainda hoje, ao redor do mundo. Histórias essas, que não são únicas – embora sejam articuladas como tal – mas que nos provocaram, afetaram e motivaram, mais e mais, a complexificar, discriminar e problematizar as narrativas engendradas no espaço da cultura popular, terreno fértil para o surgimento dessas narrações, por acreditarmos que, atuando entre lápis, pincéis, canetas e teclados, pessoas consideradas gordas e obesas consigam se reconstituir e apropriar da composição de cada página do livro de suas vidas.

Para que essa intenção se transformasse numa atuação, buscamos entender, a partir de diversas referências que foram integradas ao corpo teórico dessa dissertação, a lógica que está por trás do olhar depreciativo, atribuído aos corpos gordos e obesos, ao longo de séculos e por diferentes instituições, sendo esta a ideia da gordofobia.

Na intenção de alcançar, ou melhor, acessar esse objetivo, no primeiro capítulo, buscamos observar o lugar em que corpos, em especial, o feminino (olhado sob uma perspectiva dicotômica de gênero), foram inscritos ao longo da história de representação do belo, a fim de contextualizar os processos de significação, que estruturaram o pensamento binário magra/gorda e magro/gordo, corpo belo/corpo não-belo entre outros, no Ocidente (Hall, 2016; Lugones, 2014). Nesse sentido, entendemos que nem sempre a estética dos corpos gordos femininos foi representada de maneira negativa, visto que, em diversas produções artísticas, como artefatos, estatuetas e pinturas, a sua visualidade era, simbolicamente, reconhecida como a idealização do belo, da sensualidade e da saúde. Observamos que essa conjuntura estética, se modifica de acordo com cada período histórico e geográfico, pressionando, ao mesmo tempo, os corpos femininos a se adaptarem (Braga, 2013; Lipovetsky, 2000).

Desse modo, no capítulo seguinte, procuramos encontrar mecanismos e desvelar narrativas, (re)produzidas na cultura midiática pós-moderna, que operam esse imaginário e, por conseguinte, outorgam sentidos ao sistema da gordofobia, compreendida, nesse momento, como uma estrutura

social e cultural, simbólica e prática, que oprime, estigmatiza, exclui e acarreta diferentes tipos de violências sobre os corpos gordos e obesos (Cubensi, 2019; Piñeyro, 2016). Todavia, outras representações visuais tornam-se visíveis, nos oferecendo novos modos de olhar, de estar e de nos relacionarmos, conosco e com o mundo. Essas novas ordens de visibilidade e de representação, atuantes em diversos produtos dos meios de comunicações, tornam-se expressões de resistência, causando tensões, produzidas pela disputa de poder, entre as diferentes forças sociais, promovendo outras e novas formas de significar, positivamente, a estética dos corpos gordos e obesos (Andrade, & Bosi, 2003; Jimenez, 2020).

Ainda na segunda seção do capítulo 2, reconhecemos que o campo da educação midiática pode ser encarado como um lugar fértil para a ressignificação do imaginário gordofóbico, uma vez que os espaços educacionais também são interpelados por signos e sentidos culturais, que são exibidos e produzidos, na cultura midiática. Através de estudos já realizados, constatamos que estão presentes em diversas instituições, práticas gordofóbicas, excludentes, discriminatórias, humilhantes e violentas, que recaem sobre estudantes gordas/os e obesas/os, assim como violências entre pares, exercidas sobre alunas/os estigmatizadas/os por aspectos que as/os diferenciam dos grupos dominantes (Mattos, Perfeito, Carvalho, & Retondar, 2012). Por esse motivo, a inclusão de tecnologias digitais no espaço da cultura educacional pode fornecer caminhos reflexivos e críticos, que desvelam as narrativas gordofóbicas, forjadas por diversas expressões visuais (Buckingham, 2010; Fantin, & Girardello, 2009), assim como as manifestações promovidas pelos discursos médicos, que, ao serem reproduzidos no senso comum, acabam, da mesma maneira, por corroborar na discriminação de novos ou antigos signos, como, por exemplo, o peso. Por fim, também compreendemos que essa aproximação entre a cultura midiática e a cultura da escola, pode evitar distinções entre os processos de escolarização e as práticas partilhadas pelas/os estudantes, fora das instituições escolares (Buckingham, 2010; Macedo, & Cabecinhas, 2012).

Portanto, com a finalidade de implementar os objetivos dessa dissertação, aplicamos uma metodologia qualitativa, levando em consideração um conjunto de procedimentos de recolha da informação, tais como fichas de leitura, material iconográfico e, essencialmente, a técnica dos Grupos de Discussão Focalizada. Sendo assim, no capítulo metodológico, que sucede ao enquadramento teórico, demonstramos, com cautela e rigor, os processos adotados no desenvolvimento da seleção das/os participantes, compostas por onze jovens, de 15-17 anos, que pertencem a mesma comunidade escolar. A questão de gênero foi percebida como um fator que poderia ser determinante para a interpretação da estrutura da gordofobia, assim sendo, foi aplicada como um dos critérios de seleção, que nos levou a formar um grupo com adolescentes

que se autoidentificam como meninas e outro com adolescentes que se autoidentificam como meninos. Vale ressaltar que o processo de categorização sobre os assuntos debatidos em cada sessão, a respeito de diferentes aspectos da gordofobia, foram gravados e transcritos, de forma a preservar as palavras, expressões, pausas e entonações, utilizadas pelas/os estudantes, e, estiveram organizados em torno do método da análise de conteúdo de tipo temática, conforme é proposto por Laurence Bardin (2011). Desse modo, podemos considerar que as informações presentes nesse estudo foram obtidas, sem haver quaisquer generalizações, para além daquelas comportadas pela metodologia proposta.

A fase de tratamento dos resultados, exibida no quarto capítulo, girou em torno de três temáticas-chave, sendo elas: *A estrutura da gordofobia*, *O impacto da gordofobia e suas consequências* e *Gordofobia e o campo da Educação*.

No que diz respeito ao primeiro tema, que agregou percepções e noções, interpretadas pelas/os participantes de cada Grupos de Discussão Focalizada quando questionadas/os sobre o que imaginavam ser a gordofobia, notamos que os meninos acessavam esse termo, através de uma ótica mais distanciada do emocional, fundamentada pela ordem das masculinidades, ao passo em que as adolescentes abordaram numa perspectiva mais experiencial, próxima das realidades vividas por cada uma delas, relatando situações ocorridas nos espaços institucionais que eram comuns à todas. Evidenciamos, ainda, que o grupo masculino, além de apresentar mais divergências entre si, indicava estar mais alinhado, em alguns momentos, ao discurso gordofóbico, aspectos estes que não foram revelados na sessão das meninas. Da mesma maneira, é importante referir que os diálogos se desenrolaram com grande maturidade em ambos os grupos, demonstrando interação e fluência entre cada fala das/dos estudantes.

Esse entendimento nos levou a compreender que, termos como gênero e gordofobia podem ser determinantes na formação de sistemas de representação, forjando sentidos e interpretações, a respeito de diferentes estruturas de pensamento, além de gerar tensões sobre identidades, simbolizadas como belas, padrões e até mesmo, saudáveis, que estão cerceadas pela aprovação do olhar do Outro. Para além disso, podemos também inferir que é através do domínio da cultura popular e midiática, refletida em séries, cinema, televisão, revistas, redes sociais, etc., que narrativas gordofóbicas são (re)produzidas, articuladas e ressignificadas por essas/esses jovens, tal como, pelo público em geral.

Por outro lado, a segunda temática foi pensada, consoante as reflexões das/dos jovens, quando estimuladas/os a descrever práticas, consideradas por elas/eles como gordofóbicas. Suas considerações manifestaram diferentes formas de violência, físicas e simbólicas, testemunhadas e vivenciadas, rotineiramente, no âmbito privado e público, como o ambiente escolar e familiar,

que impactam a nível emocional e psicológico, as pessoas consideradas gordas e obesas, como outras categorias de sujeitos, que buscam se adaptar aos corpos socialmente aceites, na intenção de não experienciarem mais condutas abusivas e ofensivas. Além disso, comportamentos submissos a essa violência podem ser desencadeados, uma vez que, na tentativa de lhe resistir, outros marcadores sociais podem ser evidenciados, gerando uma maior situação de vulnerabilidade e novas práticas de exclusão. Também é importante referir que impactos, a nível emocional e psicológico, são manifestos por essa sistematização, através de doenças psicossomáticas que se apresentam no corpo, tais como a bulimia, anorexia e outros transtornos alimentares associados. Vale citarmos que, apesar de as adolescentes terem revelado maiores considerações a respeito da baixa-autoestima, observamos que os dois Grupos de Discussão Focalizada abordaram a questão da insatisfação corporal, tanto na perspectiva de um autojulgamento sobre a sua forma física, quanto por olhares de terceiros. Assim sendo, identificamos que, embora assuntos como violências entre pares, transtornos alimentares e saúde mental, sejam evidenciados, atualmente, no espaço da cultura popular e transmitidos por diferentes tecnologias midiáticas, no Ocidente, ainda existem poucos estudos que se aprofundem sobre as diferentes formas de violência e patologias, associadas aos impactos promovidos pela gordofobia, em especial, no contexto educacional.

Finalmente, a última temática girou em torno do questionamento sobre a maneira como as/os estudantes lidam com o problema da gordofobia no âmbito escolar, a fim de compreendermos como essas ideias são disseminadas no espaço da Educação, refletindo, ao mesmo tempo, possíveis caminhos de prevenção. Os contributos teóricos (Mattos, Perfeito, Carvalho, & Retondar, 2012; Cordeiro, & Buendgens, 2012) e práticos presentes, nesse momento, resultaram na compreensão de que atitudes gordofóbicas, encaradas, muitas vezes, como brincadeiras, não aparecem em uma única faixa-etária escolar, o que nos permitiu concluir que grande parte dos ambientes educacionais, formais ou não-formais, podem vir a ser espaços propícios para a manutenção dessas ações, levando alunas/os consideradas/os como gordas/os e obesas/os, a identificarem esses lugares como não seguros. Do mesmo modo, narrativas gordofóbicas, refletidas no senso comum e nas mídias, são reproduzidas no universo escolar, por meio de insultos, chacotas e apelidos, reforçando, cada vez mais, o imaginário gordofóbico ocidental.

Por esse motivo, enxergamos o campo da educação midiática (Buckingham, 2010; Macedo, & Cabecinhas, 2012), como um meio de desvelar e incentivar reflexões e atuações, simbólicas, críticas, políticas e sociais, no que diz respeito à produção e significação de elementos visuais gordofóbicos, bem como, racistas, homofóbicos, transfóbicos e machistas, acessados pelas/os estudantes através de séries, publicidade, músicas, desenhos, redes sociais e de entre outras

produções, que podem ser utilizadas como importantes ferramentas pedagógicas a serem incluídas, a longo prazo, em currículos programáticos. Pontuamos, nesse momento, que grande parte das/os participantes dos Grupos de Discussão Focalizada inferiram a importância da ação individual sobre o processo de conscientização no que diz respeito a prevenção da gordofobia nas instituições de ensino, tendo atuado, inclusive, como mediadoras/es, ao testemunharem essas situações de violência em contexto escolar. Contudo, entendemos que, para que essa intervenção ser eficaz, as/os alunas/os, bem como as/os profissionais da área da Educação, precisam receber orientações, disponibilizadas pedagogicamente por esses materiais visuais, a fim de que fundamentem os seus argumentos e não caiam no risco de reforçar, mais uma vez, estigmas e preconceitos sobre os corpos gordos.

Consideramos importante ressaltar, ainda, que algumas das limitações encontradas ao longo deste estudo, caracterizaram-se pela demanda de concepções teóricas no campo acadêmico voltadas para projetos políticos pedagógicos, que entendam a cultura visual como um instrumento importante na desconstrução e problematização da gordofobia nos ambientes educacionais, bem como uma discussão aprofundada sobre a perspectiva de gênero que cerceia a temática. Além disso, nem todas as obras abordam o assunto em pontos de vistas que contribuam na ressignificação de narrativas e práticas gordofóbicas, o que revela uma ótica distanciada das experiências cotidianas, vivenciadas por esses grupos sociais estigmatizados. A temática da gordofobia, deve ser compreendida para além de uma representação como objeto de estudo, mas também, como uma estrutura opressora, violenta e excludente, que afeta a existência de pessoas gordas e obesas.

Desse modo, a conscientização coletiva sobre práticas e discursos gordofóbicos, rompe com a ideia de brincadeiras “inocentes”, que subjulgam e discriminam os corpos gordos e obesos. A partir do momento, que se anuncia a intenção de discriminar, essa ação precisa ser pontuada, não tolerada, pois gera marcas, a longo prazo, naquelas/es que vivenciaram estas formas de violência. Portanto, pesquisas futuras de aprofundamento sobre as consequências sócio culturais da gordofobia, assim como a necessidade da implementação de intervenções pedagógicas e de luta política, são relevantes no enfrentamento e erradicação deste sistema opressor nas diferentes instituições, como família e escola, para além dos espaços *online*. Assim, esses estudos podem promover maior robustez às lutas sociais dos diversos tipos de ativismo gordo.

Apesar deste momento ser caracterizado pelas considerações finais, relativas aos conteúdos e resultados obtidos nesta investigação, deixamos claro que a luta contra discursos e práticas, promovidas pela gordofobia, não acaba por aqui. Notamos que, cada vez mais, pessoas gordas e obesas se fazem presentes em diferentes espaços, não apenas pela resistência gerada a partir de

seus corpos, mas também, por suas vozes que ecoam, sem peso, pelo grito ao direito de existirem. Nós, assim como outras/os pesquisadoras/es e ativistas gordas e gordos, demos a largada no campo acadêmico, sob diferentes ângulos e curvas, porém, consideramos essencial que este movimento perdure e se estenda a diferentes espaços, políticos, artísticos, culturais, científicos, educacionais, a fim de demonstrar com quantas calorias se faz uma revolução!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, João (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/35271>
- Amaral, Anabela (2016). Aprender a palavra ao ar livre. Estratégias de modernidade sanitária em Portugal no início do séc. XX. *História. Revista da FLUP*, IV(6), 41-55. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14573.pdf>
- Andrade, Angela, & Bosi, Maria Lúcia Magalhães (2003). Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. *Revista de Nutrição*, 16(1), 118-152. <https://doi.org/10.1590/S1415-52732003000100012>
- Anderson, Perry (1999). *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Araújo, Vânia Maria Mourão (2018). “*Ou então é influência da cor*”: Os personagens negros nos carnavais brasileiros na primeira metade do século XX [Tese de Doutorado]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações da UERJ. <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/7362>
- Arruda, Agnes de Sousa (2019). *O peso e a mídia: Uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade* [Tese de Doutorado]. Repositório Digital da UNIP. <https://repositorio.unip.br/dissertacoes-teses-programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/o-peso-e-a-midia-uma-autoetnografia-da-gordofobia-sob-o-olhar-da-complexidade/>
- Azevedo, Norma Suely Menezes Soares de (2010). A linguagem não-verbal no espaço escolar. *Saber & Educar*, 0(15). <http://dx.doi.org/10.17346/se.vol15.104>
- Barbour, Rosaline (2009). *Grupos focais*. Porto Alegre: Artmed. <https://pt1lib.org/book/5814383/867ff5>
- Bardin, Laurence (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70. <https://pt1lib.org/book/2660061/117106>
- Barreto, Nayara Matos (2013). *Do nascimento de Vênus à arte feminista após 1968: Um percurso histórico das representações visuais do corpo feminino*. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 9, Ouro Preto, Anais. <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/do-nascimento-de-venus-a-arte-feminista-apos-1968-um-percurso-historico-das-representacoes-visuais-do-corpo-feminino>
- Barreto, Nayara Matos Coelho (2014). *Performances do feminino: O lugar da beleza nas vitrines midiáticas* [Dissertação de Mestrado] Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social. [http://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese\\_mestrado\\_2014\\_nayara\\_matos\\_coelho.pdf](http://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese_mestrado_2014_nayara_matos_coelho.pdf)
- Bauer, Martin W., & Gaskell, George (2008). *Pesquisa qualitativa com texto: Imagem e som: Um manual prático* (7ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes. <https://pt1lib.org/book/2656881/5248b6>
- Bhabha, Homi K.(2013). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.



Beauvoir, Simone de (1949). *O Segundo Sexo. 1 Fatos e Mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>

Berth, Joice (2019). *Empoderamento*. São Paulo: Pólen. <https://www2.unifap.br/neab/files/2021/01/Empoderamento-Feminismos-Plurais-Joice-Berth.pdf>

Betti, Marcella Uceda (2014). *Beleza sem medidas? Corpo, gênero e consumo no mercado de moda plus-size* [Dissertação de Mestrado]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. 10.11606/D.8.2014.tde-13052015-115256.

Bilge, Sirma (2009). Théorisations féministes de l'intersectionnalité. *Diogène*, 225(1), 70-88. 10.3917/dio.225.0070

Boavida, João, & Amado, João (2008). *Ciências da Educação: Epistemologia, identidade e perspectivas*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/2804/7/Ci%C3%A2ncias%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o.%20%2%aa%20ed.%20%282008%29.pdf>

Bordo, Susan R., (1997). O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: Jaggar, Alison M., & Bordo, Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento* (pp.19-41). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4687273/mod\\_resource/content/1/Livro%20G%C3%AAnero%2C%20corpo%20e%20conhecimento.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4687273/mod_resource/content/1/Livro%20G%C3%AAnero%2C%20corpo%20e%20conhecimento.pdf)

Borges, Rosane (2019). das perspectivas que inauguram novas visadas. In: hooks, bell (2019). *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante.

Bourdieu, Pierre (2007). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-A-economia-das-trocas-simb%C3%B3licas.pdf>

Braga, Amanda (2013). *Retratos em preto e branco: Discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil* [Tese de Doutorado]. Repositório Institucional da UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6222>

Buckingham, David (2010). Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. *Revista Educação & Realidade*, 35(3), 37-58. <https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Tecnologias%20Educacionais/Cultura%20Digital,%20educacao%20midiatica.....pdf>

Burke, Peter (2004). *Testemunha ocular: História e imagem*. São Paulo: EDUSC.

Butler, Judith P. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/butler-problemas-do-gecc82nero.pdf>

Cardoso, Lourenço (2010). Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 8(1), 607-630. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf>

Cordeiro, Aliciene Fusca Machado, & Buendgens, Jully Fortunato (2012). Preconceitos na escola: Sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 45-54. <https://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/05.pdf>

Coreth, Emerich (1973). *Questões fundamentais de hermenêutica*; tradução de Carlos Lopes de Matos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. <https://pt1lib.org/book/11778332/e207a4>

Costa, Miguel Ataíde Pinto; Souza, Marcos Aguiar; & Oliveira, Valéria Marques (2012). Obesidade Infantil e bullying: A ótica dos professores. *Educação e Pesquisa*, 38(3), 653-665. <https://www.scielo.br/pdf/ep/v38n3/aop680.pdf>

Crenshaw, Kimberle (1989). *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. University of Chicago Legal Forum, 1989, (8). <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>

Crespo, Jorge (2001). A Civilização do Corpo, Comentário. *Revista de Ciências Sociais e Humanas*, 2, 30-35. <https://www.ulusofona.pt/media/texto2-a-civilizacao-do-corpo.pdf>

Cubensi, Krudas (2019). ¡Gorda no es un insulto!. In Piñeyro, Magdalena, *10 gritos contra la gordofobia* (pp.10-25). Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial. <https://pt.pt1lib.org/book/16280655/553bcb>

Denzin, Norman K., & Lincoln, Yvonna S. (Orgs.) (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teoria e abordagem*. Porto Alegre: Artmed. <http://bds.unb.br/handle/123456789/863>

Dethlefsen, Thorwald (2007). *A doença como caminho: uma visão nova da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem*. São Paulo: Cultrix.

Evans, John; Davies, Brian; & Rich, Emma (2010). Schooling the body in a performative culture. In Apple, Michael W.; Ball, Stephen J.; & Gandin, Luis Armando (Eds.), *The Routledge International Handbook of the Sociology of Education* (pp. 200-212). Canadá: Routledge <https://pt.pt1lib.org/book/887298/aae762>

Fantin, Monica, & Girardello, Gilka (2009). Diante do abismo digital: Mídia-educação e mediações culturais. *Perspectiva*, 27(1), 69-96. <https://pdfs.semanticscholar.org/2e13/168a52113368c2059ddd32fdac26030c6ca4.pdf>

Fiorani, Mauro (2007). *Padrões de Corpo e Moda* [Dissertação de Mestrado]. Senac. <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12785054/padroes-de-corpo-e-moda-senac>

Foucault, Michael (1977). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes. [https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault\\_vigiar\\_punir.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf)

Foucault, Michael (1984). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal. <http://www.cidadaniaereflexao.com.br/uems2018/Microfsica%20do%20Poder.pdf>

Foucault, Michael (2008). Topologías (Dos conferencias radiofónicas). <https://docplayer.es/24162158-Michel-foucault-topologias-dos-conferencias-radiofonicas.html>

Francisco, Lucas Vieira, & Diez-Garcia, Rosa Wanda (2015). Abordagem terapêutica da obesidade: entre conceitos e preconceitos. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde*, 10(3), 705-716. <https://doi.org/10.12957/demetra.2015.16095>

Guattari, Felix, & Rolnik, Suely (1996). *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Editora Vozes.

Geertz, Clifford (1997). *O saber local: Novos ensaios em Antropologia interpretativa*. Petrópolis: Editora Vozes.

Geertz, Clifford (2016). Negara: O estado-teatro balinês no século XIX. In Castro, Celso, *Textos básicos de antropologia: Cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros* (pp. 312-344). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. <https://pt.pt1lib.org/book/2769692/f6a0fd>

Gil, Antonio Carlos (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas. <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>

Giroux, Henri A. (2011). Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: Silva, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes (pp. 83 - 100). <https://pt.pt1lib.org/book/11247837/ea33df>

Goellner, Silvana V. (2013). A produção cultural do corpo. In Louro, Guacira L; Jane, Felipe; & Goellner, Silvana V., *Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação* (pp.30-42). Petrópolis: Vozes. [http://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17681/material/corp%20g%C3%A9nero%20e%20sexualidade%20\(1\).pdf](http://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17681/material/corp%20g%C3%A9nero%20e%20sexualidade%20(1).pdf)

Goffman, Erving (2004). *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. [https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma\\_notassobremanipulacaoidentidadedeteriorada.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobremanipulacaoidentidadedeteriorada.pdf)

Gombrich, Ernest Hans (2011). *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC.

Gonçalves, Josiane Peres, & Souza, Valdelice Cruz Da Silva (2019). Vivências de gordofobia e discriminações de gênero entre pré-adolescentes naviraiaenses. *Anais VI CONEDU*. Campina Grande: Realize Editora. <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62993>

Habermas, Jürgen (2002). *Verdad y justificacion*. Madrid: Editorial Trotta. <https://pt.pt1lib.org/book/1175114/6c1ae0>

Hall, Stuart (2000). Quem precisa de identidade?. In Silva, Tomaz Tadeu (Org.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (pp.103-133). Petrópolis: Vozes. <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbncxpZGVudGlkYWRLcG9zfGd4OjU3Mzc2MGJiOTUwODQwNTM>

Hall, Stuart (2011). *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Hall, Stuart (2013). *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- Hall, Stuart (2016). O Ocidente e o Resto: Discurso e Poder. *Projeto História*, 56, 314-361. <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/30023/20834>
- Hirata, Helena (2014). Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, 26(1), 61-73. <https://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/05.pdf>
- Hollander, Anne (1996). *O sexo e as roupas: A evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro, Rocco.
- hooks, bell (2019). *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante.
- Huyghe, René (1998). *O poder da imagem*. Lisboa: Edições 70.
- Isaia, Leticia Sarturi (2015). *A revolução fashion: Os blogs como instrumentos de consolidação da identidade plus size* [Dissertação de mestrado]. RepositóriUM. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/41049>
- Jaggar, Alison (1997). Amor e conhecimento: A emoção na epistemologia feminista. In Jaggar, Alison M., & Bordo, Susan R., *Gênero, Corpo, Conhecimento* (pp.157- 185). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4687273/mod\\_resource/content/1/Livro%20G%C3%AAnero%2C%20corpo%20e%20conhecimento.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4687273/mod_resource/content/1/Livro%20G%C3%AAnero%2C%20corpo%20e%20conhecimento.pdf)
- Jesus, Diego Santos Vieira de (2015). Mundo macho: Homens, masculinidades e relações internacionais. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, 109, 309-364. 10.9732/P.0034-7191.2014v109p309
- Jimenez, Maria Luisa Jimenez (2020). *lute como uma gorda: Gordofobia, resistências e ativismos* [Tese de Doutorado não publicada]. Universidade Federal de Mato Grosso. <https://lutecomoumagorda.net/tese-de-doutorado-lute-como-uma-gorda-gordofobias-resistencias-e-ativismos/>
- Júnior, Wilson Corrêa da Fonseca (2005). Análise de Conteúdo. In Duarte, Jorge: & Barros, Antonio (Org.), *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (pp.280-304). São Paulo: Editora Atlas.
- Kellner, Douglas (2011). Lendo imagens criticamente: Em direção a uma pedagogia pós-moderna. In Silva, Tomaz Tadeu da (Org.), *Alienígenas na sala de aula* (pp.101-127). Petrópolis: Vozes. <https://pt.pt1lib.org/book/11247837/ea33df>
- Knauss, Paulo (2006). O desafio de fazer História com imagens: Arte e cultura visual. *Artcultura*, 8(12), 97-115. <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>.
- Kitzinger, Jenny (2005). Focus group research: Using group dynamics to explore perceptions, experiences and understandings. In Immy Holloway (Ed.), *Qualitative Research in Health Care* (pp.56-69). <https://pt1lib.org/book/949141/56e698>
- Laver, James (1989). *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras.

Leal, Laura Andrian, & Henriques, Silvia Helena (2021). Guia norteador para condução de grupo focal na identificação de competências gerenciais: Relato de experiência. *New Trends in Qualitative Research*, 8, 890–897. <https://doi.org/10.36367/ntqr.8.2021.890-897>

Lipovetsky, Gilles (1989). *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lipovetsky, Gilles (2000). *A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lima, Licínio C. (2006). Administração da Educação e Autonomia das escolas. In: Lima, Licínio C.; Pacheco, José Augusto; Esteves, Manuela; & Canário, Rui. (2006). *A Educação em Portugal (1986-2006): Alguns contributos de investigação*. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. [https://www.adcl.org.pt/observatorio/pdf/AeducacaoemPortugal\\_1986\\_2006.pdf](https://www.adcl.org.pt/observatorio/pdf/AeducacaoemPortugal_1986_2006.pdf)

Lotierzo, Tatiana H. Pinto (2013). *Contornos do (in)visível: A Redenção de Cam, racismo e estética na pintura brasileira do último Oitocentos* [Dissertação de mestrado]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-18122013-134956/pt-br.php>

Lugones, Maria (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 22(3), 935-952. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>

Macedo, Isabel, & Cabecinhas, Rosa (2012). Representações sociais, migrações e media: Reflexões em torno do papel da literacia cinematográfica na promoção da interculturalidade. In Pinto-Coelho, Zara, & Fidalgo, Joaquim (Eds.), *Sobre Comunicação e Cultura: I Jornadas de Doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais* (pp. 179-193). Centro de Estudos e Comunicação Social da Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/65150>

Maculan, Benildes Coura Moreira dos Santos (2020). Ambiguidade e o contexto na representação de informações em domínios de especialidade. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 25, 98-124. <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/4300>

Magalhães, Maria José (2005). *MULHERES, ESPAÇOS E MUDANÇAS: O pensar e o fazer na educação das novas gerações* [Tese de Doutorado]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/19289>

Magalhães, Maria José, & Cruz, Angélica Lima (2014). Violência simbólica contra as mulheres na arte e na vida: O caso da Susana e os Velhos. *Faces de Eva*, 31, 73-96. [https://www.researchgate.net/publication/269802616\\_Violencia\\_simbolica\\_contra\\_as\\_mulheres\\_na\\_arte\\_e\\_na\\_vida\\_o\\_caso\\_da\\_Susana\\_e\\_os\\_Velhos](https://www.researchgate.net/publication/269802616_Violencia_simbolica_contra_as_mulheres_na_arte_e_na_vida_o_caso_da_Susana_e_os_Velhos)

Magalhães, Maria José; Pontedeira, Cátia; Iglesias, Camila; Martelo, Vilma; Guerreiro, Ana; Felgueiras, Raquel; Teixeira, Margarida; & Beires, Ana Filipa (2018). *Relatório português sobre a implementação do Projeto Bystanders*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. [https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=315503](https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=315503)

Martins, Liliana Leandra Gonçalves (2013). *Bullying: A violência entre adolescentes em contexto escolar: uma meta-análise* [Dissertação de Mestrado]. Repositório Científico Digital da Universidade da Madeira. <http://hdl.handle.net/10400.13/650>

Matos, Keyte dos Santos; Zoboli, Fabio; & Mezzaroba, Cristiano (2012). O bullying nas aulas de educação física escolar: Corpo, obesidade e estigma. *Atos de Pesquisa em Educação*, 7(2), 272-295. [10.7867/1809-0354.2012v7n2p272-295](https://doi.org/10.7867/1809-0354.2012v7n2p272-295)

Mattos, Rafael da Silva, & Luz, Madel Therezinha (2009). Sobrevivendo ao estigma da gordura: Um estudo socioantropológico sobre obesidade. *Physis*, 19(2), 489-507. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000200014>

Mattos, Rafael da Silva; Perfeito, Rodrigo; Carvalho, Maria Cláudia da Veiga Soares; & Retondar, Jeferson. (2012). Obesidade e bullying na infância e adolescência: O estigma da gordura. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, 7(2), 71-84. <https://doi.org/10.12957/demetra.2012.3330>

Mattos, Sandra Maria Nascimento de (2020). *Conversando sobre metodologia da pesquisa científica*. Editora Fi. [10.22350/9786587340838](https://doi.org/10.22350/9786587340838)

Menezes, Camila Ferraz Jucá; Ferreira, Rebeca Luisa Passos; & Mélo, Roberta de Sousa (2020). “Imagina ela nua!”: Experiências de mulheres que se autodeclaram gordas. *Revista Estudos Feministas*, 28(2), 1-13. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260118>

Morgan, Alice (2007). *O que é terapia narrativa?: Uma introdução de fácil leitura*. Porto Alegre: Centro de Estudos e Práticas Narrativas.

Morin, Edgar (2003). A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). *Revista FAMECOS*, 10(20), 07-12. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2003.20.3197>.

Nery, Joseanne de Oliveira (2017). Gordofobia: Discursos e estratégias de empoderamento de mulheres gordas ao preconceito. *Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da UNI7*, 7(1), 1-21. <https://periodicos.uni7.edu.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/368>

Pimentel, António Filipe; Grünwald, Dietrich; Debicki, Jacek; & Favre, Jean-François (2010). *História da Arte – arquitetura, escultura, pintura*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/85018>

Piñeyro, Magdalena (2016). *Stop Gordofobia y las panzas subversas*. Editorial Zambra. [https://www.academia.edu/40409060/Stop\\_Gordofobia\\_y\\_las\\_panzas\\_subversas](https://www.academia.edu/40409060/Stop_Gordofobia_y_las_panzas_subversas)

Piñeyro, Magdalena (2019). *10 gritos contra la gordofobia*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial. <https://pt.pt1lib.org/book/16280655/553bcb>

Proença, Graça (2008). *História da Arte*. São Paulo: Ática.

Pink, Sara (2001). *Doing Visual Ethnography*. London: SAGE Publications. <https://pt1lib.org/book/2738815/e27b0e>

Rangel, Natália Fonseca de Abreu (2018). *O ativismo gordo em campo: Política, identidade e construção de significados* [Dissertação de mestrado]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205904>

Rodrigues, Luciana Cozza; & Meira, Mirela Ribeiro (2016). Imagem, sociedade de consumo e educação: Influências das imagens e da cultura visual no cotidiano escolar. *Anais do 25º Encontro da ANPAP*, 429-444. [http://anpap.org.br/anais/2016/comites/ceav/luciana-rodrigues\\_mirela-meira.pdf](http://anpap.org.br/anais/2016/comites/ceav/luciana-rodrigues_mirela-meira.pdf)

Rodrigues, Ana Luísa Marques (2018). *Corpo, Género e Sexualidade* [Dissertação de Mestrado]. Repositório Comum. <http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/25517>

Rodrigues, Ramilla Corrêa; & Arcoverde, Vanessa Machado (2014). *Cinderela não é gorda: Análise da personagem Perséfone na novela Amor à Vida* [Monografia de Bacharelado]. Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente. <https://bdm.unb.br/handle/10483/8556#>

Rose, Gillian (2016). *Visual methodologies: an introduction to researching with visual materials* (4ª ed.). London: SAGE Publications. <https://pt1lib.org/book/3685131/7cd0c5>

Santaella, Lucia (2003). Da cultura das mídias à cibercultura: O advento do pós-humano. *Revista FAMECOS*, 10(22), 23-32. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2003.22.3229>

Santos, Maria das Graças Vieira Proença dos (2000). *História da Arte*. São Paulo: Ática.

Sibilia, Paula (2008). *O Show do Eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2018/02/aula-show-do-eu-de-paula-sibilia-1.pdf>

Silva, Barbara Leone, & Cantisani, Jacobina Rivas (2018). Interfaces entre a gordofobia e a formação acadêmica em nutrição: Um debate necessário. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, (13)2, 363-380. <https://doi.org/10.12957/demetra.2018.33311>

Silva, Denise Pires (2020). A educação como ferramenta na prevenção e combate ao Cyberbullying. *Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFRS*, 7(2), 114-129. <https://doi.org/10.35819/scientiatec.v7i2.3200>

Silva, Taynara Teodoro da (2022). *O impacto do estigma da obesidade na vida social e na promoção da saúde das pessoas com obesidade* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Repositório Institucional – Universidade Federal de Uberlândia. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/34170>

Sim, Julius, & Waterfield, Jackie (2019). Focus group methodology: Some ethical challenges. *Quality & Quantity*, 53, 3003–3022. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11135-019-00914-5>

Simon, Roger J. (2011). A pedagogia como uma tecnologia cultural. In Silva, Tomaz Tadeu da (Org.), *Alienígenas na sala de aula* (pp.61-82). Petrópolis: Vozes. <https://pt.pt1lib.org/book/11247837/ea33df>

Souza, Luciana Karine de (2020). Recomendações para a Realização de Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa. *PSI UNISC*, 4(1), 52-66. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v4i1.13500>

Souza, Valdelice Cruz da Silva, & Gonçalves, Josiane Peres (2021). Gordofobia no espaço escolar: uma análise histórico-cultural. *Revista Ciências Humanas*, 14(1), 1-13. <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a701>

Storey, John (2015). *Teoria cultural e cultura popular: Uma introdução*. São Paulo: Edições Sesc.

Sudo, Nara, & Luz, Madel T. (2007). O gordo em pauta: Representações do ser gordo em revistas semanais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(4), 1033-1040. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000400024>

Taquette, Stella R. (2006). Doenças psicossomáticas na adolescência. *Adolescência & Saúde*, 3(1), 22-26. <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v3n1a05.pdf>

Teixeira, Fábio Luís Santos; Freitas, Clara Maria Silvestre Monteiro de; & Caminha, Iraquitan de Oliveira (2012). A lipofobia nos discursos de mulheres praticantes de exercício físico, *Motriz: Revista de Educação Física*, 18(3), 590-601. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000300019>

Tornich, Carolina de Campos (2019). *Itinerários de Willie Bester nos cenários da África do Sul e de Expografia Mundializada* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de São Paulo. [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-12082019-131548/publico/2019\\_CarolinaDeCamposTornich\\_VOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-12082019-131548/publico/2019_CarolinaDeCamposTornich_VOrig.pdf)

Vianna, Monica Vanderlei (2018). O peso que não aparece na balança: Sofrimento psíquico em uma sociedade obesogênica e lipofóbica. *Polêm!ca*, 18(1), 94-110. <https://doi.org/10.12957/polemica.2018.36073>

Walker, Sarai (2019). ¡Recomendar dietas es violencia y el #TeQuieroIgual también!. In: Piñeyro, Magdalena. *10 gritos contra la gordofobia* (pp.70-77). Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial. <https://pt.pt1lib.org/book/16280655/553bcb>

Wolf, Naomi (2018). *O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. [https://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/O-mito-da-beleza\\_-como-as-imagens-de-beleza-s%C3%A3o-usadas-contra-as-mulheres-1.pdf](https://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/O-mito-da-beleza_-como-as-imagens-de-beleza-s%C3%A3o-usadas-contra-as-mulheres-1.pdf)



## APÊNDICES

## APÊNDICE 1 – CONSENTIMENTO INFORMADO: ENCARREGADA/O DE EDUCAÇÃO



### ENCARREGADA/O DE EDUCAÇÃO

No âmbito do mestrado em Ciências da Educação, a decorrer na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, vem-se solicitar a sua autorização para a/o sua/seu educanda/o participar da pesquisa **“Com quantas calorias se faz uma revolução?”: Problematizando narrativas e discursos gordofóbicos da cultura ocidental no século XXI**, na biblioteca da Escola X.

Neste momento, pretende-se a colaboração desta/e através da participação em grupo-focal. Ressalva-se que os dados recolhidos são anónimos e confidenciais, sendo utilizados exclusivamente no âmbito desta investigação. Vale ressaltar que as/os participantes têm o direito de interromper ou recusar continuar no estudo, a qualquer momento da discussão, sem sofrer quaisquer constrangimentos. Para além disso, salienta-se, por um lado, que a entrevista será alvo de uma gravação com áudio e, por outro, referir a pretensão de divulgar, posteriormente, os resultados perante as/os participantes, em artigos científicos e/ou eventos científicos.

Agradeço, desde já, o contributo da/o sua/seu educanda/o, visto este ser fundamental para o progresso da dissertação em questão. Para qualquer informação adicional, pode entrar em contacto com a investigadora, através do seguinte e-mail: **mouraotabatha@gmail.com**

Deste modo, tendo compreendido o que o estudo implica, enquanto encarregado/a de educação:

autoriza  ou não autoriza  a participação da/o sua/seu educanda/o nesta investigação.

A investigadora: \_\_\_\_\_

A/o Encarregada/o de educação: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE 2 – CONSENTIMENTO INFORMADO: PARTICIPANTE



### PARTICIPANTE

No âmbito de um mestrado em Ciências da Educação a decorrer na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, vem-se solicitar a sua participação na pesquisa “**Com quantas calorias se faz uma revolução?**”: **Problematizando narrativas e discursos gordofóbicos da cultura ocidental no século XXI**”, na biblioteca da Escola X.

Neste momento, pretende-se a colaboração desta/e através da participação em grupo-focal. Ressalva-se que os dados recolhidos são anónimos e confidenciais, sendo utilizados exclusivamente no âmbito desta investigação. Vale ressaltar que a/o participante tem o direito de interromper ou recusar continuar no estudo, a qualquer momento da discussão, sem sofrer quaisquer constrangimentos. Para além disso, salienta-se, por um lado, que a entrevista será alvo de uma gravação com áudio e, por outro, referir a pretensão de divulgar, posteriormente, os resultados perante as/os participantes, em artigos científicos e/ou eventos científicos.

Agradeço, desde já, o contributo, visto este ser fundamental para o progresso da dissertação em questão.

Para qualquer informação adicional, pode entrar em contacto com a investigadora, através do seguinte e-mail: **mouraotabatha@gmail.com**

Deste modo, tendo compreendido o que o estudo implica, enquanto estudante participante:

aceito  ou não aceito  a participação nesta investigação.

A investigadora: \_\_\_\_\_

A/o entrevistada/o: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE 3 – RESULTADO DA DINÂMICA “EU NUNCA X EU JÁ”**

Atividade quebra-gelo	Situações	Reações			
		Grupo-focal 1 (Mulheres)		Grupo-focal 2 (Homens)	
		EU NUNCA	EU JÁ	EU NUNCA	EU JÁ
<b>EU NUNCA X EU JÁ</b>	1)		5		6
	2)		5		6
	3)		5		6
	4)	2	3		6
	5)		5	1	5
	6)		5	5	1
	7)	3	2	6	
	8)		5	2	4
	9)	3	2	5	1

## APÊNDICE 4 – ROTEIRO DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO FOCALIZADA

**Tempo de aplicação previsto:** 1 hora e 30 minutos.

### **1) INÍCIO: ORGANIZAÇÃO (10 minutos)**

- Mediadora e moderadora devem chegar, pelo menos, 30 minutos antes do início das sessões, para organizar a sala em um círculo, posicionar as câmeras e gravadores da maneira que melhor capte o ambiente, e distribuir garrafas de água em cada mesa;
- Recepcionar as/os participantes gentilmente, deixando-as/os à vontade para se organizarem nas mesas;
- Distribuir crachás, com a finalidade de identificar todas/os as/os participantes e facilitar a dinâmica do grupo;
- Após, será feita a recolha do Consentimento Informado, previamente enviado e assinado pelas/os participantes;
- Informar que, a partir deste momento, as gravações serão iniciadas.

### **2) APRESENTAÇÃO (15 minutos)**

- **Apresentação mediadora:** Olá à todas/todos! Me chamo Tabatha e sou mestranda do curso de Ciências da Educação, da Universidade do Porto e irei coordenar esta discussão de forma que vocês se sintam à vontade para participar ou tirar dúvidas, a qualquer momento do encontro. Desde já, agradeço imensamente a presença de todas/todos aqui e espero que seja um encontro agradável para nos conhecermos e trocarmos experiências.
- **Apresentação observadora:** Olá à todas/todos! Me chamo X, e irei acompanhar os encontros, realizando apontamentos acerca do debate e da dinâmica do ambiente. Será um gosto estar com vocês ao longo desse encontro.
- **Introdução da temática:** Considerando que há poucas pesquisas relacionadas à temática da gordofobia e a violência que está implícita neste termo, propomos esse espaço de discussão para que jovens, assim como vocês, possam compartilhar as suas experiências, concepções, ideias e reflexões, a respeito desta temática.
- **Normas para o funcionamento do debate:** Para que possamos nos organizar e tornar o debate mais dinâmico, é importante termos em mente algumas regras: levantar a mão antes de iniciar qualquer fala, para que sejam evitadas interrupções na nossa discussão; é importante que fale uma pessoa de cada vez, para que todas/os possam ser ouvidas/os; dizer o próprio nome no começo de cada frase, para que fique claro na gravação qual participante está falando no

momento; eu e a (dizer o nome da observadora) estaremos aqui para o esclarecimento de dúvidas que possam surgir no decorrer e após as sessões; é muito importante deixar claro para vocês que não existem respostas “certas” ou “erradas” e que todas as considerações serão bem-vindas; assinalo que não devem ser feitos juízos de valor (julgamentos) diante das contribuições, pois as vivências de cada participante em relação a temática abordada são diferentes; destaco a importância em manter o foco de discussão voltado para a temática da pesquisa apresentada; a qualquer momento vocês tem o direito de desistir de participar do grupo de discussão; ao longo de todo o encontro, visaremos pelo bem-estar de vocês; por fim, gostávamos de saber se todas/todos aqui presentes concordam em manter a *confidencialidade da pesquisa*, ou seja, não revelar as informações que serão disponibilizadas aqui? (Aguardar resposta das/dos participantes); também gostávamos de saber se se todas/todos aqui presentes concordam em manter o *anonimato* das pessoas que fizeram parte deste grupo, ou seja, não revelar as identidades pessoais das/dos participantes mesmo após o encerramento das sessões? (Aguardar resposta das/dos participantes).

**Agora, daremos início a uma atividade rápida, mas que fará com que possamos nos conhecer melhor e para já irmos nos entrosando com a temática:**

**• Atividade Quebra-gelo: “EU NUNCA X EU JÁ” (10 minutos)**

A mediadora colocará uma régua estendida no meio da sala, dividindo-a em dois lados. Após essa divisão, a moderadora posicionará duas folhas no chão de cada lado repartido, contendo a frase “Eu nunca” e “Eu já”. Nesse momento, será explicado que a mediadora dirá em voz alta algumas situações cotidianas e que as/os participantes deverão movimentar-se pela sala, indicando se já vivenciaram ou nunca vivenciaram aquele contexto, posicionando-se do lado da folha que represente a sua resposta.

*Lista de situações:*

- 1) Pensei em fazer uma dieta;
- 2) Tive medo de engordar;
- 3) Pensei em começar a fazer exercícios, com o objetivo de emagrecer;
- 4) Tive vontade de mudar o meu corpo por causa de comentários maldosos de outras pessoas;
- 5) Senti-me insatisfeita/o com o meu corpo;
- 6) Senti-me desconfortável em expor o meu corpo na praia/piscina;

- 7) Recebi uma alcunha ou fui “gozada/o” por conta do meu corpo;
- 8) Questionaram-me, de forma negativa, sobre o que eu estava a comer;
- 9) Tive vergonha em comer perto de alguém;

*Encerramento da dinâmica:*

A mediadora perguntará se as/aos participantes gostariam de dizer algo sobre a atividade. Questionará, também, como se sentiram ao saber que outra pessoa vivenciou a mesma situação que elas/eles.

**3) DESENVOLVIMENTO (20 minutos)**

- O que vocês imaginam ser a gordofobia?
- O que, para vocês, pode ser caracterizado como um comportamento gordofóbico?

*Pergunta recurso: Podem citar um exemplo do que seria um comportamento gordofóbico, na opinião de vocês?*

- Nos desenhos animados, séries, filmes, novelas, como para vocês o corpo gordo é representado?

*Pergunta recurso: Podem recordar de algum personagem gordo e nos dizer como ele/ela é representado?*

- Como vocês lidam com a questão da gordofobia aqui na escola?

*Pergunta recurso: A partir da nossa conversa até agora, como poderíamos então lidar com a gordofobia aqui no espaço escolar?*

*Encerramento do debate:*

- Após o momento da discussão, estimulada pelas perguntas norteadoras, solicitar que as/os participantes digam palavras que podem estar associadas ao termo gordofobia e enquanto isso, a moderadora as apontará no quadro.
- Assim que terminada esta etapa, informar que elas/eles terão 25 minutos para construir um cartaz de prevenção da gordofobia, realizando desenhos e colagens com o material que será disponibilizado (cartolinas, lápis de cor, canetinhas, tesouras, colas e revistas), na finalidade de expor esses trabalhos nos corredores da escola (caso autorizem) e nas redes sociais da instituição. Vale referir que as palavras anotadas no quadro poderão as/os ajudar a montarem o *slogan* da campanha.

#### **4) MONTAGEM E APRESENTAÇÃO DO CARTAZ (25 minutos para a confecção e 5 minutos de apresentação)**

- Após o término dos cartazes, a mediadora dará início a apresentação dos trabalhos.

#### **5) ENCERRAMENTO (5 minutos)**

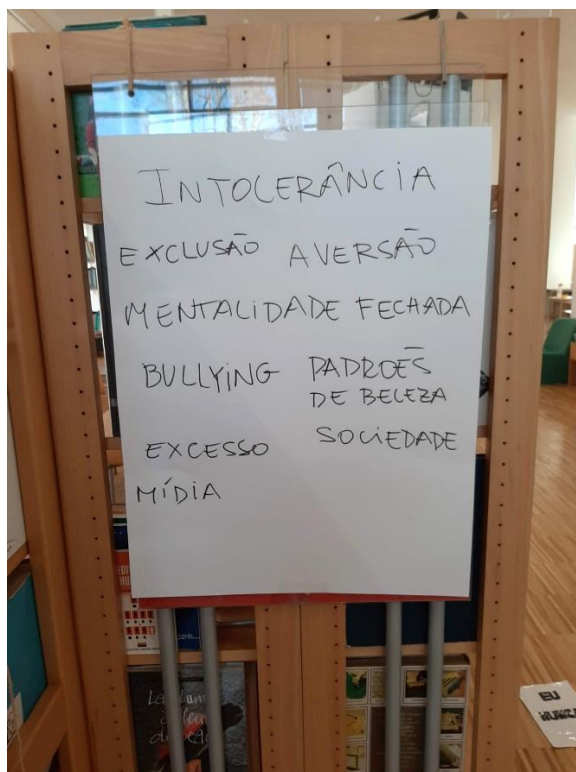
- A mediadora sintetizará o que foi debatido pelo grupo (pontos principais da discussão) e depois, perguntará se alguém tem o interesse em compartilhar mais alguma coisa;
- Em seguida, a equipe de investigação agradecerá pela participação de todas/todos;
- Por fim, os cartazes serão conduzidos até o local autorizado, para serem expostos. A equipe de investigação fará os registros fotográficos deste momento.



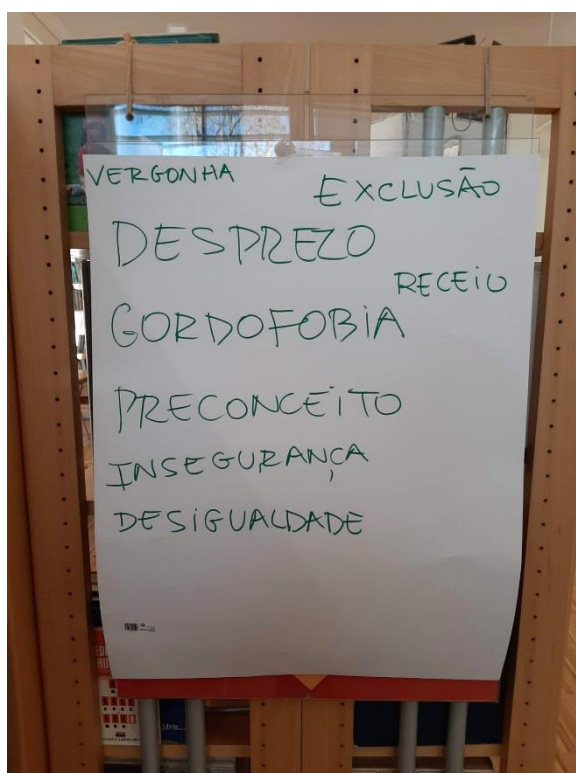
## **ANEXOS**

## ANEXO 1 – FOLHA A3 COM PALAVRAS SOBRE O TERMO GORDOFOBIA

### *Grupo-focal 1 (Meninas)*

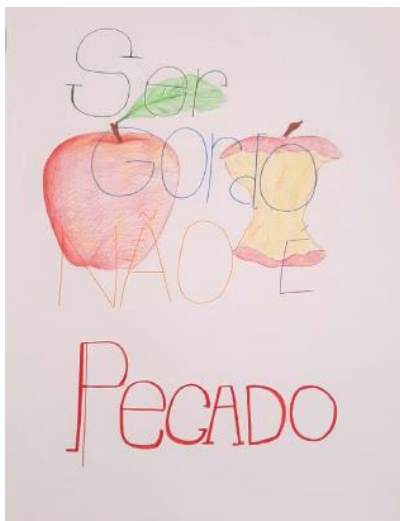


### *Grupo-focal 2 (Meninos)*



**ANEXO 2 – RESULTADOS DOS CARTAZES DE PREVENÇÃO DA GORDOFOBIA**

*Grupo-focal 1 (Meninas)*



*Grupo-focal (Meninos)*

